

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS- IREL

A GLOBALIZAÇÃO DO RADICALISMO ISLÂMICO
UM ESTUDO DE CASO DA AL QAEDA SOB A LUZ DO CHOQUE DE
CIVILIZAÇÕES

ALEXANDRE SANTOS DE AMORIM

PROF^a DR^a MARIA HELENA DE CASTRO SANTOS

Orientadora

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS- IREL

A GLOBALIZAÇÃO DO RADICALISMO ISLÂMICO

UM ESTUDO DE CASO DA AL QAEDA SOB A LUZ DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

ALEXANDRE SANTOS DE AMORIM

PROF^a DR^a MARIA HELENA DE CASTRO SANTOS

Orientadora

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA UNB
COMO REQUISITO FINAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO POLÍTICA INTERNACIONAL E
COMPARADA

BRASÍLIA

AGOSTO DE 2008

Banca Examinadora

Profª Drª Maria Helena de Castro Santos

Presidente

Profº Dr. Nizar Messari

Membro

Profº Dr. Alcides Costa Vaz

Membro

Agradecimentos

Inicialmente gostaria de agradecer ao Departamento de Relações Internacionais da UNB pelo entendimento e tolerância diante das minhas dificuldades e compromissos profissionais permitindo o adiamento de minha dissertação.

Agradeço a Profª Maria Helena pela silente orientação, pelos aconselhamentos e pela sua constante disposição em me atender e dirimir minhas duvidas sempre contribuindo para o meu crescimento acadêmico.

Aos meus pais pela criação e educação que me proporcionaram e por terem desenvolvido em mim o gosto pela leitura e pesquisa desde cedo; minha mãe, sempre preocupada com o desenvolvimento do trabalho e que muito me ajudou na formatação final; minha namorada Renata, pela tolerância e paciência nesses difíceis meses de confecção do trabalho e pelo apoio moral constante que nunca faltou nos momentos difíceis.

RESUMO

Essa dissertação analisa o processo de globalização do radicalismo islâmico, por meio de um estudo de caso da organização terrorista Al Qaeda, entendida como a principal representante desse novo terror globalizado. Procuramos estudar como surgiu esse movimento, sua evolução e seu atual estágio. Á fim de melhor entender por que a Al Qaeda lançou sua guerra santa contra o Ocidente, aplicamos o modelo do “choque de civilizações” do autor norte-americano Samuel P. Huntington como referencial teórico para que, à sua luz, pudéssemos obter respostas mais precisas sobre o fenômeno em questão. Com o intuito de compreender o ineditismo do caráter e da ação da Al Qaeda fez-se necessário um estudo do fenômeno do terrorismo desde os seus primórdios. Há quase 2000 anos atrás, até os dias atuais, analisando os principais grupos, suas ideologias e suas ações ao longo das décadas. Uma vez traçado o histórico do terror no mundo, analisou-se a Al Qaeda, seu embasamento doutrinário, seu surgimento, sob a poeira da Guerra do Afeganistão, e seu crescimento nas suas fases sudanesa e afegã, culminando com os espetaculares ataques suicidas de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center em Nova York e o Pentágono em Washington. Na seqüência, estudamos as conseqüências que a guerra contra o terrorismo, lançada pelos Estados Unidos causaram ao funcionamento e a infraestrutura da organização e ainda, como a Al Qaeda reagiu e se adaptou a esse novo cenário, continuando a apresentar-se como uma das mais sérias ameaças à estabilidade mundial no Século XXI.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the process of globalization of Islamic Radicalism by means of a case study of the terrorist group Al Qaeda, the most important representative of this new global terrorism. How this movement arose, grew up through decades and its actual stage. For a better understanding of how Al Qaeda launches its Holy War against the West, we apply Huntington's Clash of Civilization Model in order to achieve more precise answers about the phenomenon. To understand the singular mark and action of Al Qaeda, it was necessary to study the terrorism phenomenon since its beginning, almost 2000 years ago, until present days, analyzing the most important groups, its ideologies and actions throughout the decades. After outlining the history of terrorism in the world, we analyze Al Qaeda, its doctrinaire principles and creation, under the dust of the Afghanistan War, and growing in Sudanese and Afghan phases that culminates in the spectacular suicide attacks of September 11. After, we study the consequences of the war against terrorism, launched by the United States, caused to the functioning and organization and more how Al Qaeda reacts and adapts himself to this new scenario, remains one of the most important threats to world stability in the twenty-first century.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO DO ISLAMISMO RADICAL E O	5
CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES	5
1.1 O Choque de Civilizações	8
1.2 O Ressurgimento do Islamismo Radical	13
1.3 A Ummah	17
1.4 As Tensões entre o Islã e o Ocidente	19
CAPÍTULO 2 - A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO NO MUNDO.....	24
2.1. AS CARACTERÍSTICAS DO TERRORISMO TRADICIONAL.....	24
2.1.1. AS ORIGENS DO TERRORISMO	26
2.1.2. Terrorismo nas décadas de 1960 e 1970.....	35
2.1.3. O Terrorismo Nacionalista Palestino.....	37
2.2. A ASCENSÃO DO TERRORISMO ISLÂMICO NO ORIENTE.....	43
MÉDIO	43
2.2.1. O Terrorismo Xiita do Hezbollah	43
2.2.2. A Islamização do Conflito entre Israelenses e Palestinos: a	48
Ascensão do Hamas	48
2.3. Conclusão Parcial.....	53
CAPÍTULO 3 – A AL QAEDA	55
3.1. BASE IDEOLÓGICA.....	56
3.1.1. Sayyd Qutb e a Irmandade Muçulmana.....	57
3.1.2. Mawdudi e o Movimento Deobandi	63
3.1.3. O Wahabismo.....	68
Capítulo 4- A EVOLUÇÃO HISTORICA DA AL QAEDA.....	73

4.1. AS ORIGENS DA AL QAEDA	73
4.2. OS PRIMEIROS ANOS DA ORGANIZAÇÃO.....	79
4.3. A FASE AFEGÃ.....	85
4.4. O PÓS-11 DE SETEMBRO.....	90
4.5. O Modus Operandi da Al Qaeda e seu Alcance Global	93
4.5.1. Funcionamento Global	94
4.5.2. Caráter Religioso.....	95
4.5.3. Estrutura Funcional e Operacional	97
4.5.4. Táticas Terroristas	99
4.5.5. Financiamento.....	100
4.5.6. Evolução Recente.....	101
CONCLUSÃO.....	105
BIBLIOGRAFIA	109

INTRODUÇÃO

Os atentados de 11 de setembro de 2001, que destruíram o World Trade Center em Nova York e parte do Pentágono, Quartel General das Forças Armadas dos Estados Unidos em Washington/DC, causando a morte de mais de 3.000 pessoas, tiveram um significado único no cenário internacional. A catástrofe provocada por terroristas suicidas, que transformaram aviões comerciais em bombas, marcou o ápice de um fenômeno que vinha tomando forma desde o final da década de 1980 e avançara de forma assustadora nos anos 1990. De fato, surgia o terrorismo islâmico de alcance global, verdadeira globalização do radicalismo levado a cabo pela organização terrorista Al Qaeda, liderada pelo milionário saudita Osama Bin Laden.

Depois desses ataques, o mundo viu-se diante de vários questionamentos a fim de tentar buscar uma explicação para essa nova forma de terrorismo: o que viria a ser a Al Qaeda? Por que ela difere tanto dos demais grupos terroristas até então atuantes? Por que seu terrorismo ultrapassa as fronteiras consagradas do Islã e atinge o mundo todo?

Até meados dos anos noventa, o terrorismo, mais especificamente o islâmico, sempre se restringiu a agir em suas respectivas regiões de interesse. Assim, nas últimas décadas, diversas organizações com este apelo surgiram em vários países: o *Hezbollah*, atuando no Líbano e Israel, a Jihad Islâmica no Egito, o Hamas na região da Palestina, entre outros.

O radicalismo nunca foi novidade dentro da cultura muçulmana. Durante séculos, correntes de pensamento com visão mais estrita do Islã se manifestavam, muitas vezes teoricamente e algumas vezes por meio da violência. Porém, durante vários anos seu objetivo sempre foi a luta inicialmente contra as potências coloniais e posteriormente contra os governos nacionalistas e as alas mais moderadas do islamismo político, sendo seu foco principal a concretização da *Ummah*¹ e a implantação de uma sociedade regida pelo Islã.

¹ *Ummah*: Comunidade, tanto de fiéis quanto no sentido nacional.

Essa luta de ascensão do islamismo radical desenvolveu-se por quase todo o século XX, porém sem alcançar sucesso. A revolução iraniana de 1979 pareceu, à primeira vista, uma vitória da religião sobre a política secularista, entretanto análise mais profunda nos mostra que o modelo iraniano encontrava-se até certo ponto afastado da “sociedade ideal” pregada pelos radicais. Paralelo a esse fenômeno, a política do mundo islâmico continuou sendo regida por plataformas, salvo poucas exceções, moderadas e secularistas.

A partir da década de 1970, a incapacidade dos diversos governos do Oriente Médio em promover o desenvolvimento social, econômico e político de seus países levou a uma descrença crescente de grande parte da população daqueles modelos e de seus líderes, distanciando mais uma minoria abastada de uma maioria vivendo na pobreza. Geravam-se assim as condições necessárias para o surgimento de um movimento de renascimento religioso que fundamentaria as bases para a ascensão do islamismo político. O Islã radical parecia ser a solução para essas questões.

Apoiando-se no forte apelo proporcionado pelo retorno aos fundamentos da religião, os líderes desses movimentos radicais conseguiram conquistar um número cada vez maior de adeptos às suas visões de mundo. Alia-se a isso, a vitória conseguida pelos rebeldes *Mujahedin*² contra a potência soviética em sua *Jihad*³ no Afeganistão. Criava-se o mito da invencibilidade islâmica e as bases para o crescimento e fortalecimento do Islã radical.

Dentre os diversos grupos que começavam a ganhar força e espaço no início da década de noventa estava a Al Qaeda, uma organização que tinha seu núcleo base composto por veteranos da Guerra do Afeganistão contra a invasão soviética e por integrantes de outros grupos radicais. Em um espaço relativamente curto de tempo, essa organização começou a ganhar destaque no cenário internacional ao reivindicar a autoria de diversos atentados terroristas, na sua maioria contra alvos ocidentais e israelense. O auge de sua ação foram os atentados de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos. Em resposta, os norte-americanos lançaram uma poderosa campanha

² *Mujahedin*: Guerreiro da Jihad.

³ *Jihad*: Luta em favor de Deus; aplicada tanto para a busca do auto-controle quanto à islamização da sociedade e a luta armada contra os infiéis.

militar que visava a destruir os santuários da organização no Afeganistão, controlado pelos Talibãs. Essa ação não só causou pesadas baixas nos quadros da organização como também, ao derrubar o governo talibã, negou à Al Qaeda um “território liberado”. Não obstante essa derrota militar, os atentados continuaram a atingir alvos ocidentais por todo o globo.

Face ao exposto, o presente trabalho tem por objetivo analisar como e por que o radicalismo islâmico, historicamente concentrado no Oriente Médio, rompeu com esse padrão até então observado e lançou sua campanha terrorista contra o Ocidente. A fim de encontrar essas respostas será realizado um estudo de caso da organização terrorista Al Qaeda, principal representante desse “novo terrorismo”, buscando-se analisar suas origens, os princípios basilares da organização e as circunstâncias que favoreceram seu surgimento. Além disso, analisaremos sua ascensão ao longo da década de noventa, seu crescimento, suas principais ações, como adquiriu seu caráter “globalizado” e o porquê da declaração de guerra contra o Ocidente e Israel. Estaremos nós diante de um terrorismo civilizacional? A bipolaridade capitalismo/comunismo deu lugar à dicotomia Ocidente/Islã? Buscaremos também estudar até que ponto a ação norte-americana no Afeganistão afetou a capacidade operacional da Al Qaeda ou modificou sua estrutura e *modus operandi*.

A fim de maior compreensão deste fenômeno, utilizaremos como modelo a teoria civilizacional de Samuel Huntington, importante cientista político estadunidense, apresentada em sua obra “O Choque de Civilizações”, pois esta nos permite interpretar de forma satisfatória o fenômeno em questão, já que seus pressupostos giram em torno da idéia de que as questões chave da política internacional se baseiam nas diferenças civilizacionais existentes.

Tal escolha não pretende, de forma alguma, reduzir o debate do terrorismo islâmico ao escopo civilizacional, muitos outros modelos teóricos podem servir como base para o estudo do radicalismo religioso. A gama de exemplos vai desde modelos que colocam a religião como a substituta da ideologia, teorias filosóficas baseados na religião, passando por construções fundadas na análise psicológica das ações individuais, até outros baseados na escolha racional. Porém o alcance do trabalho não nos permite ampliar de tal forma nosso escopo teórico.

Na primeira parte do trabalho, apresentaremos o modelo teórico de Huntington, abordando seus principais pressupostos e indicando os pontos da teoria que nos servirão para melhor entender como o radicalismo islâmico se desenvolveu do fim dos anos 1970 aos dias atuais. No segundo capítulo, faremos um estudo sobre o fenômeno do terrorismo, estudando seus conceitos e sua evolução ao longo dos anos, as principais organizações atuantes, suas ideologias motoras, suas ações mais importantes e suas conseqüências para a política internacional. O terceiro capítulo irá tratar do estudo de caso da organização terrorista Al Qaeda, estudando inicialmente as bases religiosas que fornecem os pilares doutrinários da organização. Analisaremos em seguida suas origens na década de 1980, sua evolução ao longo dos tempos, seus principais líderes e suas formas de ação. Finalizaremos esse capítulo com o estudo da atuação da Al Qaeda no pós-11 de setembro, avaliando até que ponto a organização continua a representar uma ameaça à segurança internacional. Em nossa conclusão, aos dados apresentados no estudo de caso será aplicada a construção teórica civilizacional, procurando-se demonstrar a adequação desta teoria para explicar o fenômeno do terrorismo islâmico globalizado praticado pela Al Qaeda.

CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO DO ISLAMISMO RADICAL E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

A onda de comoção gerada pelo impacto dos sangrentos ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos levou a comunidade científica mundial a uma intensa busca de explicações plausíveis para o fenômeno: quais eram os objetivos e motivações por trás daquele grupo de terroristas que acabava de atacar o coração da civilização ocidental?

Torna-se árdua para qualquer pesquisador a tarefa de estabelecer um modelo teórico que possa ser plenamente adequado para o entendimento de fenômeno tão complexo como o terrorismo, tendo em vista as diversas facetas que o terror tem demonstrado ao longo do tempo: suas origens, motivações, membros e ações têm mudado constantemente, e poucas ou quase nenhuma das características do terrorismo do final do século XIX são encontradas atualmente. O fato é que não existe nenhum guia sistemático para o terrorismo, pois algum fator presente em uma manifestação não é, necessariamente, aplicável à outra⁴.

Muitas das pesquisas científicas realizadas no pós-11 de setembro tentavam analisar o indivíduo terrorista: quem eram aqueles homens que declaravam guerra contra o Ocidente em nome de Deus sacrificando suas próprias vidas? No nível do ator individual, aplicaram-se modelos que utilizavam desde a ótica psicológica até modelos que estudavam o terrorismo sob a lógica racional.

Sob o ponto de vista psicológico, alguns autores enxergavam o terrorista como alguém com sérias desordens mentais cujo incentivo para recorrer ao terror advinha de uma infância difícil ou de graves transtornos de personalidade. Ainda sob essa visão, imaginavam que o indivíduo que recorria ao terrorismo como arma poderia não ter nenhuma tendência a recorrer, individualmente, ao terror, mas ao se inserir em uma dinâmica de grupo, este

⁴ LAQUEUR, Walter. **No End to War: Terrorism in Twenty-First Century**. New York: Continuum International Publishing Group, 2004.p.8.

moldaria seu caráter e o levaria para este caminho⁵. A aplicação desse modelo no estudo do terrorismo islâmico é, contudo, inadequada, uma vez que, em virtude do caráter desses indivíduos, no sentido de haverem poucos deles dispostos a fornecer informações confiáveis a respeito de suas características pessoais e atividades, torna-se difícil obter-se uma amostra significativa e homogênea, como base para uma generalização confiável.

Sob a ótica racional, Marta Crenshaw diz que o terrorismo é uma estratégia política que pode seguir um processo lógico⁶. A autora afirma que o recurso à violência é uma escolha deliberada feita por uma organização por razões políticas e estratégicas mais do que como um resultado não intencional de fatores sociais e psicológicos. A opção pelo terror é decidida pela aplicação de processos normais de tomada de decisão cujos líderes da organização realizam uma análise racional de avaliação de custos e benefícios, na qual diversas linhas de ação surgem, e o terrorismo é avaliado como a melhor. Entretanto, ao focar nos líderes de um grupo e na escolha racional, esse modelo restringe, a nosso ver, o entendimento das motivações que estariam por trás do movimento terrorista islâmico em si.

Por outro lado, há autores que defendem a visão de que o radicalismo islâmico moderno é muito mais um fenômeno individual do que uma resposta coletiva a alguma ameaça, e retiram o papel da religião como principal motivador do terrorismo. Para eles, esse movimento estaria bem mais próximo da tradição ocidental da revolta individual e pessimista por um mundo ideal do que algo relacionado diretamente aos fundamentos do Islã como religião⁷. Tendo em vista que, diferente de qualquer outra civilização, a islâmica está intrinsecamente ligada a sua religião definidora. Torna-se assim, extremamente arriscado desconectar no Islã, o componente religioso da análise do radicalismo islâmico moderno.

⁵ POST, Jerrold M. **Terrorism psycho-logic**: Terrorist behaviour as a product of psychological forces. In: REICH, Walter (Ed.). *Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of mind*. Washington: The Woodrow Wilson Center Press, 1990. p.31.

⁶ CRENSHAW, Martha. **The Logic of Terrorism** : Terrorist Behaviour as a product of strategic choice. Washington. In: REICH, Walter (Ed.). *Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of mind*. Washington.: The Woodrow Wilson Center Press, 1990. p.8.

⁷ ROY, Olivier. **Globalized Islam**: The Search for a New Ummah. Washington. Columbia University Press, 2004. p.43.

Outros modelos de explicação centrados no indivíduo ainda poderiam ser utilizados. Contudo, ao concentrar as explicações do terrorismo no nível individual todos eles terminam sendo muito reducionistas.

Além dos modelos individuais, alguns autores buscam a aplicação de modelos mais abrangentes. Um deles, por exemplo, baseia-se na teoria das redes sociais, em que o cerne do funcionamento da Al Qaeda estaria naqueles indivíduos operacionais integrantes de células terroristas e não no seu comando operativo. Assim, a Al Qaeda não seria uma organização, mas sim uma rede social com uma dinâmica *bottom-up*⁸. Opõem-se a esse modelo teorias que indicam que o funcionamento da organização estaria esquematizado num sentido *top-down*, ou seja, a essência da Al Qaeda seria suas lideranças e a eliminação dessas levaria ao desmantelamento do grupo⁹.

De fato, parece-nos que para o entendimento do terrorismo islâmico de caráter global, faz-se necessária uma análise no nível internacional, o que nos leva, dessa maneira, a escolher uma teoria sistêmica, em que a estrutura do sistema internacional afeta as unidades em interação e estas por sua vez afetam a estrutura. Além disso, para entender o terrorismo é mandatório investigar suas origens mais do que lidar com as suas manifestações visíveis¹⁰ e no nosso entendimento as bases do radicalismo islâmico encontram-se na dimensão cultural do Islã. A teoria do Choque de Civilizações de Samuel Huntington cumpre esses requisitos, embora não seja a única.

Quando lançado no início da década de noventa, a obra “O Choque de Civilizações”, do cientista político estadunidense Samuel Huntington, gerou grande polêmica na comunidade das relações internacionais. O mundo de então vivia o fim da guerra fria e a comunidade acadêmica era tomada por diversos debates teóricos que procuravam entender melhor esta situação e a conseqüente ascensão dos Estados Unidos à condição de única potência hegemônica. Tal debate era dominado em grande parte pelas teorias

⁸ SAGEMAN, Marc. **Leaderless Jihad: Terrorism Networks in the Twenty-First Century**. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 2008. P.187.

⁹ HOFFMAN, Bruce. **The Myth of Grass-Roots Terrorism: Why Osama Bin Laden Still Matters**. Foreign Affairs, May/June 2008.

¹⁰ LAQUEUR, Walter. **No End to War: Terrorism in Twenty-First Century**. New York: Continuum International Publishing Group, 2004.p.11.

liberalistas que enxergavam o mundo a partir de então, com certa tranqüilidade: muitos acreditavam que se chegava ao “fim da história”, como predisse à época o teórico Francis Fukuyama¹¹.

Huntington, por sua vez, na contra-onda dessa visão otimista, inicialmente, por meio de um artigo¹² e, posteriormente, lançando um livro¹³, expunha sua teoria do conflito civilizacional para as relações internacionais no mundo pós-Guerra Fria. As forças civilizacionais se tornariam, assim, o centro dos conflitos da nova era.

A teoria de Huntington foi pesadamente criticada, Alguns a consideravam extremamente reducionista, ao focalizar apenas o aspecto civilizacional na ampla gama de variáveis das relações internacionais. Outros viam a teoria como controversa por oferecer uma visão por muitos considerada preconceituosa em relação às civilizações por ele nominadas de “não-ocidentais”¹⁴.

Em que pese a razão de algumas críticas, a visão civilizacional das relações internacionais nos parece adequada para o estudo aqui proposto, já que acreditamos que o radicalismo islâmico, em sua grande parte, é marcado, justamente, por um conflito de civilizações, ou seja, entre o Ocidente e o Islã. De fato, como veremos ao longo do trabalho, a visão de mundo pregada pela Al Qaeda, e difundida por meio de seus manifestos e discursos, bem como o tipo de suas ações são repletas de referências culturais excludentes do Ocidente.

1.1 O Choque de Civilizações

Ao apresentar o conceito do choque de civilizações, Huntington esclarece alguns pressupostos básicos que sustentam sua teoria. Para ele, o mundo está repleto de forças reais de integração, as quais, motivadas por uma crescente globalização de todos os aspectos da vida societária, estariam

¹¹ FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. London: Penguin, 1992. 426p.

¹² HUNTINGTON, Samuel P. **The Clash of Civilization?** Foreign Affairs, Summer 1993.

¹³ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. 455p.

¹⁴ AJAMI, Fouad. **The Summoning**. Foreign Affairs, September/October 1993.

produzindo forças contrárias de afirmação cultural e consciência civilizacional. Para ele, o mundo é anárquico, mas as maiores ameaças para a sua estabilidade são aquelas que antepõem Estados ou grupos civilizacionais diferentes¹⁵.

Para os propósitos desse trabalho é necessária a definição de alguns conceitos básicos. São eles: o de cultura, de civilização propriamente dita e as definições das duas civilizações antagonicas, no caso, em estudo, a ocidental e a islâmica.

A definição de cultura é bastante controversa e abrangente. No sentido estrito da palavra, cultura se refere aos costumes, crenças, artes, ciências, modo de vida e organização social de um país ou de um grupo¹⁶, abrangendo desde produção intelectual até manifestações musicais e artísticas. Porém, para efeito desse trabalho, entenderemos cultura em termos puramente subjetivos, como os valores, as atitudes, as crenças, as orientações e os pressupostos subjacentes que predominam entre os membros de uma sociedade¹⁷. E, por fim, civilização e cultura se referem ambas ao estilo de vida em geral de um povo, e uma civilização é uma cultura em escrita maior¹⁸; e o mais importante elemento objetivo definidor de uma civilização é a religião.

Assim sendo, uma civilização seria o mais alto agrupamento cultural de pessoas e o mais amplo nível de identidade cultural que as pessoas têm. Ela é definida por objetivos comuns, tais como língua, história, religião, costume, instituições e a auto-identificação subjetiva das pessoas. A civilização à qual se pertence é o nível mais amplo de identificação. As civilizações são o maior “nós” dentro do qual nos sentimos culturalmente à vontade, em contraste com todos os outros “eles” por aí fora¹⁹.

Alguns autores contestam esse enfoque civilizacional, primeiramente, por enxergarem a definição de cultura no sentido mais amplo possível, e, nesses termos, a religião seria um componente da cultura e não a definidora da cultura em si. Para eles, a religião está normalmente inserida em uma ou mais

¹⁵ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.p.39.

¹⁶ **OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY**. New York: Oxford University Press, 2005. p.373

¹⁷ HUNTINGTON, Samuel P. **A Cultura Importa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.p.13.

¹⁸ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.p.46.

¹⁹ *Ibid.*p.48.

culturas, mas não poderia ser reduzida a uma cultura como defendido pela ótica culturalista²⁰. Nesse último caso, defende-se que o Islã deve ser visto meramente como uma religião assim como é o cristianismo ou o judaísmo. Nesse sentido, ele seria um dos componentes dos diversos grupos culturais existentes no mundo muçulmano tais como árabes, persas e malaios.

A civilização ocidental surgiu como tal por volta de 700 ou 800 d.C, com a consolidação do cristianismo como religião praticada no Império Romano, sendo atualmente composta pela Europa, América do Norte e América Latina. Numa análise mais sucinta, Huntington desconecta a América Latina, caracterizando-a como uma civilização à parte. O Ocidente é assim definido como o que, em outros tempos, era chamado de Cristandade Ocidental²¹.

À primeira vista, poderíamos alinhar as características mestras da civilização ocidental como considerado seu legado clássico, representado, fundamentalmente, pela filosofia e pelo racionalismo grego e pelo cristianismo, este representado tanto pelo Catolicismo como pelo Protestantismo. O cristianismo seria a característica mais importante da civilização ocidental, assumindo-se o pressuposto de que a religião é a característica central definidora das civilizações²². Cabe salientar que a cristandade e o islã são, de muitas maneiras, civilizações irmãs, ambas derivadas de mesma herança, a revelação e a profecia judaicas e a filosofia e a ciência gregas, e ambas nutridas pelas imemoriais tradições do Oriente Médio antigo²³. Tal interação cultural remonta aproximadamente aos anos 500 a.C, quando iniciaram os primeiros contatos entre o império persa e a Grécia, prosseguindo com a expansão da Macedônia de Alexandre e finalizando com a conquista romana da região da Judéia e da Síria.

Outro fator marcante presente da cultura Ocidental é a separação da autoridade espiritual da temporal. Tal tendência tem suas origens no século III quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, após dois séculos de perseguição aos cristãos. Em virtude disso, ao longo dos tempos, a

²⁰ ROY, Olivier. **Globalized Islam: The Search for a New Ummah**. Washington. Columbia University Press, 2004. p.11.

²¹ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.p.53

²² Id.p.288.

²³ LEWIS, Bernard. **A Crise do Islã: Guerra Santa e Terror Profano**. Rio de Janeiro.Jorge Zahar Editor LTDA, 2004.p.26.

Igreja e o Estado coexistiram como instituições diferentes, mesmo que por vezes essa relação fosse conflituosa. Tal secularismo teve como uma de suas principais conseqüências o desenvolvimento da liberdade no Ocidente.

Outra noção importante encontrada no cerne da civilização ocidental é a de que lei é um elemento essencial da existência civilizada. Tal herança advém dos romanos. Essa cultura baseada no império da lei assentou as bases para o constitucionalismo e a proteção dos direitos humanos, bem como dos direitos de propriedade, elementos fundamentais na cultura do Ocidente. Entretanto, com importância bem menor em outras culturas, entre as quais o Islã, em que todo o poder emana de Deus e todo o sistema legal é regulado pela *sharia*, a Lei islâmica.

O pluralismo social também é, notadamente, fator característico da sociedade ocidental. Ao analisar, historicamente, a evolução da sociedade ocidental, podemos ver que o pluralismo social conduziu ao nascimento das assembléias, parlamentos e outras instituições que representavam os interesses da aristocracia, do clero, dos comerciantes e de outros grupos. Tais órgãos proporcionavam formas de representação que, ao longo dos anos, evoluíram para as instituições da democracia moderna como conhecemos nos dias de hoje. Tal estrutura pluralista não encontra par em nenhuma outra cultura.

Por fim, temos o individualismo, que predomina no Ocidente em comparação com a prevalência do coletivismo em outras áreas: “os valores que são mais importantes no Ocidente são menos importantes no resto do mundo”²⁴.

A civilização islâmica, por sua vez, originou-se na península arábica no século VII d.C; o marco inicial foi a *Hijra*, ou Hégira, a migração feita por Maomé e seus seguidores de Meca para Medina a fim de escapar das perseguições dos governantes locais e poder continuar seu apostolado. Já nos fins do século VII, o Islã já havia se consolidado na península arábica e se expandido pelo norte da África, pelo Subcontinente indiano, pelo Sudeste Asiático e começando a penetrar na Europa; durante essa expansão, os

²⁴ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.p.83

territórios conquistados passaram por um profundo processo de arabização e islamização, estabelecendo ainda mais o Islã como religião. Seu apogeu foi atingido na alta idade média, criando, pela primeira vez, uma verdadeira civilização religiosa que ia além da raça, região e cultura²⁵. Em virtude disso, o Islã é hoje um grande bloco civilizacional composto por diversas culturas, tais como árabe, turca, persa e malaia. Veremos mais à frente como o apelo à religião foi muitas vezes utilizado para tentar integrar essas diversas culturas sob a bandeira do Islã contra um inimigo comum.

A religião islâmica baseia sua fé em cinco pilares: A *shahada*, ou declaração de fé; a *salat*, prece ritual que deve ser oferecida cinco vezes por dia; a *Hajj*, ou peregrinação, onde todo muçulmano deve, pelo menos uma vez na vida, fazer a peregrinação a Meca e a Medina; o Ramadã, o jejum que todos os muçulmanos adultos, mulheres e crianças devem realizar no nono mês do ano, jejuando do amanhecer ao pôr-do-sol e; o *Zakat*, uma contribuição financeira que deve ser paga pelos muçulmanos ao Estado ou à comunidade²⁶.

Desde o seu surgimento, o Islã colocou inseparáveis o Estado e a religião. Diferente do cristianismo, os muçulmanos, desde Maomé, governavam, arrecadavam impostos e faziam a guerra, envolvendo a religião em todas essas atividades²⁷. Em suma, o Estado era a religião e a religião era o Estado, e Deus era o chefe de ambos, sendo o profeta seu representante na terra. Isso, até certo ponto, explica a grande rejeição que o secularismo enfrenta no mundo muçulmano, principalmente nos meios mais fundamentalistas. No Islã, não existe nenhum poder legislativo humano, pois há uma só lei, que é a lei de Deus. Porém, em alguns países do Oriente Médio moderno, como na Turquia, país islâmico secular, existe parlamento.

No Islã, a lei baseia-se na *Sharia*, uma coletânea onde constam as revelações recebidas pelo Profeta, presentes no Corão, e os *Hadith*²⁸. Esse conjunto de leis controla todos os aspectos da vida muçulmana, pública e privada, comunitária e pessoal. Sua finalidade é definir um sistema de regras,

²⁵ LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio: Do Advento do Cristianismo aos Dias de Hoje**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor LTDA, 1996.p.240.

²⁶ Ibid. p.211.

²⁷ Ibid. p.131.

²⁸ *Hadith*: "notícia"; tradição sobre atos ou falas de Maomé.

cujas observâncias permitem ao crente levar uma vida correta nesse mundo e se preparar para uma vida eterna no outro. Nos dias de hoje, são poucos os países que aplicam a *sharia* de forma completa, entre os quais está a Arábia Saudita.

Uma última característica do Islã a ser ressaltada e quanto à igualdade. Desde o seu surgimento o Islã se proclamou como uma religião igualitária, não admitindo superioridade de um crente sobre outro independente do seu parentesco, nacionalidade, raça ou posição social; só estariam em um estado de inferioridade os escravos, as mulheres e o infiel; a única situação inaceitável seria do apóstata que, renegando o Islã, está sujeito a morte. Ao longo dos séculos essa situação foi se transformando; porém, nos dias de hoje, a mulher e o infiel continuam sendo considerados inferiores, principalmente nos círculos mais radicais.

O modelo teórico de Huntington oferece, ao analisar a ascensão do Islã radical nas últimas décadas, excelente referencial para o entendimento do quanto essa “volta às origens” é incentivada pelos principais pensadores radicais, permeia a visão de mundo da organização terrorista Al Qaeda. A seguir, procuraremos sintetizar esse movimento de ressurgimento islâmico de forma que nos sirva de base para o entendimento do trabalho.

1.2 O Ressurgimento do Islamismo Radical

O ressurgimento islâmico foi um processo iniciado em meados dos anos 70²⁹, como reação a um sentimento de decadência e inferioridade que a comunidade muçulmana vinha sentindo, desde o fracasso do império otomano, o qual foi potencializado pelas diversas experiências frustradas dos movimentos nacionalistas árabes da segunda metade do século vinte e pelo movimento de globalização.

Esse fenômeno surgiu como uma tentativa de se retornar à era de ouro do Islã, por meio da adoção, por parte dos muçulmanos, dos fundamentos

²⁹ KEPEL, Gilles. **Jihad**: Expansão e Declínio do Islã. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2003. p.99.

básicos da religião, tornando-se possível recriar assim uma verdadeira sociedade islâmica. O Islã passou a ser visto como uma solução local, já que as tentativas de implantação de modelos baseados nas ideologias ocidentais não conseguiram reerguer a civilização muçulmana. Esse movimento então materializaria a rejeição da cultura ocidental e o reengajamento no Islã funciona como um guia cultural, religioso, social e político para a vida no mundo contemporâneo; com isso o Islã pôde prover os símbolos e slogans mais efetivos para a mobilização, seja a favor de uma causa ou regime, seja contra eles³⁰.

Faz-se necessário lembrar que o fundamentalismo não é exclusivo do islã. Existem diversas manifestações similares, tanto no cristianismo e judaísmo quanto no hinduísmo. Essas religiões têm enfrentado nos últimos anos uma crise de sua autoridade social, uma separação da religião e dos padrões culturais, a crítica explícita dos elementos não religiosos, o reforço da religião em termos pessoais no desejo de retornar aos fundamentos verdadeiros da religião. Dessa maneira, surgem movimentos que reagem à secularização que a sociedade moderna vem absorvendo. E a religião é substituída pela religiosidade, sendo esta mais importante que aquela³¹. Porém, para os objetivos do nosso trabalho, analisaremos somente o fundamentalismo islâmico.

As forças geradas pelo processo de globalização, fortalecidas a partir dos anos 1970, exerceram ação destrutiva sobre as antigas fontes de identidade e, conseqüentemente, desestruturaram os antigos sistemas de autoridade. Surgiu um forte movimento migratório, em que as pessoas, em busca de inserção neste processo e entrada no mercado de trabalho, abandonaram suas origens nas zonas rurais e se transferiram em massa para os grandes centros urbanos e para outros países. Como conseqüência direta desse fluxo, surgiu uma completa mudança no comportamento pessoal, social e governamental. Procuraram-se novas formas de identidade, de comunidade e de conjuntos de valores morais, encontrando a satisfação dessas necessidades

³⁰ LEWIS, Bernard. **A Crise do Islã**: Guerra Santa e Terror Profano. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor LTDA, 2004.p. 39.

³¹ ROY, Olivier. **Globalized Islam**: The Search for a New Ummah. Washington. Columbia University Press, 2004. p.27.

na religião, mais precisamente no fundamentalismo religioso que em maior grau serve como inspiração ao terrorismo³². O fundamentalismo é visto por muitos como maneira segura de lidar com o caos, com a perda de sentido e de estruturas sociais.

Contudo, a frustração enfrentada pela grande maioria, por não se inserir, plenamente, nas sociedades urbanas, gerou uma grande massa de pessoas que se desiludiram, completamente, com as autoridades constituídas, por não serem capazes de proporcionar as melhores condições de vida que esperavam, e com as estruturas religiosas existentes, por não oferecem as respostas e o suporte moral ao fracasso. Tal desilusão gerou abertura para o aparecimento de instituições fundamentalistas que preencheram o vazio, tanto no campo material, como espiritual.

O movimento sempre possuiu estrutura bem nítida, com um núcleo constituído de uma maioria de estudantes e intelectuais, jovens na faixa etária entre 20 e 30 anos. É importante notar que 80% deles são possuidores de diploma universitário, sendo 50% oriundos de colégios de elite e graduados em áreas mais exigentes, como medicina e engenharia. Outro aspecto importante é que 70% deles vêm da classe média baixa, sendo a primeira geração de suas famílias a receber educação superior, sem contar que, a maioria deles foi criada em cidades pequenas, transferindo-se, posteriormente, para grandes centros urbanos³³. Em suma, os quadros fundamentalistas pertencem aos setores mais modernos de suas respectivas sociedades que por não alcançarem sucesso profissional e financeiro compatível com suas aspirações se desiludem com a ordem social vigente tornando-se assim propensos à adesão à causa fundamentalista.

O processo de islamização ocorreu, inicialmente, na esfera cultural alastrando-se, posteriormente, para os campos sociais e políticos. Nascia assim, nas sociedades, uma estrutura social islâmica que tomava de assalto organizações já existentes e que passavam a adquirir caráter islâmico. Surge, dessa maneira, uma “sociedade civil islâmica” que segue paralelamente e,

³² HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. p.116.

³³ *Ibid.* p.13.

muitas vezes, suplanta as instituições já existentes na sociedade civil secular³⁴. Ao longo do trabalho será possível notar que grande parte dos quadros da organização terrorista Al Qaeda se enquadra perfeitamente na descrição acima.

Diversos grupos e organizações surgiram a partir de então, sob a bandeira do fundamentalismo islâmico e, patrocinados pelos milhares de petrodólares oriundos da Arábia Saudita, na década de 1970, expandiram-se de forma impressionante e começaram a se opor às autoridades constituídas do Oriente Médio. A partir do final dessa década, muitos passaram para a luta armada, tendo o Islã tomado o lugar da ideologia de esquerda, no sentido de uma revolução. Porém, o único caso em que um grupo islâmico tomou o poder aconteceu no Irã. Nos demais países, esses grupos, em grande parte, tiveram forte influência e, graças a um crescente apoio da população, conseguiram diversas concessões dos governantes de então no sentido de islamizar certos setores das sociedades. Outros grupos, por sua vez, enveredaram para o terrorismo e passaram a atacar as autoridades constituídas e, posteriormente, os países ocidentais que apoiavam tais regimes.

A partir da década de 1990, diversos partidos políticos de caráter islâmico ganharam força em países como Egito, Paquistão, Argélia, e até na secular Turquia. Apesar da bandeira fundamentalista desses grupos, boa parte deles passou a adquirir caráter nacionalista e entrou no jogo político local, criando um rudimentar pluralismo político.

Em fim, esses movimentos islâmicos contribuíram para o enraizamento do conceito moderno de estado-nação nos países muçulmanos e para aumentar a cena política, propondo um modelo de partido político cujos membros são unidos por uma percepção comum de bem público e não por solidariedade tribal ou ligações baseadas em clãs³⁵.

³⁴ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996 p.138.

³⁵ ROY, Olivier. **Globalized Islam: The Search for a New Ummah**. Washington. Columbia University Press, 2004. p.61.

1.3 A Ummah

Crucial para o entendimento das sociedades muçulmanas é a compreensão das suas estruturas. Existem algumas diferenças fundamentais no sistema de lealdades no mundo muçulmano em relação às sociedades ocidentais. Tais diferenças nos ajudarão a entender melhor o funcionamento do fundamentalismo islâmico e, conseqüentemente, da rede terrorista Al Qaeda.

Enquanto no Ocidente as lealdades surgem em torno do Estado-nação; no mundo muçulmano essa estrutura tem, de um lado, a família, o clã e a tribo e paralelo a isso, existe uma potente força de coesão gerada pelo idioma, cultura, religião e por um estilo de vida em comum, ficando assim o Estado em segundo plano. Tem-se, como conseqüência, a incompatibilidade de Estados-nações soberanos, como entendido pelo Ocidente, com a crença na soberania de Alá e a primazia da Ummah, como entendido pelos muçulmanos³⁶.

No entanto, o que se tem visto, atualmente, é uma quebra desse sistema de lealdade. Cada vez mais, a afirmação de que a família é vista como núcleo da identidade muçulmana vem perdendo força, tanto nos países islâmicos, como nas comunidades de imigrantes que vivem na Europa. Essa nova tendência observada é uma conseqüência de uma, cada vez maior, ocidentalização sociológica³⁷. Tal fenômeno, afeta, diretamente, também alguns laços identitários, principalmente no que tange ao idioma e ao estilo de vida.

É interessante notar que os movimentos revivalistas islâmicos são um reflexo da atual crise dos valores tradicionais do Islã. A adesão a um movimento fundamentalista estaria relacionada a uma ruptura com a cultura islâmica de seus pais e com a busca por nova identidade religiosa. Sendo assim, o desaparecimento dos valores tradicionais estaria pavimentando o caminho para uma re-islamização da sociedade e não para uma continuidade

³⁶ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. p.219.

³⁷ ROY, Olivier. **Globalized Islam: The Search for a New Ummah**. Washington. Columbia University Press, 2004. p.143.

dos valores tradicionais³⁸. Em suma, o fundamentalismo pode ser visto, mesmo com todo o discurso de volta às origens, como resultado da modernização da população muçulmana.

A *Ummah* é constantemente citada pelas declarações da Al Qaeda como um dos objetivos básicos da organização. A sua concretização seria a grande meta a ser perseguida por todo o mundo muçulmano, embora paradoxal por dois motivos, como salienta Huntington. Um deles é a presença de centros de poder competitivos que lutam pela liderança dos interesses do mundo islâmico. O segundo motivo vem da própria definição da *Ummah*.

De fato, o mundo islâmico, desde o final da década de 1970, caracteriza-se pela existência de dois centros de poder que lutam pela posição de líder, a Arábia Saudita, predominantemente sunita, e o Irã, xiita, o qual, desde 1979, é governado por fundamentalistas. Estes pólos de poder competitivos geram e atraem correntes teóricas distintas, cujos antagonismos ressaltam e impedem um discurso único e uma postura unificada entre os dois países, embora puguem em comum o retorno aos princípios básicos da religião.

Por outro lado, o próprio o conceito de *Ummah* por si só derruba a legitimidade do conceito de Estado-nação por desconsiderar as fronteiras políticas e subordinar o governo a Deus. Porém, a *Ummah* só poderia ser concretizada por ações de um ou mais estados suficientemente fortes. Haveria então a necessidade da existência de um Estado-núcleo islâmico possuidor de recursos econômicos consideráveis, de um poder militar realmente eficiente, além de capacidade organizacional, identidade e engajamento islâmicos e legitimidade perante o restante dos países islâmicos, a fim de prover a liderança política e religiosa necessárias para a concretização da *Ummah*³⁹.

Em oposição a essa idéia culturalista de Huntington, a modernização e a ocidentalização que a comunidade muçulmana vem sofrendo nos últimos anos, tem desenraizado e dissolvido os laços sociais prístinos, gerando um fenômeno de individualização da religião, ou seja, cada vez mais os indivíduos abandonam a religião tradicional e buscam suas respostas espirituais de forma

³⁸ ROY, Olivier. **Globalized Islam: The Search for a New Ummah**. Washington. Columbia University Press, 2004. p.92.

³⁹ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.p.222.

introspectiva. A conseqüência é que se estaria criando uma nova comunidade, em que seus indivíduos não teriam outros laços que não fossem a fé, dessa maneira, esses “novos muçulmanos” se desconectariam de outros laços culturais, baseando sua identidade em termos puramente religiosos, promovendo um retorno aos verdadeiros princípios da religião. Criar-se-ia assim, uma “nova *Ummah*”, construída ao redor de valores, desconectada de qualquer sentido territorial, surgindo assim um Islã desterritorializado⁴⁰.

1.4 As Tensões entre o Islã e o Ocidente

Desde o surgimento do Islã, o relacionamento entre o mundo muçulmano e o Ocidente foi marcado por uma série de conflitos. Os primeiros embates entre as duas civilizações ocorreram a partir do século VIII, com a expansão do Islã para o oeste, atingindo o Oriente Médio, o norte da África e o sul da Europa. Em fins do século XI, a cristandade conseguiu retomar o controle sobre algumas regiões previamente conquistadas, tais como Toledo, na atual Espanha, e a ilha da Sicília.

A partir de 1095, a Cristandade Ocidental lançou as cruzadas com a finalidade de estabelecer uma autoridade cristã sobre a Terra Santa. Os anos cruzados foram marcados por vários choques, cabendo destacar a tomada de Jerusalém pelos muçulmanos, comandados por Saladino em 1187. Porém, posteriormente, os cristãos vieram a retomar a cidade. As cruzadas, contudo, perderam força e se encerraram em 1291. Apesar de atualmente serem freqüentemente citadas por líderes fundamentalistas como Osama Bin Laden, as cruzadas jamais levantaram grande interesse na região⁴¹.

A partir do século XIII, o Império Otomano iniciou sua hegemonia como ponta de lança do mundo muçulmano. Essa hegemonia durou cerca de cinco séculos, nos quais o mundo islâmico floresceu como a mais avançada civilização da humanidade, destacando-se desde o campo militar até as ciências. Sua decadência começou a partir de 1683, com o malsucedido cerco

⁴⁰ ROY, Olivier. **Globalized Islam: The Search for a New Ummah**. Washington. Columbia University Press, 2004. p.158.

⁴¹ LEWIS, Bernard. **A Crise do Islã: Guerra Santa e Terror Profano**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor LTDA, 2004.p.38.

a Viena, à época, o limite entre as duas civilizações. Tal fracasso representou uma quebra no padrão expansionista otomano que se vinha desenvolvendo até então. Nesse mesmo período, paralelamente a esse processo de decadência, a civilização ocidental vivia período de intenso desenvolvimento, conseqüência, inicialmente, da reforma e do iluminismo e, posteriormente, da revolução industrial. Após séculos de supremacia, o mundo muçulmano enfrentava um período de retração de poderio e de encolhimento territorial frente às expansões do Ocidente e da Rússia.

No século XIX, o mundo islâmico encontrava-se em sua quase totalidade subjogado pelas grandes potências imperiais da época e o Império Otomano agonizava. Por toda a Terra do islã, a presença do Ocidente produzia forte influência na política, economia e cultura.

O século XX marcou o apogeu da Civilização Ocidental. Em contrapartida, a outrora brilhante civilização islâmica encontrava-se enfraquecida, dividida dentro dos critérios das grandes potências e dependente economicamente do Ocidente. O mundo muçulmano questionava porque uma comunidade de pessoas acostumadas a se ver como a única guardiã de Deus e que recebera dele o comando de levá-la aos infiéis, subitamente, via-se dominada e explorada por aqueles mesmos infiéis⁴².

Apesar de todo esse histórico de conflitos entre o Ocidente e o Islã, parece pouco provável, mesmo com os recorrentes discursos radicais, que haja um sentimento intrínseco de vingança e conflito com o Ocidente, no âmago da Civilização Muçulmana. O que ocorre nos dias atuais é que os grupos fundamentalistas enxergam a decadência do Islã como conseqüência de um afastamento, por parte dos fiéis, do estrito seguimento dos princípios básicos da fé, e isso seria reflexo da dominação e influência cultural do Ocidente. Assim, podemos, em certo ponto, desconectar o padrão conflituoso das relações Ocidente e Islã de um sentimento de rivalidade eterna.

Atualmente, não há dúvidas de que vivemos período de intenso conflito entre o Islã e o Ocidente, porém o padrão e as características desse choque

⁴² LEWIS, Bernard. **A Crise do Islã**: Guerra Santa e Terror Profano. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor LTDA, 2004.. p.59.

civilizacional contemporâneo diferem bastante do observado nos séculos antecedentes.

Um das razões observadas para o aumento da tensão é, sem dúvida alguma, o enorme crescimento populacional que os países islâmicos vêm sofrendo nos últimos anos. Essa tendência começou a se manifestar a partir da década de 1960, e prossegue nos dias atuais. Outro fator relevante é um movimento migratório constante de muçulmanos em direção ao Ocidente. Esse processo levou grande número de muçulmanos às principais capitais da Europa. Estes, por sua vez, já produziram segundas e terceiras gerações de muçulmanos que, sentindo-se marginalizados dentro da sociedade, passam a se opor aos valores e a cultura Ocidental e buscam no fundamentalismo a realização para suas aspirações espirituais.

Outro fator a se considerar é a busca constante por parte da civilização ocidental em tentar universalizar seus valores e instituições, tais como democracia e direitos humanos, e exercer sua superioridade política e militar. Tal padrão de comportamento por parte das grandes potências reflete-se um alto grau de animosidade no mundo islâmico, tendo em vista que muitos pensadores radicais enxergam na influência das idéias ocidentais a principal responsável pela decadência do mundo muçulmano. Além disso, consideram que muitos dos valores pregados pelo Ocidente e ditos como universais, tais como a democracia, pluralismo político e direitos humanos, são totalmente incompatíveis com a fé islâmica ou precisam ser adaptados aos valores do Islã para se adequarem à realidade vivida no mundo muçulmano.

Outro aspecto crucial é o impacto que o processo de globalização causou sobre as relações civilizacionais. Com o desenvolvimento dos transportes e dos meios de mídia, tornou-se, cada vez maior, o contato intercivilizacional. Tal contato se deu, tanto pelos fluxos migratórios, como por meio de intercâmbio de idéias, valores e padrões de comportamento. Para muitos, essa interação foi benéfica para modernizar o mundo muçulmano, porém, para outros, essa relação serviu para ressaltar os antagonismos entre as duas civilizações, por considerar tal relacionamento com o Ocidente maléfico para a cultura islâmica. A globalização, além de gerar tal oposição,

mostrou-se muito útil para os seguidores do fundamentalismo espalharem suas idéias radicais ao redor do mundo.

Huntington defende que, diante de tais antagonismos entre as civilizações, cria-se um estado de rivalidade exacerbada entre ocidentais e muçulmanos, gerando uma situação constante de conflito. Porém, nem todo o Islã enxergaria o Ocidente como inimigo. A peculiaridade desse novo padrão de conflito é que não existe um Estado específico que tenha declarado guerra contra o Ocidente. O principal resultado dessa oposição não-estatal é que o conflito passa a ser travado com meios limitados, assim, as ações de violência não são contínuas, havendo atos intermitentes de um lado, gerando respostas militares do outro. Nesse cenário, o terrorismo é a arma mais eficaz que os muçulmanos possuem. O islamismo é utilizado pelos radicais como um instrumento ideológico para mobilizar apoio.

À medida que o grau de hostilidades cresce, as questões em pauta tendem a ser redefinidas de modo mais exclusivo como “nós” contra “eles”, e aumentam a coesão e as lealdades do grupo. Os líderes ampliam e aprofundam seus apelos às lealdades étnicas e religiosas e a consciência da civilização se reforça em relação a outras identidades. Surge uma dinâmica do ódio⁴³.

Ao longo do conflito, as identidades múltiplas e, muitas vezes, os antagonismos desaparecem e a identidade mais importante em relação ao conflito se torna proeminente. Essa identidade quase sempre é definida pela religião⁴⁴.

O fortalecimento de identidades civilizacionais ocorre naturalmente entre participantes de conflitos entre civilizações distintas, mas acontece com especial intensidade entre muçulmanos, em virtude da estrutura de identidades peculiar à comunidade islâmica como vimos anteriormente⁴⁵.

Nesse embate entre civilizações distintas, ambos os contendores têm estímulos para ressaltar não somente os aspectos referentes a sua própria identidade civilizacional, como também a do outro lado. Assim, torna-se

⁴³ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.p.338.

⁴⁴ Ibid. p.340.

⁴⁵ Ibid. p.340.

necessário e fundamental, atrair, cada vez mais, o apoio de membros de sua própria civilização. Surge assim uma verdadeira guerra de religiões, um choque de civilizações, com reflexos globais⁴⁶.

⁴⁶ HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.p.344.

CAPÍTULO 2 - A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO NO MUNDO

2.1. AS CARACTERÍSTICAS DO TERRORISMO TRADICIONAL

Há muita controvérsia a respeito da definição do terrorismo. O fato de se constituir numa guerra irregular, sem campo de batalha definido, inimigo difícil de ser identificado, a multiplicidade de motivações e interesses que o inspiram e a diversidade cultural que o caracteriza, torna, de fato, árdua a tarefa de defini-lo. As definições vêm das mais diversas fontes, tanto da literatura especializada como de órgãos governamentais que combatem direta ou indiretamente o terrorismo.

Walter Laqueur, um dos maiores especialistas do tema, afirma que em virtude de haver várias mudanças nas características do terror, tanto nos métodos como nos objetivos e no caráter das pessoas envolvidas, ao longo dos anos torna-se impossível uma definição precisa do termo terrorismo.⁴⁷ Outra autora importante, Jessica Stern, em sua obra “Terror em Nome de Deus”, define terrorismo como um ato de violência contra não combatentes, com o objetivo de produzir vingança, intimidação ou qualquer outra forma de se influenciar um grupo.⁴⁸ Bruce Hoffman define como a criação e a exploração deliberada do medo por meio da violência ou ameaça de violência na busca de mudanças políticas.⁴⁹ O dicionário Oxford⁵⁰, por sua vez, define terrorismo como o uso de ação violenta para atingir objetivos políticos ou para forçar um governo a agir. Para o dicionário Webster⁵¹, é o uso sistemático da violência como meio de intimidar ou coagir sociedades ou governos.

Diversos órgãos governamentais apresentam definições distintas do termo terrorismo. Para o Departamento de Estado Norte-americano⁵², é a violência premeditada, politicamente motivada, executada contra alvos civis por

⁴⁷ LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002. p.4.

⁴⁸ STERN, Jessica. **Terror em Nome de Deus**. São Paulo: Ed Barcarolla, 2004. p.xix.

⁴⁹ HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1998. p.43.

⁵⁰ Disponível em <http://www.askoxford.com>. Acesso em: 22 março 2007.

⁵¹ Disponível em <http://www.merriam-webster.com>. Acesso em: 08 setembro 2006.

⁵² Disponível em <http://www.state.gov>. Acesso em: 08 setembro 2006.

grupos subnacionais ou agentes clandestinos com a intenção de influenciar uma audiência. Por sua vez, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos⁵³ o define como o uso ilegal, ou ameaça de uso, de força ou violência contra pessoas e propriedades a fim de coagir ou intimidar governos ou sociedades, freqüentemente para obter objetivos políticos, ideológicos ou religiosos. Semelhante é a definição do Federal Bureau of Investigation (FBI)⁵⁴, principal órgão de combate ao terrorismo em solo americano. Para o FBI, terrorismo é o uso ilegal da força ou violência contra pessoas ou propriedades para intimidar ou coagir um governo, a população civil ou qualquer outro segmento na busca de objetivos políticos e sociais. Já o Ato patriótico⁵⁵ o define como atividades que envolvem atos perigosos para a vida humana que são uma violação das leis criminais dos Estados Unidos ou de qualquer estado, que aparentam ser intencionais para intimidar ou coagir uma população civil a fim de influenciar a política de um governo por meio da intimidação ou coação ou para afetar a condução de um governo por meio da destruição em massa, assassinatos ou seqüestros.

Em que pesem diferenças entre essas definições, podemos extrair algumas características do terrorismo que são consensuais tanto entre estudiosos como entre agências governamentais. A primeira é que o terrorismo é um ato violento em si ou a ameaça do uso da violência. A segunda característica é ser direcionado contra pessoas ou propriedades, entendendo essa última como instalações governamentais, de infra-estrutura ou locais com algum simbolismo. Outro aspecto comum são suas motivações e fins políticos, o terror não é algo ao acaso, mas sim ato detalhadamente planejado e executado, com finalidade bem definida.

A seguir serão analisadas as origens do terrorismo, suas primeiras ideologias e manifestações, sua evolução ao longo dos anos, os principais grupos atuantes, suas características e mais importantes ações.

⁵³ Disponível em: <http://www.dod.gov> . Acesso em: 08 setembro 2006.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.fbi.gov> . Acesso em: 08 setembro 2006.

⁵⁵ Disponível em: <http://f1.findlaw.com/news.findlaw.com/cnn/docs/terrorism/hr3162.pdf> . Acesso em: 08 setembro 2006.

2.1.1. AS ORIGENS DO TERRORISMO

O terrorismo não é fenômeno novo. Suas primeiras aparições remontam aos princípios de nossa história. As primeiras manifestações de algo semelhante ao que conhecemos hoje como terrorismo se deram por volta do ano 66 DC, com a ação dos *Zealots*, também conhecidos como *sicarii*, na Palestina. Seus membros eram de origem judaica e empregavam uma estratégia de ataques violentos contra militares romanos e judeus que apoiavam Roma. Utilizavam-se de assassinatos empregando um pequeno punhal chamado *sica* e tinham como principal objetivo provocar uma revolta da população judaica local contra a ocupação romana⁵⁶. Os *Zealots* também eram conhecidos por utilizarem um tipo rudimentar de guerra química contra os romanos, envenenando seus suprimentos e também sabotando o fornecimento de água de Jerusalém⁵⁷.

Outra manifestação do terror no passado foi a atuação dos *Thugs*, seita religiosa que aterrorizou a Índia no século XVII, empregando o assassinato de pessoas como forma de oferenda a Kali, o Deus Hindu da morte e da destruição. A eles são atribuídos milhares de mortes em séculos de existência. Interessante notar que durante vários anos as autoridades britânicas negaram a existência de tal seita.

Uma organização antiga, que possuía diversas características comuns aos terroristas dos dias atuais, foram os *Hashshashins*, ou “Assassinos”, uma facção da seita xiita *Ismaili* que atuou na Pérsia entre os anos de 1090 e 1272, lutando contra as cruzadas e contra as autoridades sunitas a fim de estabelecerem uma visão mais pura do Islã. Seu primeiro líder Hassan Sibai percebeu que seu grupo era muito pequeno para enfrentar abertamente seus inimigos e que uma campanha sistemática de longo termo desencadeada por uma pequena força teria mais efeito político.⁵⁸

⁵⁶ LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction**. New York: Oxford University Press, 2000. p.10.

⁵⁷ HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1998. p.89.

⁵⁸ Ibid. p.89.

Assim como os terroristas modernos, os “Assassinos” viam a violência como um ato sagrado, um dever divino ordenado por textos religiosos emitidos por autoridades clericais. Foram também os primeiros a utilizar o suicídio em seus ataques. Para eles, o martírio era utilizado com o objetivo de coagir e de levar o medo à população⁵⁹.

O termo “terrorismo” surgiu em 1798, no *Dictionnaire de la Academie Française*⁶⁰, para se referir ao período da Revolução Francesa entre março de 1793 e julho de 1794, que ficou conhecido como reinado do terror. O “*regime de la terreur*” foi adotado como um modo de se impor a ordem no período subsequente à revolução de 1789. É interessante notar que o regime do terror foi adotado pelo novo governo revolucionário com a finalidade de consolidar seu poder por meio da intimidação dos contra-revolucionários, subversivos e outros dissidentes considerados pelo governo como inimigos do povo.

O início do século XIX foi marcado por uma série de transformações sociais e políticas que se espalharam por toda a Europa. Nesse período adveio o nacionalismo e suas noções de Estado e cidadania. Começaram a ocorrer mudanças nas fontes de legitimidade do poder e o governo baseado nas linhagens reais passou a dar lugar às lideranças baseadas na identidade comum das pessoas. Nesse período de turbulências e grandes distúrbios populares surgiram diversas ideologias universalistas que se opunham à noção de Estado, entre elas podemos salientar o comunismo/marxismo e o anarquismo.

A Europa passou a ser varrida por essas ideologias que pregavam a ruptura com a ordem vigente. Autores como o italiano Carlo Pisane pregavam a “Propaganda pela Ação”. Para ele o propósito didático da violência não poderia ser substituído de forma eficiente por panfletos, cartazes ou manifestações. A violência seria necessária não somente para se buscar atenção ou gerar publicidade para uma causa, mas para informar, educar e por último, conduzir as massas para a revolução⁶¹. Outro ideólogo, Michael Bakunin, em sua obra “Catequismo Revolucionário”, enumerava regras para a

⁵⁹ HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1998. p.89.

⁶⁰ LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002, p. 6.

⁶¹ WOODCOCK, George (ed). **The Anarchist Reader**. Glasgow: Fontana, 1977. p.43.

ação terrorista onde traçava o perfil do terrorista e ensinava táticas como a infiltração dos revolucionários em todos os campos do governo⁶².

Inspirados por essas novas ideologias de confrontação do poder, surgiram diversos grupos revolucionários, de caráter antimonárquico como na Rússia czarista ou de teor puramente nacionalista, como ocorreu na Irlanda, Macedônia, Sérvia e Armênia. O que esses grupos tinham em comum era a utilização da violência para atingir seus objetivos políticos. Iniciava-se assim, o terrorismo sistemático.

A Rússia czarista era, no final do século XIX, um dos países mais repressores de toda a Europa. Seus governantes tinham poderes ilimitados, não havia liberdade política nem soluções contra a injustiça. A grande maioria da população russa vivia na pobreza extrema e a disparidade de renda entre a aristocracia e a massa de camponeses era enorme. Além disso, a burocracia governamental era extremamente corrupta. Esse clima instável criou as condições necessárias para o surgimento das primeiras manifestações do terrorismo como conhecemos nos dias atuais, por meio da ação da *Narodnaya Volya* ou Liberdade do povo.

A *Narodnaya* foi fundada por um grupo de jovens russos no ano de 1878. Seu objetivo genérico era desafiar o governo dos czares. Apesar de seguir os princípios de Piscane da propaganda pela ação, os membros da *Narodnaya* não conseguiram clarificar seus objetivos políticos específicos, suas ações não mostravam se o grupo procurava depôr o governo vigente ou se objetivavam criar as condições necessárias para um levante popular. Seu modo de operação era marcado pela escolha seletiva de indivíduos específicos que o grupo considerava como representantes do Estado autoritário. Seus alvos preferenciais eram czares, membros da família real e oficiais governamentais, alvos estes considerados pelo grupo, possuidores de elevado valor simbólico.

O grupo realizou em seus anos de existência uma série de assassinatos, sendo o mais marcante o do Czar Alexander II no dia 1º de março de 1881. Após a morte do Czar, as forças governamentais empreenderam uma

⁶² LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction**. New York: Oxford University Press, 2000. p.15.

extensiva campanha de repressão ao grupo levando à prisão praticamente todos os seus membros. Em meados do ano de 1883, a *Narodnaya* deixou de existir. Apesar de fracassar em seus objetivos, o grupo serviu como fonte de inspiração para o movimento anarquista que ganhava força na Europa⁶³.

Após quase duas décadas de ausência do terror em território russo, uma segunda onda de terrorismo sistemático iniciou-se a partir do ano de 1900, por meio do Partido Social Revolucionário, que praticava a ação política em conjunto com ataques terroristas e fomentação de revoltas agrárias. Diferentemente do *Narodnaya Volya* que concentrava suas ações em Moscou e São Petersburgo, o Partido Revolucionário atuou ao longo de todo o território russo. Sua ação terrorista se baseava em assassinatos, seqüestros, assaltos à bancos e expropriações. O atentado mais importante realizado foi o assassinato de Plehve, ministro do interior da Rússia, na cidade de São Petersburgo, em 1901. Assim como na onda terrorista anterior, a repressão do governo foi intensa e em 1906 não havia mais sinais da existência do grupo.

O movimento nacionalista armênio começou, a partir de 1880, a empregar a estratégia terrorista contra o governo Otomano. O objetivo principal do grupo era atacar o regime de ocupação por meio de constantes ataques contra a administração colonial e as forças de segurança turca. Tal estratégia visava a obter apoio externo da grande comunidade de imigrantes armênios espalhados pelo mundo e atrair atenção da comunidade internacional para o problema armênio. A repressão dos turcos foi feroz e culminou com o massacre de milhares de armênios durante a 1ª Guerra Mundial, naquele que foi considerado o primeiro genocídio da história da humanidade. Até meados dos anos 1970, nacionalistas armênios ainda executavam ações contra o governo turco, porém muito mais motivados por sentimento de vingança contra o massacre do início do século do que por objetivo político claramente definido.

No mesmo período, a Macedônia viveu a experiência de um grupo terrorista: a Organização Revolucionária da Macedônia ou IMRO. Fundada e liderada por Damien Griev, a IMRO atuava na região onde hoje estão Grécia, Bulgária e Sérvia. Tinha como objetivo a independência da Macedônia em relação ao Império Otomano. Inicialmente era uma sociedade civil de

⁶³ HOFFMAN, Bruce. **Inside** Terrorism. New York: Columbia University Press, 1998. p.19.

propaganda que em pouco tempo se transformou em uma organização militar, que passou a empregar o terrorismo sistemático e a pregação de uma revolução das massas. Apesar do forte apoio fornecido pelo governo búlgaro, a IMRO não conseguiu atingir seu objetivo de uma Macedônia independente.

O final do século XIX também foi marcado por diversos assassinatos de líderes políticos. Essas ações foram, contudo, atos individuais, alguns inspirados pelos ideais anarquistas enquanto outros não. Além disso, esses chocantes atentados eram executados sem o suporte ou apoio de nenhum grupo organizado⁶⁴. Entre essas ações podemos destacar os assassinatos dos presidentes norte-americanos Garfield e McKinley, a morte do Presidente Frances Carnot em 1894; do primeiro ministro espanhol Antonio Canovas em 1897; da Imperatriz Elisabeth da Áustria em 1898, e do rei Umberto da Itália em 1900.

Essa atuação anarquista gerou em toda a Europa e nos Estados Unidos a sensação de um complô mundial, temia-se que estivesse surgindo uma verdadeira “Internacional Anarquista”. Apesar de tais ações serem impressionantes e chocarem de forma significativa a população, essa ameaça anarquista não chegou a se bem estruturar. De fato, não havia características de uma campanha de terrorismo sistemático em curso, por mais que os principais pensadores do movimento utilizassem essas ações para efeitos propagandísticos da sua causa. Porém, o anarquismo causou impacto insignificante tanto na política doméstica como na internacional dos países afetados por suas ações⁶⁵.

O terrorismo de cunho nacionalista, observado no final do século XIX e início do século XX, foi desencadeado em diversos países europeus e em algumas colônias como o Egito e a Índia. O mais conhecido, porém, deu-se na Irlanda, que lutava pela independência nacional e a libertação da ocupação estrangeira. A Grã-Bretanha governou a Irlanda durante séculos e começou a enfrentar grande oposição em decorrência do aumento da consciência nacional irlandesa, alimentada pelo antagonismo religioso e pela difícil situação

⁶⁴ LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002, p. 15.

⁶⁵ HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1998. p.20.

econômica que a Irlanda vivia. Os ataques terroristas realizados pelos *Fenians*, tanto na Irlanda como na Inglaterra, tinham como objetivo principal a conquista da independência irlandesa. Assim como no caso russo, as motivações dos irlandeses eram altruístas e idealistas. Receberam apoio dos mais diversos setores da sociedade, incluindo irlandeses protestantes, bem como dos quadros da esquerda européia. Após um sangrento ataque realizado em Londres, algumas personalidades da esquerda européia, como Marx e Engels, simpatizantes da causa nacionalista irlandesa, passaram a se opôr de forma veemente ao modo de atuação dos Fenians.

Dentro do contexto nacionalista, surgiu, nos anos que antecederam a 1ª Guerra Mundial, um grupo bósnio composto por intelectuais e estudantes universitários conhecidos como *Mlade Bosna* ou Jovens Bósnios. O objetivo dessa organização era a oposição ao Império Habsburgo. Visavam à criação de uma entidade política que unisse eslovenos, croatas e sérvios e empregavam o assassinato como principal meio para atingir seus fins. Os Jovens Bósnios foram amplamente apoiados por outra organização, a *Narodna Obrana* ou Defesa Nacional de caráter pró-sérvio.

A *Narodna Obrana* foi fundada em 1908 na Sérvia com o objetivo de promover atividades culturais e nacionalistas. Em pouco tempo de existência, o âmago do grupo se modificou e passaram a exercer ações subversivas voltadas contra a Áustria. Do seio da *Narodna* nasceu uma nova organização, os “Mãos Negras”, composta basicamente por militares sérvios, que possuíam acesso direto a armas, inteligência e treinamento. É interessante notar que essas três organizações tinham fortes ligações entre si, havendo verdadeiro intercâmbio de armamentos, treinamento e de terroristas entre elas, uma apoiando as ações das outras.

Há relatos da participação dos “Mãos Negras” no planejamento e na execução do atentado que matou o Arquiduque Francisco Ferdinando. O autor do ataque, Gavrilo Princip, membro dos Jovens Bósnios, recebeu treinamento e armamento do grupo sérvio. O objetivo dos “Mãos Negras” era criar um clima

maior de animosidade entre a Áustria e a Sérvia e conseqüentemente levar os dois países à guerra⁶⁶.

Após a Primeira Grande Guerra, as ações terroristas foram patrocinadas em sua maioria por grupos de direita e de nacionalistas separatistas. Em alguns casos esses grupos se fundiram, como foi o caso do Grupo *Ustacha*, da Croácia, que recebeu grande apoio de fascistas italianos e húngaros. Os croatas queriam sua independência e não tinham escrúpulos em aceitar qualquer tipo de apoio. O terrorismo sistemático era visto nesse período, especialmente nas facções dos movimentos fascistas que estavam surgindo ou em seus precursores, como o *Freikorps* na Alemanha, na Hungria, França e, principalmente, junto aos romenos da Guarda de Ferro. Entre as ações mais espetaculares da época esteve o assassinato do Rei Alexander da Iugoslávia, em Marselha, França, em 1934, em que pelo menos quatro governos estiveram envolvidos. A Liga das Nações interveio, resoluções foram tomadas e comitês foram criados com o objetivo de combater o terrorismo em bases internacionais. Tais medidas foram ineficazes, tendo em vista que diversos governos apoiavam e se serviam dessas organizações terroristas. Décadas mais tarde, a Organização das Nações Unidas (ONU) enfrentaria esse mesmo desafio.

Nesse mesmo período, a região da Palestina, ocupada pela Grã-Bretanha, vivia período de intensos conflitos e manifestações lideradas pelos habitantes árabes contra o governo colonial e contra os judeus. A fim de reagir aos ataques árabes, surgiu uma organização de origem judaica o *Irgum Zvai Leumi* de caráter nacionalista, que começou a realizar ações de represália contra os árabes. A partir de 1939, o *Irgum* adotou como alvo o governo britânico, vindo, pouco tempo depois, a cessar essas ações em virtude da entrada da Inglaterra na 2ª Guerra Mundial.

A partir de 1943, um jovem Cabo do Exército polonês, Menachen Begin, iniciou a reestruturação do grupo que, a época, encontrava-se enfraquecido após a morte de seu fundador e principal líder. Begin recrutou homens, adquiriu armas e transformou o *Irgum* na vanguarda da realização das aspirações

⁶⁶ GEISS, Imanuel (ed). **The Outbreak of First World War**. New York: W.W.Norton, 1967. p.53.

políticas e nacionalistas dos judeus. Begin adotou o terrorismo com o intuito de minar o prestígio e o controle britânico do território da Palestina por meio de ataques aos símbolos do governo colonial.

Begin mostrou-se um grande estrategista militar. Ao atacar alvos simbólicos, buscava a atenção da comunidade internacional para o problema na região. Por outro lado, ao atacar as forças britânicas, causava-lhes baixas consideráveis visando a atingir a opinião pública na Inglaterra, para que esta passasse a se opôr à presença de ingleses na Palestina. E, por último, suas ações terroristas levaram a uma forte repressão por parte das forças coloniais, o que causou profundos ressentimentos na população local que passara a apoiar a sua causa. O principal atentado perpetrado pelo *Irgum* foi a explosão do Hotel Rei Davi na cidade de Jerusalém em julho de 1946 matando quase cem pessoas.

Sem dúvida a política do terror executada pelo *Irgum* teve resultados: suas ações terroristas diminuíram consideravelmente a sustentação para a permanência britânica na Palestina, bem como obteve considerável suporte internacional. Este fato, somado aos efeitos do holocausto da 2ª Guerra Mundial, criou as bases para a fundação de um Estado judeu. Assim, em 1947 nascia Israel, onde o próprio Begin veio a se tornar Primeiro Ministro.

Paralelo aos eventos que ocorriam na Palestina, transcorria a Segunda Guerra Mundial. Neste período, o terrorismo teve um papel secundário no teatro de operações europeu. Dentre algumas ações, sobressaíram-se o assassinato do governador do protetorado checo, do governador nazista da Rússia Branca e de colaboradores nazistas na França, além de atentados à bomba em cinemas de Paris. Não há indícios, no entanto, de que o esforço de guerra alemão e a moral dos seus soldados tenham sido afetados por essas atividades terroristas.

Na Segunda Guerra Mundial, o terrorismo só prevaleceu como estratégia na Palestina. Posteriormente ocorreu também no Chipre e em Áden, no Oriente Médio, servindo mais como uma das formas de atuação dos movimentos de guerrilha de cunho nacionalista, que vinham sendo

desencadeados em torno do planeta, do que como instrumento principal de luta.

Os anos cinquenta foram marcados pela ação de duas organizações terroristas com forte caráter nacionalista: o EOKA (*Ethniki Organosis Kyprion Agoniston*) ou Organização Nacional dos Combatentes Cipriotas que lutou contra a ocupação britânica no Chipre e a FLN (*Front de Libération Nationale*) ou Frente de Libertação Nacional que buscava a independência da Argélia, à época, colônia da França.

A atuação do EOKA, liderada pelo general George Grivas, tinha como objetivo a libertação do Chipre da presença inglesa. A fim de obter tal fim, Grivas evitou um enfrentamento direto contra as forças britânicas e adotou uma estratégia de desencadear uma campanha de terrorismo sistemático com o intuito de chamar a atenção da comunidade internacional para a questão cipriota. Grivas lançou assim sua campanha de terrorismo urbano, obtendo grande destaque na mídia internacional e conseguindo alcançar em cinco meses aquilo que em uma década de diplomacia não havia ganhado: a atenção das Nações Unidas para a questão cipriota⁶⁷.

A ação terrorista do EOKA afetou a moral das tropas britânicas e, como na Palestina, a reação das forças de segurança coloniais, por meio da adoção de diversas medidas repressivas, afetou diretamente a população local, aumentando assim a popularidade do EOKA junto aos habitantes da região. Além disso, as constantes baixas de soldados ingleses geraram forte repercussão nas terras da rainha e a pressão para a retirada das tropas inglesas aumentou de forma significativa. A ação do EOKA obteve sucesso relativo, pois a independência do Chipre não viabilizou a *eosis*⁶⁸ permanecendo a ilha dividida até os dias atuais.

A partir de 1954, iniciou-se a luta pela independência da Argélia, à época uma colônia francesa no norte da África, liderada pela FLN. Nos primeiros anos do conflito, a FLN adotou uma estratégia de guerrilha rural centralizando suas ações nas regiões montanhosas do país. Diante da dificuldade em obter vitórias significativas, a FLN alterou sua estratégia, e a partir de 1956, levou

⁶⁷ HOFFMAN, Bruce. **Inside** Terrorism. New York: Columbia University Press, 1998. p.59.

⁶⁸ *Eosis*: A nação cipriota.

sua campanha de terror para a capital Argel. Essa mudança nos rumos da FLN visava a obter apoio internacional para pressionar a França à conceder a independência aos argelinos. A ação da FLN baseava-se em ataques contra agências governamentais, quartéis do Exército Francês, postos policiais e outros alvos que simbolizavam a ocupação francesa.

A partir de janeiro de 1957, o governo Francês iniciou uma forte contra-ofensiva com o objetivo de destruir a estrutura da FLN. Como resposta, a organização lançou uma série de ataques no final do mês de janeiro que resultaram em centenas de baixas. Após o revés inicial, o Exército Francês apoiado em um eficiente sistema de inteligência, reagiu e desencadeou uma brutal resposta aos terroristas. Apesar da reação negativa da sociedade francesa e da comunidade internacional aos métodos utilizados pelos militares, bem como do aumento da rejeição à França em território argelino, a ação francesa foi eficiente e a rebelião foi sufocada. Porém, poucos anos depois, a Argélia acabou conquistando sua independência.

2.1.2. Terrorismo nas décadas de 1960 e 1970

O terrorismo apresentou-se de diversas formas nas décadas de 1960 e 1970. De fato, os objetivos e os modos de operação dos grupos que empregaram o terror de forma sistemática variaram de acordo com suas áreas de atuação e do adversário contra o qual se antepunham. Entretanto, a partir do início da década de 1960, essas organizações passaram a apresentar algumas características em comum: o caráter nacionalista da luta, um componente ideológico de cunho esquerdista, o emprego das ações terroristas como forma de propaganda da causa em questão e o fato de pertencerem a uma primeira onda de terrorismo globalizado. Contudo, a variedade de fatores que se contrapõem a essas características comuns leva à divisão do terrorismo, no período, em três categorias analíticas: o terrorismo nacionalista-separatista — manifestado principalmente no Oriente Médio, Irlanda e

Espanha; o terrorismo latino-americano e o terrorismo urbano — observado em países como a Alemanha Ocidental, Itália, Estados Unidos e Japão⁶⁹.

A primeira característica presente na época foi indubitavelmente o caráter nacionalista presente nas organizações atuantes. A bandeira da nação, fosse ela irlandesa ou palestina, influenciou fortemente a direção tomada por essas organizações nas lutas onde estavam engajadas. Os grupos terroristas atuantes na Irlanda e na Palestina foram aqueles que mais visibilidade obtiveram para suas causas, tanto em virtude da capacidade operacional que possuíam, bem como das múltiplas conexões internacionais que desenvolveram ao longo dos anos. Tanto o IRA na Irlanda como a OLP na Palestina, procuraram aplicar uma relativa dosagem do leniismo em suas causas; porém, o núcleo dessas causas era o nacionalismo: no caso do IRA, a busca por uma Irlanda unida e da OLP, a destruição do Estado de Israel e a criação de um Estado palestino.

A segunda característica presente foi a orientação para a esquerda por elas apresentada, e que ficava explícita pelo constante emprego da fraseologia comum a essa ideologia em seus manifestos e declarações. Esse aspecto esteve sempre muito presente nos grupos terroristas latino-americanos e europeus.

Outro aspecto observado à época foi a ampla utilização das ações terroristas como forma de publicidade a fim de atrair a atenção da opinião pública doméstica e mundial para a causa em questão. Foi no fim dos anos 1960 que o mundo se viu diante de ações espetaculares dos terroristas, tais como o seqüestro em série de aviões comerciais e suas respectivas destruições no campo de pouso de Dawson, na Jordânia, por palestinos pertencentes ao Fatah, braço armado da OLP; o dramático seqüestro e posterior execução de atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique, por membros da organização Setembro Negro, também vinculada à OLP; um sem número de ataques a bomba contra instalações civis importantes; bem como o assassinato de personalidades ilustres. A impressionante evolução das telecomunicações e das mídias de massa naqueles anos serviu como uma

⁶⁹ LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002, p. 175.

importante arma a serviço das organizações terroristas atuantes ao redor do planeta.

A última característica marcante é uma espécie de primeira globalização do terror. Pela primeira vez, de forma sistemática, organizações terroristas atuavam contra alvos de outros países e realizavam ações que ultrapassavam seus limites fronteiriços. Além disso, passaram a ser constantes as inter-relações entre diversas organizações terroristas de matizes diversos, que começaram a desenvolver em grande escala um verdadeiro intercâmbio de pessoas, armamentos, treinamento e em alguns casos, praticando ações. Dentro da idéia do terrorismo globalizado, passaram a ser observados militantes palestinos atuando no Paraguai ou na França, Japoneses no Kuwait, Israel e Holanda e Alemães na Suécia e em Uganda.

2.1.3. O Terrorismo Nacionalista Palestino

Os militantes palestinos jamais aceitaram a criação de um Estado judeu e desde os primeiros anos de existência de Israel organizaram e desencadearam uma resistência armada contra ele. O início dessa reação armada começou logo após a Guerra de 1948 entre israelenses e árabes e se constituiu em ações de pequenas unidades, os *fedayen* ou comandos, que atacavam alvos israelenses. Nos primeiros anos da década de 1950, esses grupos passaram a ser treinados e apoiados pelo Egito, liderado à época por Gamal Abdel Nasser. Tal apoio provocou poucos anos mais tarde, em 1957, a Guerra de Suez entre Israel e Egito. Após a guerra, tais operações cessaram, voltando a reaparecer, alguns anos mais tarde.

Em 1964 foi criada a OLP, Organização para Libertação da Palestina, para servir como cobertura para a ação de outras organizações, tais como o Fatah, braço armado da OLP, a Frente Popular para Libertação da Palestina (FPLP), criada após a Guerra dos Seis Dias pelo cristão-árabe George Habash e a Frente Popular Democrática pela Libertação da Palestina (FPDLP), surgida como dissidência da FPLP em 1969. Durante a Guerra dos Seis Dias, as organizações palestinas desencadearam um movimento de guerrilha rural contra as forças israelenses, não obtendo sucesso, contudo, em virtude das

dificuldades oferecidas pelo terreno e pela ação das forças de segurança de Israel. Uma segunda tentativa de ação terrorista contra Israel foi desenvolvida nos anos de 1968 e 1969, a partir dos campos de refugiados palestinos situados na Faixa de Gaza. Esse novo modo de atuação dos palestinos foi mais bem sucedido. Porém, quando o governo israelense iniciou o reassentamento dos refugiados palestinos em outros campos, tal tipo de ação foi perdendo força.

Diante dessas tentativas malsucedidas de enfrentamento do inimigo israelense, as organizações palestinas se reorganizaram e passaram a desenvolver novas formas de luta contra Israel. A partir da década de 1970 um novo *modus operandi* entrou em ação: os palestinos passaram a bombardear os assentamentos israelenses a partir de posições do outro lado da fronteira. Eram ataques rápidos e eficientes executados por pequenas unidades palestinas contra meios de transporte e assentamentos israelenses e que em algumas ocasiões eram combinados com seqüestros de militares e civis. Incluía também ações contra escritórios e cidadãos israelenses em outros países, bem como o seqüestro de aeronaves comerciais também de outras nacionalidades. As ações desencadeadas fora de Israel eram consideradas importantíssimas por causa da publicidade que recebiam⁷⁰.

Embora a doutrina das organizações palestinas pregasse a participação das massas na revolução contra Israel, na prática isso não acontecia em virtude do caráter das ações terroristas que inviabilizava a participação de grandes efetivos da população.

Algumas características distinguiam a OLP das demais organizações terroristas atuantes. A primeira delas foi o vultoso apoio financeiro que a organização recebeu de diversos governos árabes, que se engajavam na causa palestina em virtude dos grandes dividendos políticos que este apoio proporcionava. A segunda é o tamanho, em termos de efetivo, dos movimentos que orbitavam em torno da OLP. No início da década de 1970, havia cerca de 15.000 homens vinculados à organização, ainda que apenas um pequeno número desses membros recebesse treinamento específico para participar de ações terroristas. Por último, a OLP recebeu mais apoio político externo do que

⁷⁰ HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1998. p.68.

qualquer outro grupo terrorista. Em virtude da dimensão desse suporte, havia uma desproporção entre a escala e a quantidade de ações terroristas, relativamente baixas, e os consideráveis ganhos políticos que eles conseguiam⁷¹.

As ações das organizações terroristas palestinas se caracterizaram também pela grande publicidade que obtinham junto à opinião pública mundial em virtude do caráter espetacular de suas ações. Entre suas principais ações destacou-se o seqüestro, em setembro de 1970, de quatro aeronaves comerciais com centenas de passageiros a bordo. Os aviões foram levados ao campo de pouso de Dawson, na Jordânia, onde os reféns foram mantidos no interior das aeronaves por vários dias. Após exaustivas negociações os reféns foram libertados e as aeronaves foram destruídas pelos terroristas com as imagens dos aviões em chamas sendo transmitidas para o mundo todo. Na seqüência desse atentado, o Exército jordaniano empreendeu uma operação militar de larga escala contra os integrantes da OLP, até então baseados em território jordaniano. Após sangrentos combates que causaram centenas de baixas em ambos os lados e que duraram algumas semanas, o exército do rei Hussein finalmente conseguiu expulsar os membros do grupo de seu território. Esse episódio ficaria lembrado como “Setembro Negro”.

Outra ação marcante dos terroristas palestinos foi o seqüestro, em setembro de 1972, de nove atletas israelenses por ocasião dos Jogos Olímpicos de Munique. Oito terroristas pertencentes ao Setembro Negro, um grupo *ad hoc* da OLP, invadiram o alojamento israelense na vila olímpica, matando dois atletas e fazendo nove deles reféns. Após alguns dias de exaustivas negociações, transmitidas ao mundo todo pela imprensa, os seqüestradores e atletas foram transportados para o aeroporto da cidade a fim de serem transportados para outro país, onde seria feita a troca dos reféns por 236 presos palestinos em poder de Israel. Ao chegarem no aeroporto, seguiu-se uma tentativa frustrada de resgate por parte das autoridades alemãs que resultou na morte de todos os reféns e cinco terroristas, sendo os outros três sobreviventes, posteriormente capturados pela Polícia alemã. Essa ação,

⁷¹ LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002, p. 172.

apesar de fracassar no seu intuito de soltura de presos palestinos, obteve grande sucesso, pois nunca a causa palestina tinha estado em tamanha evidência nos meios de comunicação de todo o mundo.

Quanto à dimensão política dessas organizações terroristas, a OLP possuía um programa bastante vago, conduzindo propositalmente seus objetivos de forma que pudesse ter apelo tanto junto à esquerda como à direita no cenário político e internacional. A FPLP e a FPDLP possuíam uma retórica próxima a do marxismo em seus discursos e pronunciamentos, pregando uma “guerra popular de libertação”, mobilizando e armando o povo em milícias populares, de tal modo que poderia ser lutada em uma frente a mais larga possível”. Porém, na prática, ambas organizações atuavam de forma semelhante à OLP.

Os palestinos desenvolveram duas novas importantes técnicas terroristas.⁷² A primeira delas foi o recrutamento de terroristas estrangeiros das mais diversas nacionalidades. O grupo que mais se utilizou disso foi a FPLP, como no caso do massacre no aeroporto de Lod, em Israel, executado por terroristas do Exército Vermelho Japonês. Outro exemplo foi o seqüestro de um avião da Lufthansa por terroristas palestinos e alemães, em 1976. Além desses exemplos, houve grande cooperação com serviços de inteligência de países do leste europeu e com terroristas *free lancers*, como o venezuelano Illich Ramírez Sánchez, mais conhecido como Carlos, o Chacal. Uma segunda inovação foi a criação de organizações *ad hoc* para a realização de ações particularmente cruéis ou que pudessem causar implicações internacionais. Foi o caso da organização Setembro Negro e de outras menos conhecidas. Esses grupos eram constituídos de militantes radicais, particularmente perigosos, sobre os quais a maioria dos grupos não tinha controle. Sua atuação se dava tanto no Ocidente como em países árabes, a exemplo do assassinato do primeiro-ministro jordaniano Wasfi Tal.

O terrorismo palestino nacionalista continuou suas ações ao longo da década de 1980, realizando ataques em território israelense e contra alvos de Israel em outros países. As organizações palestinas também tiveram

⁷² LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002, p. 194.

participação ativa nos conflitos da guerra civil libanesa. O grande *turning point* do terrorismo palestino se deu em 1987, com o início da primeira intifada, quando a predominância dos grupos de caráter secular, como a OLP, a FPLP e outros, começou a perder espaço devido à ascensão de grupos fundamentalistas islâmicos. Estes grupos passaram a fornecer um caráter fortemente religioso à luta contra Israel. Dentre eles destacavam-se o Hamas e, em menor escala, a Jihad Islâmica⁷³. Ao longo da década de 1990 e na década seguinte, os grupos seculares disputaram com os islâmicos os corações e mentes do povo palestino, disputa que se acirrou com a morte do líder palestino Yasser Arafat, em 2004.

Até os dias atuais, o problema palestino continua sem solução, porém, é inegável negar o sucesso que a campanha terrorista desencadeada pela OLP a partir dos anos 60 obteve. Até então poucas pessoas tinham ouvido falar da questão Palestina, um ano e meio depois do ataque em Munique, o líder da OLP, Yasser Arafat, foi convidado a discursar no plenário das Nações Unidas. Logo, não resta dúvida que, se a OLP não tivesse recorrido ao terrorismo, provavelmente não teria obtido em cinco anos o reconhecimento que cinquenta anos de política não teria conseguido.

Além do exemplo palestino, outros grupos nacionalista-separatistas atuaram no mesmo período, como o *Front de Libération de Quebec* (FLQ), que lutava pela separação da província de Quebec do restante do Canadá e que realizou diversos seqüestros no final da década de 1970.

Outro exemplo é o ETA, que iniciou suas ações terroristas na Espanha em 1968, lutando pela independência do país basco cujo território é constituído em sua maior parte por terras espanholas e algumas províncias francesas. Entre suas ações está o assassinato do Primeiro-Ministro espanhol Carrero Blanco, em 1973, e diversos assassinatos de ministros, policiais e juizes e atentados à bomba. Sua atuação acontece até os dias atuais. O *Ustasha* é outro grupo que lutou pela independência da Croácia e realizou diversos ataques contra autoridades iugoslavas na década de 1970.

⁷³ KEPEL, Gilles. **Jihad**: Expansão e Declínio do Islã. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2003. p.483.

Outra expressão do terrorismo nas décadas de 1960 e 1970 deu-se na América Latina. As organizações terroristas latino-americanas incorporavam uma ideologia de cunho marxista e que contaram com o apoio de diversos países comunistas, como a União Soviética, Cuba, China, Albânia entre outros. Tinham como objetivo a tomada do poder e a implementação de governos comunistas. Inicialmente operaram por meio da guerrilha rural. Após uma série de fracassos no início da década 1960, mudaram seu *modus operandi* e passaram a adotar o terrorismo urbano. O ápice da atuação desses movimentos se deu entre os anos de 1969 e 1972.⁷⁴

A partir da década de 1980 as manifestações de terrorismo foram se dissipando e muitos daqueles que haviam participado de organizações terroristas integraram-se ao jogo político formal. Em casos como na Colômbia, as organizações terroristas, tais como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), entre outros, juntaram-se ao tráfico de drogas criando o fenômeno do narcoterrorismo.

Outro fenômeno da nova onda terrorista iniciada nos anos 1970 foi o surgimento de grupos terroristas com uma ideologia constituída de uma certa mistura de marxismo e anarquismo. Os quadros desses grupos compunham-se basicamente de jovens estudantes universitários, influenciados, em sua maioria, pelas idéias de pensadores comunistas como Gramsci e Lukacs. As principais organizações representantes desse fenômeno foram o Exército Vermelho Unido do Japão e os europeus Brigade Rosse, na Itália, Angry Brigade, na Inglaterra, e a mais famosa delas, o Rote Armee Fraktion (RAF), também conhecido como Baader-Meinhof, na Alemanha Ocidental.

⁷⁴ LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002, p. 178.

2.2. A ASCENSÃO DO TERRORISMO ISLÂMICO NO ORIENTE MÉDIO

2.2.1. O Terrorismo Xiita do Hezbollah

Desde 1975, o Líbano vinha sendo palco de uma sangrenta guerra civil envolvendo cristãos e muçulmanos. Em 1976, tropas sírias invadiram o Líbano sob o pretexto de estabelecer a paz na região e, em 1982, tropas israelenses também invadiram o país com a finalidade de derrotar os efetivos da OLP lá baseados. Paralelamente, o Aiatolá Khomeini conduziu a revolução islâmica no Irã, que se completaria com a criação da República Islâmica do Irã, de maioria xiita. Essa conjunção de fatores tornou o cenário libanês caótico e propício para o surgimento de uma inédita forma de terrorismo religioso que iria marcar o cenário do Oriente Médio até os dias atuais, por meio, sobretudo, do Hezbollah.

Até 1982, a comunidade xiita no Líbano se concentrava nas áreas do *Djebel Amil*, no sul libanês e no Vale do Bekaa, consideradas as regiões mais desfavorecidas do país. Pelo Pacto Nacional, de 1943, que dividiu o poder político no Líbano, os xiitas ficaram com a Presidência da Câmara dos Deputados, função de baixa relevância se comparada com a Presidência do país, dada aos cristãos maronitas, e a Presidência do Conselho Ministerial, dada aos sunitas. Predominantemente rural, a comunidade xiita ficou afastada do processo de modernização do Líbano e cada vez mais desfavorecida economicamente. O crescimento demográfico nas comunidades xiitas aumentou assustadoramente, fazendo com que no início da década de 1970 passassem a ser maioria no país. Esse crescimento fez com que grandes massas de jovens xiitas, sem perspectiva econômica, seguissem para a periferia da capital Beirute, formando uma numerosa juventude urbana pobre e extremamente descontente com o governo.⁷⁵

⁷⁵ Site do Grupo Hezbollah. Disponível em: <http://www.hizbullah.org>. Acesso em: 08 agosto 2006.

Em 1974, o Imã iraniano Moussa Sadr criou na periferia de Beirute o Movimento dos Deserdados, que ficou mais conhecido pelo nome de sua milícia, a Amal (Esperança). O objetivo dessa organização era a promoção social da grande massa de jovens desfavorecidos e acabou se tornando a base doutrinária de uma mobilização xiita contra as injustiças sociais que levaram pela primeira vez os xiitas ao plano de protagonistas políticos no Líbano. O Movimento também participou ativamente dos combates que ocorreram durante a guerra civil libanesa. Uma operação militar israelense no sul do Líbano, em março de 1978, resultou em um grande êxodo de libaneses xiitas em direção à periferia de Beirute, refletindo um considerável aumento no efetivo da Amal⁷⁶.

A vitória da Revolução Islâmica no Irã, no início de 1979, causou grande entusiasmo entre a juventude xiita pobre do Líbano. Apesar disso, as lideranças da Amal, predominantemente seculares, declaravam sua independência em relação aos acontecimentos de Teerã. Os jovens clérigos xiitas que faziam seus estudos religiosos na cidade sagrada xiita de Najaf, no Iraque, e eram fortemente influenciados pela ideologia de Khomeini, tinham fraco apelo junto à juventude xiita libanesa⁷⁷.

Em julho de 1982, o Exército de Israel lançou a Operação Paz para a Galiléia que visava à eliminação das tropas palestinas estacionadas no sul do Líbano, que de lá atacavam assentamentos judaicos.⁷⁸ A invasão israelense ampliou seu objetivo inicial e suas tropas chegaram até a periferia de Beirute, em uma perseguição aos efetivos da OLP. Inicialmente, essa invasão contou com o apoio xiita, mas mudou o equilíbrio de forças na região, com a criação de um regime favorável ao Ocidente, liderado pelos maronitas e em oposição à Síria. Sem dispor dos meios necessários para enfrentar o poderoso Exército de Israel, a Síria começou a incitar os setores mais radicais da comunidade xiita libanesa para que lutassem contra a nova configuração política libanesa. Foi nessa época que ocorreu a cisão na Amal, quando o seu porta-voz, Hassan el Mousaoui, funda a Amal Islâmica. Em 1982, o embaixador do Irã na Síria

⁷⁶ NORTON, Augustus Richard Norton. **Hezbollah**. New Jersey: Princeton University Press, 2007. p.21.

KEPEL, Gilles. **Jihad: Expansão e Declínio do Islã**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2003. p.199.

⁷⁸ Disponível em: <http://eretzyisroel.org/nsamuel/lebanon.html>. Acesso em: 10 setembro 2006

reuniu diversas organizações e religiosos xiitas que coadunavam com a ideologia de Teerã e criaram uma organização chamada Hezbollah, ou Partido de Deus.

É interessante notar que por ocasião de seu surgimento, o Hezbollah tinha como alvo principal seus inimigos internos que, no caso, eram os elementos seculares da Amal e os cristãos maronitas que dominavam o cenário político. Tal cenário foi transformado com a invasão do Líbano por Israel em 1982 e a presença de forças estrangeiras sob a bandeira das Nações Unidas, vindo então a transformar Israel e os Estados Unidos nos principais inimigos a serem confrontados pelo Hezbollah⁷⁹.

Desde o princípio, o objetivo principal do Hezbollah foi a criação de um Estado puramente islâmico, sendo esta a única forma de o Líbano se recuperar da destruição provocada por anos de guerra civil e de intervenção do Ocidente. Seu líder ideológico desde o surgimento da organização, Sheikh Fadlalla, opunha-se a qualquer reconciliação com o Ocidente e com Israel. Segundo ele, o grupo não teria condições de tomar o mundo todo, devendo assim concentrar seus esforços em no máximo dois inimigos.

O Hezbollah é organizado em uma estrutura hierárquica, estando no topo um conselho consultivo composto por clérigos xiitas libaneses devidamente aprovados por Teerã. Abaixo existem 3 conselhos regionais: o do Vale do Bekaa, o de Beirute, e o do sul do Líbano. Além desses existem ainda sete comitês administrativos. O grupo conta com cerca de 4.000 militantes⁸⁰.

Ao longo dos anos que se seguiram, o Hezbollah foi o principal responsável pela radicalização da comunidade xiita do Líbano diante do sentimento de discriminação e espírito de ressentimento existente na população. Outro componente importante presente no grupo é a forte dependência que possui da ajuda militar e financeira que recebe do Irã. Inicialmente, tal contato era realizado pelo embaixador iraniano na Síria e atualmente quem coordena esse intercâmbio é o serviço secreto do Irã, tudo

⁷⁹ LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction**. New York: Oxford University Press, 2000. p.135.

⁸⁰ REICH, Walter. **Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind**. Washington: The John Hopkins University Press, 1998, p. 133.

isso com o intuito exclusivo de promover e exportar o modelo da revolução iraniana⁸¹.

Graças ao seu trabalho social, desenvolvido por meio de escolas e serviços médicos com grande suporte financeiro de Teerã, o Hezbollah conseguiu altíssima aceitação e popularidade no seio da juventude pobre, embora a classe média xiita do Líbano não fosse atraída pelo Hezbollah, preferindo buscar seu Estado Islâmico no real equilíbrio da sociedade libanesa. Além disso, o Hezbollah desenvolve outras atividades, tais como a exploração de supermercados, padarias, fazendas e lojas de roupa como forma de obter recursos financeiros que se somando ao apoio do Irã compõem o orçamento da organização.

Nos anos seguintes, o Hezbollah começou a adotar uma política de atentados contra alvos ocidentais e israelenses, bem como a realização de seqüestros de cidadãos ocidentais no Líbano. Uma técnica utilizada pelo Hezbollah em seus primeiros anos foi o emprego de terroristas suicidas⁸². Embora não fosse algo inédito no campo do terrorismo, o martírio dos militantes xiitas passou a repercutir de forma significativa ao redor do planeta. Apesar do impacto causado por essas ações, a liderança do Hezbollah aprova tal técnica somente em circunstâncias especiais:

A primeira grande ação terrorista do Hezbollah foi o ataque simultâneo, realizado em 23 de outubro de 1983, contra as tropas americanas e francesas que compunham uma Força de Paz das Nações Unidas enviada ao Líbano com o objetivo de evitar que se repetissem as atrocidades cometidas pelas milícias cristãs nos massacres de Sabra e Chatila. Esses ataques, conduzidos por terroristas suicidas, deixaram 241 fuzileiros navais norte-americanos e 58 pára-quedistas franceses mortos. No dia 4 de novembro do mesmo ano, um novo atentado suicida foi realizado contra o Quartel General israelense na cidade de Tiro, causando a morte de dezenas de soldados. A consequência desses ataques foi a retirada das tropas norte-americanas e francesas do Líbano. Com isso, a Síria obteve a hegemonia da região e o Hezbollah, um

⁸¹ LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction**. New York: Oxford University Press, 2000. p.136.

⁸² REICH, Walter. **Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind**. Washington: The John Hopkins University Press, 1998, p. 141.

movimento popular que se mostrou capaz de infligir pesadas perdas às grandes potências, ganhou um *status* formidável não somente no seio xiita, mas também junto a todos aqueles que se opunham a Israel e ao Ocidente.

No período que se seguiu, o Hezbollah realizou o seqüestro de diversos cidadãos ocidentais que estavam a trabalho ou em visita ao Líbano. Esses raptos chegaram a durar anos e causaram grande impacto nos países ocidentais. Na década de 1990, continuara sua política de atentados contra alvos israelenses não só em Israel como também em outras partes do mundo, a exemplo dos atentados contra a embaixada de Israel na Argentina, em 1992, que causou a morte de 29 pessoas, e contra a Associação Mutua Israel Argentina (AMIA), em 1994, também em Buenos Aires, com a morte de 86 pessoas. Nesses atentados, os terroristas utilizaram como ponto de apoio a região da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai.⁸³

Nos últimos anos, paralelamente a ações terroristas, o Hezbollah vem reforçando a sua participação política, tornando-se ator importante no cenário libanês e recebendo grande apoio da população. Os recentes acontecimentos no Líbano, em consequência do assassinato do ex-Primeiro-Ministro libanês Rafik al-Hariri, deixaram bem claro o apoio de considerável parte da população ao Hezbollah, ao mesmo tempo em que, em sentido contrário, provocaram a retirada das tropas sírias estacionadas em território libanês.

Em 2006, Israel respondeu aos ataques de foguete do Hezbollah contra o seu território, invadindo com pesadas tropas terrestres o Líbano. O objetivo da ação era destruir a capacidade operacional do grupo e capturar ou matar suas principais lideranças. O conflito durou cerca de dois meses, porém, e apesar de sua superioridade numérica e tecnológica, o Exército israelense encontrou grandes dificuldades para enfrentar os militantes do Hezbollah entinchados nas montanhas do sul do Líbano, mostrando assim uma evolução no caráter da organização que se mostrou extremamente bem preparada, equipada e comandada.

⁸³ Disponível em: <http://www.state.gov/documents/organization/us323.pdf>. Acesso em: 22 outubro 2005

2.2.2. A Islamização do Conflito entre Israelenses e Palestinos: a Ascensão do Hamas

Como foi visto anteriormente, o movimento de resistência palestino contra o Estado de Israel sempre se caracterizou pelo seu teor fortemente nacionalista e secularizado, e que marcou o período em que a OLP liderou a causa palestina. Esse caráter começou a se transformar a partir do lançamento da primeira intifada, em 1987, que serviu como marco do início do processo de islamização do movimento palestino. O Hamas ou o Movimento de Resistência Islâmico foi e ainda é o seu principal protagonista.

Durante a década de 1980, a causa palestina ficou um tanto marginalizada. Todas as atenções do mundo islâmico estavam voltadas para o conflito entre Irã e Iraque e para a Guerra do Afeganistão. A luta por um Estado palestino, que incorporava a identidade árabe e lhe conferia sentido, havia perdido sua capacidade de militância e atração. A OLP, já enfraquecida pela repressão israelense, perdeu parte da clareza de sua mensagem com seu inglorio envolvimento na guerra civil libanesa, que acabou culminando com sua expulsão do Líbano em 1983. A primeira intifada⁸⁴, lançada em 1987, serviu como uma redenção para a causa palestina. As cenas de jovens palestinos enfrentando com pedras o poderoso Exército israelense causaram um abrupto aumento de popularidade e de interesse pela causa palestina. Essa tendência ficou visível tanto no cenário interno como na comunidade internacional. Israel passou assim a sofrer uma série de pressões externas para que se sentasse nas mesas de negociação a fim de encontrar uma solução para o problema da Palestina. Tais constrangimentos surtiram efeito e finalmente iniciaram-se conversações de paz com os palestinos, resultando no reconhecimento de uma Autoridade Palestina (AP), em 1994.

Paralelamente ao processo que culminou com o reconhecimento da AP, a intifada de 1987 serviu como ponto de partida para o desenvolvimento de organizações radicais islâmicas que nos anos seguintes iriam exercer papel fundamental no conflito entre Israelenses e Palestinos. O surgimento desses

⁸⁴ Intifada: Nome árabe para rebelião. Movimento popular palestino contra a ocupação israelense lançado em 1987.

movimentos radicais foi consequência, principalmente, da radicalização que vinha ocorrendo por todo o Mundo Muçulmano e das condições econômicas precárias existentes na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Esses fatores conjugados acarretaram uma mudança de atitude da Irmandade Muçulmana Palestina, que abandonou sua postura passiva em relação ao conflito e passou a ser favorável ao lançamento de uma *jihad* contra o Estado de Israel. Criaram-se assim as bases para o surgimento de nova organização terrorista, a *Harakat al muqawamah al Islamiyah* (Hamás) ou Movimento de Resistência Islâmico.

A declaração da *jihad* pelo Hamás, em um manifesto publicado em 1987, pregava uma Guerra Santa. A *jihad* contra os judeus e cristãos era um dever religioso de todo muçulmano. A causa palestina era uma obrigação religiosa e os jovens tinham de ser treinados para se engajar nessa luta. As mulheres muçulmanas teriam o direito de se engajar na *jihad* sem a permissão de seus maridos, assim como em outras épocas os escravos não precisavam de autorização dos seus mestres para participar da guerra. De acordo com o manifesto, não haveria espaço para uma solução pacífica ou conferências internacionais para resolver o conflito palestino, cujo único propósito era o estabelecimento de infiéis na terra dos muçulmanos. O objetivo do Hamás, explícito em sua página na Internet, é “Destruir a entidade sionista que ocupa a Palestina e o estabelecimento da Palestina do mar ao rio, baseado nos princípios islâmicos”⁸⁵.

Desde a sua criação, o Hamás viveu um relacionamento tenso com a OLP. Nos anos que se seguiram foram publicados diversos manifestos anti-OLP acusando seus líderes de serem covardes e corruptos. A OLP, por sua vez, foi surpreendida pela rápida emergência do Hamás como um forte competidor na luta pelo poder. O Hamás desenvolveu uma importante infraestrutura, tanto na Faixa de Gaza como na Cisjordânia, na forma de clubes e organizações populares com forte cunho social, o que gerou um grande número de simpatizantes junto às camadas mais pobres da população. Tais instituições talvez fossem até mais representativas do que as ligadas à OLP. O Hamás passou a receber consideráveis contribuições financeiras vindas da

⁸⁵ Site do Grupo HAMAS. Disponível em: http://hamasonline.com/index.php?page=hamas_profile. Acesso em: 11 novembro 2006.

Arábia Saudita, dos Estados do Golfo e de outras organizações islâmicas. Os atritos entre Hamas e a OLP culminaram com os violentos conflitos na Faixa de Gaza em 1994, que deixaram 18 palestinos mortos. Esses conflitos foram seguidos por negociações de paz e colaboração cerrada entre as organizações palestinas, aproximação esta freqüentemente substituída pelos antigos conflitos. Na primeira metade da década de 1990, o Hamas já era uma força bastante significativa para ser ignorada ou combatida pela OLP.

As atividades terroristas do Hamas se iniciaram nos anos entre 1988 e 1989, levadas a efeito pelo braço armado do movimento, as brigadas *Izz a Din al-Quassan*, nome dado em homenagem a um sheik palestino que lutou contra os britânicos na década de 1930. As primeiras ações foram realizadas contra árabes, porém a partir de 1989 foram realizados alguns ataques contra israelenses. Esses ataques eram em sua maioria assassinatos e até então não se observa a execução de atentados com emprego de explosivos. A partir de 1995, o Hamas recrudesciu suas ações, passando a empregar uma campanha de terrorismo sistemático contra o estado israelense. Nessa nova fase, o grupo se tornou mais sofisticado tecnicamente e seus ataques passaram a ser mais bem planejados e eficientes⁸⁶, conseqüência da profissionalização de seus quadros, nos quais incluía especialistas em bombas como Yehya Ayash, ou o engenheiro, posteriormente morto pelas forças de segurança israelense.

Iniciou-se então uma seqüência de atentados suicidas contra alvos israelenses. O primeiro deles se deu em outubro de 1993 e ficou conhecido como o massacre de Bet Lid onde vinte e uma pessoas, a maioria militares, foram mortas. Em 1996, uma série de três ataques contra ônibus israelenses deixou, respectivamente, vinte e seis, dezenove e vinte pessoas mortas. Ainda em 1996 um ataque contra o Centro Dizengof em Tel Aviv matou vinte pessoas. A partir de 1997, os ataques diminuíram, mas ainda assim dois ataques foram realizados próximos à estação central de Tel Aviv, porém sem causar vítimas fatais.

⁸⁶ LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction**. New York: Oxford University Press, 2000. p.139.

Os freqüentes ataques realizados pelo Hamas nos anos entre 1995 e 1996 causaram forte reação por parte do governo israelense, o que resultou na prisão de diversos integrantes do grupo e na eliminação das principais lideranças do movimento. Nesse mesmo período, a própria AP adotou medidas contra o Hamas, o que resultou na prisão de diversos militantes pelas autoridades palestinas. A partir de 1997, o terrorismo do Hamas declinou e centenas de militantes foram presos ou fugiram para países árabes.

Tais atentados suicidas tiveram um efeito político considerável. Diante desses vários ataques, que foram responsáveis pela morte de centenas de cidadãos israelenses, a população começou a desenvolver um sentimento de vulnerabilidade diante da ameaça que o Hamas vinha constituindo para a segurança israelense, reflexo claro dessa tendência no seio da população foi a vitória do partido Likud nas eleições de 1997.

A partir do lançamento da segunda intifada em 2001, o Hamas começou a se recuperar e voltou a realizar atentados suicidas. Seus primeiros alvos foram instalações militares israelenses e os assentamentos judaicos nos territórios ocupados. Estava claro, no entanto, para o Hamas que as bases militares eram alvos difíceis de ser atingidos e que os ataques aos colonos judeus causavam número muito pequeno de vítimas. Com isso, a partir de novembro de 2002, o grupo voltou a realizar ataques contra ônibus, bares, mercados e boates nas principais cidades israelenses. Na maioria dos casos os terroristas foram mortos ou interceptados. Mesmo assim o número de atentados em 2000 foi maior que o dobro da soma de atentados de outras organizações terroristas juntos.

Nos anos subseqüentes a esse recrudescimento da ação terrorista do grupo, o governo israelense, então liderado por Ariel Sharon, iniciou intensa repressão contra o Hamas, eliminando os principais líderes da organização por meio de ataques precisos. Entre os ativistas mortos estava o líder espiritual do Hamas, o Sheik Ahmed Yassin. A morte desses líderes causou uma considerável diminuição da capacidade operacional do Hamas.

Após a morte de Yasser Arafat, ocorreu o lançamento imediato de um processo eletivo para a composição do novo governo palestino. hicialmente

houve resistência por parte dos líderes do Hamas em participar desse processo, porém o Hamas acabou se envolvendo nas eleições legislativas de 2006 e conquistou uma surpreendente vitória obtendo 132 assentos no parlamento. O que se seguiu foi uma verdadeira guerra civil travada entre os integrantes do Hamas e do Fatah, vinculados à antiga OLP, pelo poder do território palestino, tornando ainda mais instável a frágil situação política da região.

Outro grupo terrorista que opera na região é a Jihad Islâmica Palestina, fundada no Egito em 1979 por Fatthi Shiqaqi, Bashir Musa e Ramadan Shalah, intelectuais palestinos que foram em seguida expulsos do Egito. A Jihad Islâmica é composta por pouco mais de uma centena de militantes e recebe suporte financeiro e logístico do Irã. Ao contrário do Hamas, não se engaja em atividades sociais e religiosas, mas somente em ações terroristas. Tem simpatizantes no movimento Fatah, mas vive em dura competição com a própria Fatah e com o Hamas por influência em Gaza e na Cisjordânia.

Entre seus principais ataques estão um atentado em Tel Aviv, realizado em 1996 que causou a morte de 20 pessoas, dois ataques em Jerusalém em 1998, um ataque também em Jerusalém em 2001 e dois atentados realizados em 2001 em Hadera e Binyamina. O modo de atuação da Jihad é o emprego de carros-bomba ou de terroristas suicidas que detonam os explosivos presos em seu corpo no interior de locais públicos como restaurantes, mercados ou paradas de ônibus. Os integrantes da Jihad são fundamentalistas que se recusam a aceitar a autoridade dos religiosos islâmicos mais moderados e respeitam somente a versão do Profeta e de seus sucessores imediatos. Sua cooperação intensa com os xiitas do Irã levantam dúvidas quanto à sua ortodoxia islâmica.

Outros grupos terroristas também atuaram nos territórios palestinos durante as duas últimas décadas. Ao contrário do Hamas e da Jihad Islâmica, essas organizações não têm cunho islâmico e estão ligadas à Fatah. Dentre elas estão as Brigadas Tanzim, criadas pela AP em 1995 com o objetivo de conter a expansão dos grupos islâmicos armados e principalmente de servir como embrião do futuro Exército palestino. As Brigadas Tanzim realizaram ataques a tiros contra soldados israelenses ao longo da faixa de fronteira e

ataques com bombas colocadas nas margens de rodovias. Sua atuação tornou-se mais freqüente a partir do lançamento da segunda intifada. Outra organização terrorista é a Força 17, originária da força de segurança pessoal de Yasser Arafat dos anos 1970, a qual conta com centenas de integrantes. Nos anos 1970, alguns de seus comandantes participaram do massacre dos atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique e posteriormente foram cassados e eliminados pelo Serviço Secreto israelense. Nos últimos anos, a Força 17 vem se engajando tanto em atividades de inteligência como terroristas, a partir de bases na Jordânia e na Europa. Entre suas vítimas estão críticos árabes e inimigos da Fatah e da OLP. Com o início da segunda intifada, a Força 17 se envolveu em ataques a tiros e com morteiros contra israelenses tanto na Faixa de Gaza como na Cisjordânia. Alguns desses ataques foram conduzidos pela Brigada de Mártires de Al Aqsa, ligada à Fatah e composta por combatentes das Brigadas Tanzim e da Força 17.

2.3. Conclusão Parcial

Ao analisar o histórico do terrorismo, desde suas primeiras manifestações até os dias atuais, podemos concluir que suas manifestações foram das mais diversas espécies e muito pouco ou nada tinham em comum entre elas. As motivações, atores envolvidos e objetivos variaram constantemente, tornando-se impossível sistematizar um modelo de análise preciso para o estudo do fenômeno. Porém, com exceção das ações anarquistas do final do século XIX e de alguns grupos de esquerda no século XX, pôde-se verificar que, independentemente da ideologia ou motivação por trás da organização, o caráter desses grupos sempre foi eminentemente nacionalista. As variáveis mudavam, mas o fim permanecia.

Outro fator importante que podemos extrair é quanto a uma primeira globalização do terrorismo levada a efeito pela OLP a partir do início dos anos 1970. Sem dúvida, o grupo foi pioneiro em aumentar o alcance de sua luta para além de sua região de interesse, porém não podemos deixar de ressaltar que essa “internacionalização” não foi no sentido de expandir a causa palestina para outras partes ou para atacar países que apoiavam Israel, mas sim para chamar a atenção da opinião pública mundial para a causa. Esse

enfrentamento também não possuiu nenhum caráter de antagonismo civilizacional, pois suas origens não remontavam a nenhum antagonismo histórico, mas foi fruto sim da problemática dissolução das potências coloniais do século XX. Em nenhum momento de sua luta a OLP mudou sua característica secular e seu objetivo de criar um Estado Palestino. Também devemos notar que essa forma de atuação da OLP foi uma consequência de um natural processo de globalização que o mundo começava a viver, com o desenvolvimento das telecomunicações e dos transportes, e que influenciava todos os outros campos da vida internacional.

Um último aspecto que cabe ressaltar é quanto aos dois principais grupos terroristas de caráter islâmico, o Hamas e o Hezbollah. O surgimento e desenvolvimento dessas duas organizações é sem dúvida consequência direta do movimento de Ressurgimento Islâmico já tratado no capítulo 1. Porém, devemos notar que esses dois grupos, apesar da forte presença do caráter religioso em seus fundamentos e em seus discursos, possuem objetivos predominantemente nacionalistas. Ambos contradizem a posição radical dos pensadores fundamentalistas e se inserem no jogo político local a fim de atingir seus objetivos, mesmos que esses sejam a implantação de um Estado Islâmico. Nesse sentido, o discurso religioso dessas organizações age muito mais em um sentido de ideologia para uma causa do que em um fim propriamente dito. Outro fator relevante é a declaração dos Estados Unidos e Israel como inimigos, essa caracterização não tem o menor sentido se tratada dentro de uma ótica civilizacional, ela, na verdade, é consequência da percepção da organização de que esses dois seriam os principais empecilhos para a consecução de seus objetivos políticos.

CAPÍTULO 3 – A AL QAEDA

Após a análise da evolução do terrorismo ao longo dos anos, por meio do estudo de diversas organizações terroristas, com as mais variadas origens e áreas de atuação, iniciaremos o estudo propriamente dito da Al Qaeda.

A Al Qaeda é, sem dúvida alguma, organização inédita no cenário do terrorismo internacional. De fato, sua estrutura, liderança e ideologia conferiram novo significado para o fenômeno do terror, levando o terrorismo além de uma técnica de protesto e resistência transformando-o num instrumento global para competir e desafiar a influência ocidental no mundo muçulmano. Como vimos no capítulo anterior, nenhuma outra organização terrorista causou tamanha destruição, espalhou o medo generalizado e principalmente influenciou de forma significativa o processo político das grandes potências ocidentais como fez Osama Bin Laden e seus seguidores.

O terrorismo baseado em princípios religiosos está longe de ser algo inédito, como já visto. As ações de organizações terroristas como o Hamas, Hezbollah, Jihad Islâmica egípcia entre outras, sempre estiveram fundamentadas na busca da implantação de um Estado islâmico, regido pela lei islâmica. Porém, nunca antes esse teor religioso havia extrapolado tão significativamente as fronteiras consagradas do Islã, chegando ao seio do Ocidente. Ineditamente, o terrorismo religioso ganhou contornos civilizacionais.

Inicialmente, faremos um estudo das principais correntes doutrinárias que influenciam o núcleo da ideologia radical da Al Qaeda. Essa análise se torna de fundamental importância para o entendimento do modo de operação do grupo ao longo dos anos. Dessa forma, procuraremos entender melhor as três principais fontes doutrinárias que influenciaram o pensamento de Osama Bin Laden: a Irmandade Muçulmana, o movimento Deobandi do Paquistão e o Wahabismo, cerne da legitimidade da monarquia saudita.

3.1. BASE IDEOLÓGICA

Muito se tem falado nos últimos anos sobre o componente ideológico presente na Al Qaeda. Para alguns estudiosos, a bandeira da religião é simplesmente uma forma pragmática de buscar apoio à sua luta, aproveitando-se do caráter mobilizador que o Islã possui. Porém, no estudo de suas origens, na análise de suas ações e na leitura de seus comunicados e declarações, fica nítido que a Al Qaeda foi influenciada por um caráter religioso desde o seu surgimento. Isso é claro, não exclui que o grupo, em alguns momentos, manipule esse sentimento religioso a fim de obter apoio da opinião pública, financeiro ou para atingir alguns objetivos políticos específicos.

A própria formação recebida por Osama Bin Laden em sua juventude evidencia de certa forma e existência de um teor religioso na organização. De fato, durante sua formação acadêmica, Bin Laden recebeu forte influência de professores seguidores das mesmas visões mais conservadoras do Islã que inspiraram movimentos fundamentalistas ao redor do mundo islâmico que, aliadas à sua experiência como participante na resistência armada no Afeganistão contra a invasão soviética, esta com um forte teor religioso, ajudaram a compor um caráter fortemente impregnado pelo conservadorismo religioso.

Em praticamente todas as suas declarações, a Al Qaeda deixa claramente explícito que está lutando uma *Jihad*, ou seja, uma guerra santa, contra o Ocidente. A constante exploração do termo *Jihad* já deixa nítido o caráter religioso do conflito. *Jihad*, segundo o Alcorão, compreende o supremo sacrifício pessoal para elevar a palavra de Alá. Para os muçulmanos, a Jihad tem dois papéis fundamentais, um ofensivo, quando o inimigo é atacado em seu próprio território e outro defensivo, para expulsar um inimigo que tenha invadido a terra do Islã, sendo este último, segundo o próprio Alcorão, um dever para todo muçulmano⁸⁷.

O componente religioso da Al Qaeda possui diversas influências, sendo as três delas as mais importantes e que serão objetos de análise nas páginas a

⁸⁷ SAGEMAN, Marc. **Understanding Terror Networks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p.2.

seguir. A vertente do núcleo sunita que viria a inspirar futuramente a Irmandade Muçulmana e, alguns anos depois, a Sayyd Qutb, um dos grandes inspiradores do fundamentalismo moderno; o movimento deobândi presente na Índia, Paquistão e Afeganistão; e o Wahabismo de origem saudita, tendo essa corrente forte participação na formação religiosa de Osama Bin Laden.

3.1.1. Sayyd Qutb e a Irmandade Muçulmana

Podemos encontrar uma das origens do radicalismo islâmico nos traços do surgimento da Sociedade Irmandade Muçulmana no Egito, fundada pelo ideólogo Hassan el Banna (1906-1949), em 1928.

Durante a década de 1920, o Egito vivia sob a dominação colonial da Grã-Bretanha e, assim como na grande maioria das colônias, o relacionamento e os sentimentos em relação à metrópole eram de hostilidade, principalmente por parte da grande massa da população que se sentia oprimida e não tinha acesso aos benefícios oferecidos pela metrópole. Tal disparidade desenvolveu um sentimento de rejeição à potência britânica. Hasan Al-Banna, nascido na cidade de Mahmudiya, no Egito, filho de um líder islâmico, cresceu nesse contexto recebendo uma educação primária primordialmente islâmica.

Mais tarde, ingressou na faculdade Dar-al-Ulum, especializada na formação de professores islâmicos e começou a se engajar mais intensamente no movimento islâmico. Al-Banna considerava o secularismo imoral e sentiu-se profundamente incomodado com a criação de universidades seculares no Egito e com a extinção do califado na Turquia por Kemal Atatürk. Para ele, o caminho traçado por alguns muçulmanos rumo à secularização significava o abandono dos preceitos da fé Islâmica e o afastamento de Deus. Além disso, Al-Banna sentia-se inconformado com a situação de exploração na qual os egípcios viviam e considerava que a não adoção do islã e a incorporação cada vez maior dos valores da cultura ocidental eram a causa dessas mazelas.

Em 1928, como forma de responder ao cenário de inconformidade que se instalava entre os muçulmanos, Banna criou a Irmandade Muçulmana. Os objetivos básicos da Irmandade eram os de resistir à dominação estrangeira e

barrar a expansão da cultura ocidental. Pretendia-se também, restaurar o califado islâmico. A Irmandade passou a oferecer uma variedade de serviços aos jovens egípcios que iam do treinamento religioso a atividades físicas.

Al-Banna nunca deixou claro quais seriam os mecanismos de governo utilizados na Nação Islâmica que idealizava. Estipulou, porém, três regras gerais. Conforme a primeira, o governante deveria ser responsável perante Deus e o povo, devendo ser, de fato, um servo do povo. A segunda regra era a que a Nação Muçulmana deveria atuar como uma unidade. De acordo com a terceira regra, a Nação Muçulmana teria a responsabilidade de aconselhar o governante e de monitorar o seu comportamento. Embora um tanto abstratas e utópicas, essas regras induziriam o modo de pensar dos integrantes da Irmandade Muçulmana.

Uma das contribuições de Al-Banna para a reputação violenta da Irmandade foram seus ensinamentos de uma versão mais ativista da *jihad*. Al-Banna unificou as citações corânicas de *qital*⁸⁸, e de *jihad*⁸⁹, a luta espiritual interna contra o demônio, em um chamado único para o engajamento em uma guerra santa não só contra os infiéis, mas também contra os povos do livro, cristãos e judeus. Em seu tratado, **On Jihad**, escreveu:

In this Tradition, there is a clear indication of the obligation to fight the people of the book, and of the fact that God doubles the reward of those who fight them. Jihad is not against polytheists alone, but against all who do not embrace Islam... Today the Muslims, as you know, are compelled to humble themselves before non-muslims, and are ruled by unbelievers. Their lands have been trampled over, and their honor besmirched. Their adversaries are in charge of the affairs, and the rites of their religion have fallen into abeyance within their own domains, to say nothing of their importance to broadcast the summons [to embrace Islam]. Hence it has become an individual obligation, which there is no evading, on every Muslim to prepare his equipment, to make up his mind to engage in Jihad, and to get ready for it until the opportunity is ripe and God decrees a matter which is sure to be accomplished...Know then that death is inevitable, and that it

⁸⁸ *Qital*: Luta

⁸⁹ Disponível em: http://nmhschool.org/tthornton/hassan_al.htm. Acesso em: 20 de agosto de 2006.

*can only happen once. If you suffer it in the way of God, it will be your profit in this world, and you reward in the next.*⁹⁰

Posteriormente, a Irmandade conseguiu obter uma grande penetração na sociedade egípcia, transformando-se em um movimento de massas. A principal bandeira da Irmandade era a adoção dos preceitos islâmicos em detrimento dos hábitos europeizados que os ingleses implantaram. Para eles, a sociedade, a política e a cultura se originam e se subordinam exclusivamente ao Islã. Peconizavam que a constituição do país deveria se basear no Corão, o livro sagrado do Islã, e na *Sunna*⁹¹, ou seja, a instauração da lei islâmica no país. As idéias da Irmandade começaram a adquirir grande penetração, principalmente junto à pequena burguesia urbana, os professores e os funcionários de baixo escalão do governo que se sentiam completamente alienados e descontentes com a ordem vigente.

Na década de 1940, a Irmandade começou a realizar treinamento em técnicas de guerrilha em campos situados nos arredores do Cairo. Para uma boa parcela de seus membros, a luta armada era a melhor opção para a transformação do Egito em um Estado Islâmico. Nesses campos, a instrução militar era ministrada por membros do exército egípcio pertencentes aos quadros dos Movimentos dos Oficiais Livres.

Em 1948, membros da Irmandade participaram da primeira guerra árabe-israelense, o que lhes forneceu valiosa experiência em combate e acesso a novos tipos de armamento. Também, em 1948, foi oficializada a aliança entre a Irmandade e o Movimento dos Oficiais Livres, liderado por Nasser. Essa aliança a visava reunir esforços e conferir legitimidade à luta pela queda da monarquia instituída. Ainda no mesmo ano, integrantes da “Organização Secreta”, vertente paramilitar da Irmandade, começaram a efetuar ações terroristas que iam de atentados à bomba até assassinatos de autoridades. A repressão que se seguiu levou ao assassinato de Al-Banna, em

⁹⁰ AL-BANNA, Hasan, **Five Tracts**, Tradução de Charles Wendell. Califórnia: Berkeley, 1978. Disponível em: http://www.nmschool.org/tthornton/hasan_al.htm. Acesso em: 20 de agosto de 2006.

⁹¹ *Sunna*: “caminho trilhado”; costumes, maneira de fazer sancionada pela tradição e o precedente do profeta (sunnat al-nabi); ahl al-sunna: o povo da sunna, muçulmanos ortodoxos sunitas.

1949, por integrantes da segurança interna do rei Farouk. Finalmente, em 1952, Nasser consegue derrubar a monarquia, porém não retribuindo à altura o apoio recebido pela Irmandade. Os integrantes desta decidem recusar cargos oferecidos pelo novo governo. O afastamento nasserista da Irmandade que se seguiu resultou em uma ruptura, que foi seguida por uma forte repressão governista contra os membros da Irmandade.

Como consequência, a Irmandade foi quase que completamente dissolvida, afastando também os poucos que restaram de suas bases populares. A maioria dos líderes da Irmandade foi presa e o grande carisma de Nasser com sua política populista ganhou amplo espaço junto às classes populares egípcias.

A partir de meados dos anos 1950, o principal ideólogo da doutrina islâmica foi Sayyid Qutb (1906-1966). Nascido próximo à cidade de Assyut, no Alto Egito, Qutb foi o primeiro pensador radical contemporâneo que veio a revolucionar o conceito de *Jihad* fornecendo-lhe novo significado⁹²: o desencadeamento de uma eterna luta armada contra todo o obstáculo que vier no caminho de Deus e a implementação da autoridade divina na Terra, retornando assim a autoridade a Deus e tirando-a dos usurpadores, os governantes.

Suas relações com o Fundamentalismo só ganharam força após uma viagem que fez aos Estados Unidos para estudar em instituições norte-americanas. Em sua passagem pelos Estados Unidos, Qutb ficou chocado por ter visto e ter sido vítima de racismo. Ficou perplexo também com a liberdade que havia entre os sexos, sinais, segundo ele, de uma sociedade materialista, impura e promíscua e que se encontrava distante de Deus. A partir do seu retorno ao Egito, aprofunda-se o radicalismo de Qutb, que começa a pregar que o Islã era a única religião pura e verdadeira e que qualquer outra religião e civilização eram bárbaras. Após poucos anos, tornou-se um importante líder Fundamentalista e veio a ser preso pelas forças de Nasser.⁹³

⁹² GERGES, Fawaz A. **The Far Enemy**: Why Jihad Went Global. New York: Cambridge University Press, 2005. p.4.

⁹³ Disponível em: http://www.nmschool.org/tthornton/sayyid_qutb.htm.

Durante o período que esteve na prisão, Qutb, apesar de não possuir nenhuma formação religiosa, escreveu diversos livros, interpretando o Corão. Segundo suas interpretações, toda sociedade muçulmana que não compactuava com uma visão estrita do Islã, ou seja, a grande maioria, encontrava-se dentro da *jahiliyya*⁹⁴, estado de ignorância, e passando a ser considerada apóstata, acusação gravíssima no Islã. A punição para tão grave delito religioso era a excomunhão e a morte. Para Qutb, a solução era, tal como fizera o Profeta, a destruição da *jahiliyyah* e, a partir daí, fazer emergir uma nação autenticamente islâmica.⁹⁵ O trecho abaixo é parte daquela que é considerada a principal obra de Qutb, **O Marco**:

It is essential for mankind to have a new leadership...

It is necessary for the new leadership to preserve and develop the material fruits of the creative genius of Europe, and also to provide mankind with such high ideals and values as have so far remained undiscovered by mankind, and which will also acquaint humanity with a way of life which is harmonious with human nature, which positive and constructive, and which is practicable.

Islam is the only system which possesses these values and this way of life.

If we look at the sources and foundations of modern ways of living, it becomes clear that the whole world is steeped in Jahiliyya (pagan ignorance of divine guidance), and all the marvelous material comforts and high-level inventions do not diminish this ignorance. This Jahiliyya is based on rebellion against God's sovereignty on earth: it transfers to man one of the greatest attributes of God, namely sovereignty, and makes some men lords over others. It is now not in that simple and primitive form of the ancient Jahiliyya, but takes the form of claiming that the right to create values, to legislate rules of collective behaviour, and to choose any way of life rests with men, without regard to what God has prescribed. The result of this rebellion against the authority of God is the oppression of His creatures...

The Islamic civilization can take various forms in its material and organization structure, but the principles and values on which it is based are eternal and unchangeable. These are: the

⁹⁴ *Jahiliyya*: era de ignorância, antes da revelação do Islã a Maomé.

⁹⁵ KEPEL, Gilles. **Jihad**: Expansão e Declínio do Islã. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2003. p. 58.

worship of God alone , the foundation of human relationships on the belief in the Unity of God, the supremacy of the humanity of man over material things, the development of human values and the control of animalistics desires, respect for the family, the assumption of the vice-regency of God on earth according to his guidance and instruction, and in all affairs of this vice-regency, the rule of God's law [al-Sharia] and the way of life prescribed by him...

In the scale of God, the true weight is the weight of faith; in God's market the only commodity in demand is the commodity of faith. The highest form of triumph is the victory of soul over matter, the victory of belief over pain, and the victory of faith over persecution.⁹⁶

Essa visão de mundo extremamente radical não era compactuada pela grande maioria dos antigos membros da Irmandade. Possuía, no entanto, forte apelo junto aos jovens mais radicais. Em 1964, Nasser libertou os integrantes da Irmandade com o intuito de convencê-los a tomar parte de seu movimento pan-árabe. A Irmandade não aceitou e as prisões e perseguições voltaram a acontecer, levando, inclusive, à execução de Qutb, que a partir de então se tornou um mártir para o Fundamentalismo Islâmico moderno. Suas publicações são amplamente distribuídas e possuem penetração por todo o mundo muçulmano.⁹⁷

Nessa época de grande repressão, diversos membros da Irmandade Muçulmana, vítimas das perseguições do governo Nasser, migraram para a Arábia Saudita, onde, como será visto mais à frente, encontraram campo fértil para a propagação de suas idéias no seio dos Wahabitas. Outra parcela de exilados da Irmandade migrou para a Palestina, onde duas décadas mais tarde seriam a fonte de inspiração para grupos palestinos radicais que, a partir do lançamento da primeira intifada em 1987, mudaria drasticamente as características do conflito entre Israel e Palestina fornecendo um componente religioso para um movimento que até então possuía um cunho fortemente nacionalista. Dessa forma, as idéias de Qutb e da Irmandade Muçulmana

⁹⁶ QUTB, Sayyid. **Milestone s.** Beirute: The Holy Koran Publishing House, 1980.

⁹⁷ LAQUEUR, Walter. **No End To War:** Terrorism In The Twenty First Century. New York: Continuum International Publishing Group, 2004, p. 34.

seriam materializadas por meio dos grupos terroristas Hamas e Jihad islâmica, responsáveis por sangrentos atentados à bomba.

Em diversas ocasiões encontra-se a forte influência das idéias de Qutb sobre o pensamento ideológico da “Ala Egípcia” da Al Qaeda que tem em Ayman Al-Zawahiri seu principal representante. Em suas memórias, Zawahiri afirma que as poderosas idéias de Qutb, particularmente sobre a soberania de Deus, somada a sua morte violenta, compreendem a primeira luz que ilumina o fogo do jihadista. Zawahiri ressalta ainda que Qutb convenceu os jovens ativistas que o inimigo interno é tão, se não mais, perigoso que o externo por servir de marionete do Ocidente em sua guerra contra o Islã e que a vanguarda islâmica deve combater os inimigos internos que são os verdadeiros inimigos do Islã⁹⁸. Tal declaração contradiz com o modo de atuação da Al Qaeda que considera o Ocidente o inimigo a ser derrotado.

3.1.2. Mawdudi e o Movimento Deobandi

Outro componente importante do radicalismo islâmico contemporâneo nasceu na primeira metade do século XX, no Paquistão, sob a responsabilidade do ideólogo islâmico Sayyid Abul A'la Mawdudi (1903-1979), um dos mais influentes pensadores do Islã daquele século. Sua interpretação do Islã contribuiu de maneira significativa para a articulação do pensamento revisionista islâmico e influenciou diversos pensadores e ativistas muçulmanos, do Marrocos à Indonésia⁹⁹. No sul da Ásia, onde as idéias de Mawdudi tomaram forma, sua influência foi muito mais proeminente. O *Jama'at al-Islami*, partido islâmico do Paquistão, incorporou sua ideologia e desempenhou papel importante na história e na política do Paquistão, bem como em outros países, como a Índia, Bangladesh, Sri Lanka, além do Oriente Médio e do Sudeste Asiático.

⁹⁸ SAGEMAN, Marc. **Understanding Terror Networks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p.6.

⁹⁹ MAWDUDI, Sayyid Abul. **Jihad in Islam**. Disponível em: <http://www.islamicwatch.org/maududi/maududi.html>. Acesso em: 14 setembro 2006.

Nascido de uma família abastada na Índia, então colônia britânica, em 1903, Mawdudi foi educado em árabe e urdu.¹⁰⁰ Desde a sua infância teve acesso a diversos textos religiosos. Aos quatorze anos de idade já traduzia para o urdu textos de importantes pensadores árabes. Em 1918, iniciou, com seu irmão, sua carreira de jornalista, vindo a conhecer, em 1921, os principais líderes do partido islâmico, o *Jamiyat Ulama I Hind*. Com seu talento reconhecido, Mawdudi foi convidado para ser o editor do jornal oficial do partido e, em 1926, recebeu seu certificado de treinamento religioso, tornando-se, assim, professor.

A queda do Califado turco, em 1924, foi um *turning point* na vida de Mawdudi.¹⁰¹ A partir de então, ele passou a acreditar que era seu dever liderar sua comunidade para a salvação política e religiosa. Em 1928, deslocou-se para a cidade de Hydebarad, último enclave muçulmano existente na Índia. No período em que lá esteve, concluiu que a diversidade era a culpada do declínio do Islã na região. Os séculos de interação entre as fés tinham enfraquecido o pensamento e a prática do Islã. A solução seria então expurgar do Islã os elementos considerados alienígenas. Todos os laços sociais e políticos com os hindus deveriam ser dissolvidos. Para Mawdudi, os não-muçulmanos eram uma ameaça aos muçulmanos e ao Islã e deveriam ser contidos por meio da restrição de seus direitos. Propôs um programa de salvaguarda e promoção dos direitos dos muçulmanos e advogava uma terra separada para os muçulmanos da Índia.

Em 1941, ao lado de outros jovens professores, Mawdudi fundou o já citado partido *Jama'at al-Islami*, em Lahore, Paquistão. Entre seus colaboradores estava Muhammad Manzur Nu'mani, um proeminente professor Deobandi.¹⁰² Mawdudi foi também influenciado pelas idéias do fundador da Irmandade Muçulmana, Hassan al-Banna, e, por sua vez, inspirou bastante o mais radical dos pensadores islâmicos egípcios, Sayyid Qutb. O objetivo do

¹⁰⁰ *Urdu*: um dos dialetos do hindi, língua nacional e literária da Índia, derivada do sânscrito.

¹⁰¹ MAWDUDI, Abu Al A-La. Disponível em: [HTTP://www.salaam.com.uk/knowledge/biography/viewentry.php?id=115](http://www.salaam.com.uk/knowledge/biography/viewentry.php?id=115). Acesso em 27 agosto 2006.

¹⁰² *Deobandi*: influente escola islâmica modernista na Índia britânica criada na cidade de Deoband. No Paquistão, grupo sunita que apóia o fundamentalismo.

partido *Jama'at al-Islami* era a conquista do poder político e a instauração do estado islâmico.

Mawdudi baseou no Corão seu chamado às armas contra aqueles que rejeitam o Islã. Considerava o Islã uma doutrina revolucionária e um sistema capaz de derrubar um governo e toda a ordem social. Para ele, o Islã procura o mundo e não somente um pedaço de terra. O caráter radical do seu movimento fica claro quando diz: “O partido islâmico não hesitará em utilizar os meios da guerra para implementar seu objetivo”.¹⁰³ O principal objetivo de Mawdudi era lutar a jihad até que todo o mundo se submetesse às regras do Islã.

Mawdudi escreveu diversos trabalhos dissertando sobre religião, sociedade, economia e política,¹⁰⁴ preconizando a islamização de cima para baixo, começando por um Estado que exercesse sua soberania em nome de Deus e que aplicasse a *sharia*¹⁰⁵. Para ele, a política é parte integrante e inseparável da fé islâmica, e o Estado islâmico, que a ação política dos muçulmanos tenta construir, é a solução de seus problemas. Visualizou uma configuração de instituições para o seu Estado Islâmico ideal. Este seria composto de um Presidente, um conselho eleito da *Shura*¹⁰⁶ (somente muçulmanos eleitos pelos votos de muçulmanos), um judiciário independente e um gabinete formado por um primeiro-ministro. Os *Dhimmis*¹⁰⁷ teriam o direito de votar em eleições de baixo nível, poderiam trabalhar nos conselhos municipais e em outras organizações da administração local, mas não poderiam trabalhar em cargos de mais alto nível.

A principal obra de Mawdudi, **Jihad in Islam**, foi lançada no final dos anos vinte. Alguns de seus trechos deixam muito claro o porquê de se ter transformado na inspiração para os modernos fundamentalistas islâmicos:

Islam wishes to destroy all states and Governments anywhere on the face of the earth which are opposed to the ideology and programme of Islam regardless of the country or the Nation which rules it. The purpose of

¹⁰³ HADDAD, Yvonne. **Islamists and the Challenge of Pluralism**. Washington DC: Center for Contemporary Arab Studies at Georgetown University, 1995, p. 10.

¹⁰⁴ **SAYYID ABUL ALA MAWDUDI**. Cf. <http://www.islamonline.net/surah/english/quran2.shtml>. Acesso em: 22 setembro 2006.

¹⁰⁵ *Sharia*: Lei Islâmica.

¹⁰⁶ *Shura*: consulta; na teoria política islâmica, o governador constrói um consenso não-comprometedor de suas decisões; interpretado como “democracia” por modernistas.

¹⁰⁷ *Dhimmis*: monoteístas não-muçulmanos.

*Islam is to set up a State on the basis of its own ideology and programme, regardless of which Nation assumes the role of the standard bearer of Islam or the rule of which nation is undermined in the process of the establishment of an ideological Islamic State.*¹⁰⁸

*It must be evident to you from this discussion that the objective of Islamic Jihad is to eliminate the rule of an un-islamic system and establish in its stead an Islamic system of State rule. Islam does not intend to confine this revolution to a single State or a few countries; the aim of Islam is to bring about a universal revolution. Although in the initial stages it is incumbent upon members of the party of Islam to carry out a revolution in the state system of the countries to which they belong, but their ultimate objective is no other than to effect a world revolution.*¹⁰⁹

Quase metade de todos os muçulmanos do mundo vivem atualmente no sul da Ásia, sendo muitos deles seguidores dos ensinamentos do movimento Deobandi. O mais conhecido grupo Deobandi é o Talibã, que dominou o Afeganistão na segunda metade dos anos 1990 até a sua derrocada na campanha militar norte-americana que se seguiu aos atentados de 11 de setembro de 2001. Vale ressaltar que, apesar de derrotado, o movimento Talebã não foi extinto.

O Movimento Deobandi leva esse nome porque foi na cidade de Deoband, situada próxima a Nova Délhi, Índia, que, em 1866, surgiu a primeira escola do movimento, conhecida como *Darul Uloom* ou “Casa do Saber”, fundada por Mohamed Qasim Nanotyí. O principal objetivo desse movimento era a formação de Ulemás¹¹⁰, capazes de emitir pareceres jurídicos oficiais, os *Fatwas*¹¹¹, sobre todos os aspectos da vida cotidiana, a fim de estabelecer sua conformidade ou não com os princípios do Islã, interpretados em sentido rigoroso, puritano e conservador.

Muçulmanos e hindus se juntaram em um movimento que se opunha à Grã-Bretanha. Em resposta, os britânicos depuseram o último imperador Mugal Bahadur Shah Zafar, terminando com quatrocentos anos de domínio muçulmano no continente indiano. No lugar do império deposto, os ingleses

¹⁰⁸ MAWDUDI, Sayyid Abul A'la. **Jihad in Islam**. Lahore: Islamic Publications Ltd., p. 8.

¹⁰⁹ *Ibid.* p. 24.

¹¹⁰ *Ulemás*: “sábios” ou “preparados”; especialistas em questões religiosas e jurídicas

¹¹¹ *Fatwa*: decisão jurídica por um especialista chamado mufti.

estabeleceram um protetorado direto na Índia e também fecharam as diversas escolas muçulmanas existentes.

A escola de *Darul Uloom* é até hoje o segundo maior centro de estudos islâmicos no mundo, ficando atrás apenas da Universidade *Al Azhar*, no Cairo. Até 2001, formou cerca de 65.000 professores oriundos de todas as partes do mundo. Muitos desses passaram a ser os responsáveis pela operação dos milhares de Madrassas¹¹² existentes no Afeganistão e no Paquistão. As Madrassas¹¹³ são escolas religiosas que oferecem um currículo baseado na religião, focando o Corão e os textos islâmicos. Para muitos, diversas dessas escolas religiosas, principalmente as situadas próximo à fronteira entre Afeganistão e Paquistão, promovem uma forma militante do Islã e ensinam seus alunos a lutar contra os infiéis e contra o que eles vêem como a depravação moral do Ocidente.

Os ensinamentos Deobandi enfatizam o cobrimento da mulher com o véu. As mulheres não podem se misturar com os homens em público. A tradição Deobandi ensina que o homem é mais inteligente que a mulher e que não há necessidade de educar a mulher com mais de oito anos de idade. Os estudantes de *Darul Uloom* podem utilizar o computador, mas a Internet é proibida. Podem assistir ao noticiário na TV, mas não a filmes. Diversas escolas Deobandi localizadas fora da Índia proíbem a televisão e a leitura de jornais ou qualquer outra forma de entretenimento. O currículo nessas Madrassas mais radicais tem uma concepção medieval baseada na leitura e recitação de textos religiosos, matemática e alguma lógica. O ensinamento das ciências ocidentais, consideradas não islâmicas, é proibido. A maioria dos estudantes dessas escolas entra nelas aos cinco anos e é graduada aos vinte e cinco.¹¹⁴

A escola *Darul Uloom* deu grande apoio ao movimento Talibã, quando destruíram os Budas de Bamiyan, em março de 2001. Na seqüência dos atentados de 11 de setembro de 2001, seus integrantes emitiram *Fatwas*,

¹¹² *Madrassas*: escola para estudos islâmicos

¹¹³ BLANCHARD, Christopher M. *Islamic Religious School, Madrasas: Background. CRS Report for Congress*. Washington DC: The Library of Congress. Cf. <http://www.fas.org/irp/crs/RS21654.pdf>. Acesso em: 06 novembro 2006.

¹¹⁴ LUCE, Edward. Teachers of Taliban. *Financial Times*, Londres, 17/11/2001.

sugerindo que os judeus, inclusive o serviço secreto israelense, eram os responsáveis pelo atentado.

O Movimento Deobandi, ao contrário dos Wahabitas que são agressivos em seu proselitismo e que gastam milhões de dólares na construção de mesquitas e escolas ao redor de todo o mundo, não financia Madrassas em outros países. Atualmente existem mais de 15.000 delas auto-intituladas Deobandi por toda a Ásia. Só no Paquistão existem cerca de 4.000.

Também não encorajam seus estudantes a defenderem violentamente o Islã. Os Deobandis indianos defendem um comportamento moderado, afirmando que os excessos praticados pelo Talibã são conseqüentes da agressividade cultural dos *Pashtuns*, o grupo tribal que deu origem ao Talibã. Cerca de 82.000 pessoas, muçulmanos e hindus, vivem em Deoband juntas e em paz por muitos séculos.

Porém, eles ensinam a seus alunos desconfiar das outras culturas. Seus ensinamentos são puritanos, buscam limpar o Islã das instituições e influências modernas do ocidente e estabelecer o Corão e os *hadiths*¹¹⁵ como o caminho único a ser seguido. Os Deobandis procuram purificar o Islã das práticas populares como a veneração de ídolos e a visitação de túmulos de santos.

O Deobandi em si não é um movimento violento, mas, como pôde ser visto, é um terreno fértil de idéias e inspiração para alguns movimentos radicais que se utilizam ou dão apoio ao terrorismo. Jovens pobres, sob o controle de Ulemás extremistas, são uma excelente massa crítica para ser transformada em militantes fanáticos da *jihad*.

3.1.3. O Wahabismo

O Wahabismo é uma forma puritana do Islã sunita, surgido na Península Arábica e fundado por Muhammad ibn Abd al-Wahab no século XVIII que prega o monoteísmo absoluto, rejeição de qualquer inovação e que só há uma

¹¹⁵ *Hadith*: “notícia”; tradição sobre atos ou falas de Maomé.

interpretação do Corão e dos *Hadith*¹¹⁶. Sua premissa básica é a busca da purificação do Islã e a extirpação de qualquer tipo de inovação ou desvio dos ensinamentos do Profeta Maomé e de seus companheiros. A veneração de santos, a ostentação e a vida na luxúria são vistas como apostasias. Prega o retorno aos fundamentos do Islã, desconsiderando qualquer tipo de interpretação humana das escrituras sagradas. Além disso, prega a fiel observância a todas as obrigações e proibições previstas nos campos moral, jurídico e privado. De forma resumida: o Wahabismo é uma leitura extremamente puritana do Islã.

No século XVIII, Abd al-Wahab denunciou as diversas crenças populares e práticas do Islã como idólatras. Basicamente, começou a encorajar o retorno à prática pura e ortodoxa dos fundamentos do Islã da forma como está incorporado ao Corão e conforme a vida do Profeta. No mesmo século, al-Wahab converteu Muhammad bin Saud, fundador da atual dinastia saudita. Juntos iniciaram o processo de unificação das diversas tribos espalhadas pela Península Árabe. Bin Saud convenceu-se de que sua missão religiosa era levar a Guerra Santa contra todas as outras formas do Islã, difundindo o Wahabismo como sua forma pura.

O período de batalhas e expansão visando à unificação durou até 1818, quando o Sultão otomano Muhammad Ali derrotou os Wahabitas. Somente a partir de 1821 os Wahabitas recomeçaram a obter controle sobre a costa do Golfo Pérsico e a Península Arábica, porém ainda enfraquecidos em relação ao poder que tiveram no século XVIII: perdem a cidade de Riad, em 1884, e se refugiaram no vizinho Kuwait, em 1889. Finalmente, em 1902, Abd al-Aziz ibn Saud conquista Riad, vindo a reconstituir o antigo domínio de sua família quando, em 1932, cria o Reino da Arábia Saudita, uma monarquia absoluta, governada sob a Lei Islâmica.¹¹⁷

A fuga de diversos integrantes da Irmandade Muçulmana do Egito, durante o governo Nasser, para a Arábia Saudita, entre eles trabalhadores e

¹¹⁶ ALLEN, Charles. **God's Terrorists**: The Wahhabi Cult and the Hidden Roots of Modern Jihad. London: First Da Capo Press, 2006. p.51.

¹¹⁷ BLANCHARD, Christopher. The Islamic Traditions of Wahabism and Salafiyya. **CRS Report of Congress**. Washington DC: The Library of Congress. Disponível em: <http://www.fas.org/irp/crs/RS21695.pdf>.

intelectuais, deu lugar ao desenvolvimento nesse país, principalmente no meio universitário, a uma corrente de pensamento que consistia em uma mistura dos ulemás Wahabitas com intelectuais islâmicos da Irmandade Muçulmana. Essa corrente pregava um estrito cumprimento da lei islâmica nos aspectos políticos, morais e culturais da sociedade. Esses intelectuais não concordavam com a tomada pelo poder preconizada por Sayyd Qutb, porém suas publicações eram bastante difundidas. Entre seus difusores encontrava-se Mohamed Qutb, irmão de Sayyd, que teve entre seus alunos Osama Bin Laden. Considera-se que essa corrente de pensamento tem laços distantes, ainda que não de rejeição, ao pensamento mais radical. Um aspecto importante observado no período da Guerra Fria foi o bom relacionamento entre os governos norte-americanos e os Wahabita-Islamistas, já que estes rivalizavam o governo nasserista que, por sua vez, mantinham estreitos laços com os soviéticos. Essa fase também foi marcada pelo excelente relacionamento existente entre a monarquia saudita e esses pensadores religiosos.¹¹⁸

Em 1973 ocorreu a Guerra do Yon Kipur, envolvendo Israel, de um lado, e o Egito e Síria, de outro. Apesar de não ter participado diretamente dos combates, a Arábia Saudita e seu Wahabismo foram os principais beneficiários dos resultados do conflito. A crise do petróleo que se seguiu, desencadeada pelos países exportadores de petróleo em resposta ao apoio ou suspeição de apoio que os países ocidentais deram a Israel, conduziu a uma disparada dos preços do petróleo jamais vista. Os países produtores de petróleo, entre os quais a Arábia Saudita, passaram a ter predominância sobre o Mundo Muçulmano. Essa liderança permitiu que, pela primeira vez, os ideais puritanos do Wahabismo encontrassem as condições propícias para se propagar entre as nações islâmicas e vencer a grande resistência que tal puritanismo encontrava em muitas sociedades muçulmanas. Além disso, permitiu a vitória final do Islã conservador de ramificação sunita, característico do modelo saudita, sobre os nacionalismos pan-árabes que haviam dominado o Oriente Médio desde a década de 1950.

¹¹⁸ ABoul-ENEIN, Youssef. Al-Ikhawn Al-Muslimeen: a Irmandade Muçulmana, **Military Review**, 2º trimestre 2004, Kansas, p. 45-49.

O principal instrumento para essa expansão do Islã puritano nada mais foi do que as vultosas quantias de petrodólares que não paravam de jorrar do solo saudita e eram utilizadas em financiamentos nos diversos países muçulmanos do universo sunita, desde que esses se comprometessem, cada vez mais, a incorporar os preceitos islâmicos sauditas. Paralelamente, o desenvolvimento econômico da Arábia Saudita atraiu número muito grande de imigrantes de diversas partes do mundo, do Sudão ao Sudeste Asiático, passando pelo Paquistão. Esses imigrantes, quando do retorno para os seus países de origem, levavam consigo os preceitos conservadores que o Wahabismo saudita preconizava e que seriam, assim, difundidos em seus lares. Somando-se a isso, está o fato de que a ascensão material que os imigrantes obtinham durante sua estada na Arábia Saudita os tornava membros de uma burguesia religiosa que começava a querer ganhar espaço político dentro de suas respectivas sociedades.

Outro fenômeno observado nessa época de abundância de petrodólares foi a difusão, até então, inédita do Wahabismo por todo o mundo muçulmano e até em países europeus que possuíam colônias de imigrantes oriundos da Península, por meio da instalação de agências religiosas fiéis à Riad. Também foram gastas enormes somas com a impressão de exemplares do Corão, publicações Wahabitas, produção de fitas de áudio contendo os versos do Profeta e com a construção de mesquitas ao redor do mundo. Esse esforço, que alcançou todos os rincões do Mundo do Islã e fora dele, tinha o propósito de divulgar e propagar a doutrina religiosa puritana saudita e torná-la uníssona dentro da mente dos muçulmanos.

Ainda outro fator de difusão do Wahabismo foi o recente desenvolvimento acelerado dos transportes mundiais. Com isso, tornou-se cada vez mais fácil para os muçulmanos de todo o mundo realizarem o *Hajj*¹¹⁹, ou seja, a peregrinação à cidade sagrada de Meca, que é controlada pelos governantes sauditas, fazendo com que o ambiente em torno da peregrinação se torne predominantemente Wahabita. Importante registrar também que essa linha de ação adotada pela monarquia Saud, de utilizar a difusão da doutrina

¹¹⁹ *Hajj*: quem a completa ganha prestígio como *hajji*.

islâmica como forma de exercer liderança e proeminência sobre o espaço muçulmano, serviria como inspiração a diversos grupos radicais.

É clara a existência da influência dessas três correntes filosóficas no pensamento de Osama Bin Laden. Desde sua adolescência, Bin Laden embebeu-se dos ensinamentos radicais de Qutb e do Wahabismo presente em sua terra natal. Anos mais tarde, durante sua participação na Guerra do Afeganistão e posteriormente na sua estada como hóspede do Talibã, Osama recebeu a influência dos pensamentos de Mawdudi sobre a radicalização do Islã.

Osama Bin Laden adota uma postura plenamente compatível ao radicalismo religioso que prega. Mesmo dotado de uma vultuosa herança, Bin Laden nunca a utilizou em benefício de interesses particulares, mas sempre procurando empregar seus recursos na sua causa jihadista. A partir da década de noventa, Bin Laden investiu-se de um poder, exclusivo dos clérigos muçulmanos, de emitir decretos religiosos, ou *Fatwas*, incitando a mobilização de todo o mundo islâmico contra o Ocidente. Na análise de seu discurso, as inúmeras citações a Deus, as citações do Corão e o claro ódio demonstrado ao não-islâmico, principalmente ao Ocidente e Israel, demonstram que Osama Bin Laden colocou em prática os pensamentos radicais de seus antecessores.

Capítulo 4 - A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA AL QAEDA

“Our message to our enemies is this: America and its allies should know that their crimes will not go unpunished, God Wiling”.

4.1. AS ORIGENS DA AL QAEDA

Muita controvérsia existe a respeito de quando, exatamente, surgiu a organização terrorista Al Qaeda e quem foi seu fundador. O que existe de concreto é que dois importantes movimentos tiveram uma influência significativa no desencadeamento do processo onde se originou este movimento: a Revolução iraniana de 1979 e a Guerra do Afeganistão contra a invasão da União Soviética. A partir desses acontecimentos começou a germinar a idéia de criar um movimento de vanguarda a fim de lutar a *Jihad* onde quer que fosse necessário e contra qualquer inimigo. Em sua concepção inicial, esse movimento não adotava o terrorismo. Tal opção se deu alguns anos mais tarde, quando Abdullah Azzam, seu fundador, foi assassinado e substituído por Osama Bin Laden.

Como citado acima, o principal responsável pela idealização e formatação daquilo que viria a se transformar na rede terrorista Al Qaeda foi o palestino Abdullah Azzam.¹²⁰ Azzam nasceu em 1941 em uma pequena vila no norte da Palestina. Posteriormente, Azzam se integrou à Irmandade Muçulmana jordaniana onde iniciou seus estudos, obtendo o grau de bacharel em Estudos Islâmicos. Após a Guerra dos Seis Dias, participou da resistência à tomada da Cisjordânia por Israel, onde permaneceu até 1968. Na seqüência, Azzam foi para o Egito, onde realizou seu doutorado em jurisprudência islâmica na Universidade *AL-Azhar* no Cairo, de onde foi expulso em 1979, quando partiu para o Afeganistão.

Em território paquistanês, Azzam era um dos principais líderes envolvidos com a formulação e articulação da doutrina da *Jihad* e da

¹²⁰ GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda**: Global Network of Terror. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 5.

mobilização dos afegãos e árabes que comporiam as fileiras *mujaheddins* os quais lutariam contra as tropas soviéticas. Além disso, por estar inserido na área de conflito, encontrava solo fértil para a divulgação de suas idéias radicais por meio dos diversos artigos que publicava e também de seus discursos e pronunciamentos que possuíam grande ressonância no meio *Mujaheddin*. Em suas palavras, Azzam pregava que a *Jihad* do Afeganistão era uma obrigação para todo muçulmano, fosse ela por meio de uma participação moral ou na forma de ajuda financeira. Tais afirmações eram suportadas por diversos clérigos muçulmanos, o que dava caráter obrigatório à luta correndo-se o risco de incorrer em um pecado capital se não se obedecesse. Mais ainda, todo muçulmano que se sentisse em condições físicas teria o direito de participar do conflito, não havendo necessidade de ser autorizado por ninguém. Em um desses artigos publicados no jornal dos combatentes, o **Al-Jihad**¹²¹, Azzam definiu a composição, os objetivos e as propostas de que viria a ser uma vanguarda revolucionária islâmica e que serviria como base para o surgimento da Al Qaeda¹²². Nota-se que Azzam foi também um dos mentores de Osama Bin Laden.

*Every principle needs a vanguard to carry it forward and, while focusing its way into society, puts up with heavy tasks and enormous sacrifices. There is no ideology, neither earthly nor heavenly, that does not require such a vanguard that gives everything it possesses in order to achieve victory for this ideology. It carries the flag all along the sheer, endless and difficult patch until it reaches its destination in the reality of life, since Allah has destined that it should make it and manifest itself. This vanguard constitutes Al-Qa'idah al-Sulbah (The Solid Base) for the expected society.*¹²³

OSAMA BIN LADEN

Osama Bin Laden nasceu em 30 de julho de 1957 na cidade de Riad, na Arábia Saudita, filho de Mohammad Bin Laden ex-estivador do Porto de Jedá que, graças ao *boom* do petróleo na Arábia Saudita, tornou-se um dos maiores empresários da construção civil do país. Ainda no segundo grau, Bin Laden

¹²¹ O jornal Al-Jihad continha diversos artigos de autoria do próprio Azzam, essa publicação era produzida no Paquistão e distribuída por todo o mundo.

¹²² GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda**: Global Network of Terror. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 5.

¹²³ AZZAM, Abdullah. Al-Qa'idah al-Sulbah. **Al-Jihad**. Peshawar, n. 41, abril 1998, p. 46.

começou a ter seu primeiro contato com a Irmandade Muçulmana, apresentando a partir daí mudança significativa em seu comportamento, mostrando-se mais reservado e mais voltado para as questões imateriais. Apesar de sua excelente condição financeira, passou então a se aproximar mais das pessoas pobres e mostrou ser possuidor de um caráter beneficente.

Em 1976 entrou para Universidade Rei Abdul Aziz, em Jedá, onde estudou economia. Foi lá que Bin Laden aprofundou seus estudos islâmicos por meio do contato com Jamal Khalifa, membro da Irmandade. Este foi um período de questionamento espiritual, em que Bin Laden se aprofundou na interpretação do Islã. Também nesse período Bin Laden foi freqüentador assíduo das palestras proferidas na Universidade por Muhammad Qutb, irmão de Sayd Qutb¹²⁴, que apresentava diversos ensinamentos a respeito do Islamismo. Ainda durante seu período na faculdade, Bin Laden passou a trabalhar em uma das empresas de sua família, em Mina, no complexo sagrado de Meca. Interessante notar que, mesmo sendo membro da família dos donos da empresa, Bin Laden fazia questão de se misturar com os demais operários, envolvendo-se diretamente na realização de trabalhos braçais¹²⁵.

Logo após a invasão do Afeganistão pelos soviéticos, Bin Laden foi para o Paquistão a fim de iniciar um levantamento da situação em que o conflito se encontrava, além de realizar diversos encontros com os principais líderes das organizações islâmicas tanto afegãs como paquistanesas. Foram estas que, com o apoio logístico e financeiro fornecido pelos Estados Unidos, comporiam a resistência contra os soviéticos. Nos primeiros meses do conflito, o movimento *Mujaheddin* ainda se encontrava incipiente, foi neste período que Bin Laden estabeleceu os primeiros contatos com Abdullah Azzam.

Bin Laden e Azzam foram os fundadores do *Maktab al Khidmay lil Mujahidin al-Arab* (MAK), ou Bureau de Serviços Afegãos, em Peshawar, no Paquistão, em 1984. A missão dessa organização era recrutar, doutrinar e treinar milhares de jovens árabes e muçulmanos de todas as partes do mundo que se voluntariavam para tomar parte do conflito afegão. Além disso, o MAK

¹²⁴ GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda**: Global Network of Terror. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 22.

¹²⁵ WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres**: A Al Qaeda e o caminho do 11/9. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.99.

recebia, gerenciava e distribuía os mais de duzentos milhões de dólares provenientes de doações particulares e governamentais de todo o mundo muçulmano, bem como os recursos financeiros fornecidos por alguns países ocidentais principalmente os Estados Unidos.

A partir de 1984, esse fluxo de voluntários aumentou consideravelmente. Jamais se havia visto tamanha mobilização em torno de uma causa fundamentada, basicamente, em cima da religião. Ao longo de mais de uma década, quando se desenrolou o conflito do Afeganistão, foram criadas dezenas de campos de treinamentos e casas de hóspedes, que serviam para acolher os voluntários que chegavam para a luta, espalhados ao longo de toda a fronteira do Paquistão com o Afeganistão. Além disso, foram construídos intrincados sistemas de cavernas e túneis, que tinham a finalidade de servir como centros de comando e de esconderijo para pessoal e material. Esses complexos, encravados nas montanhas, anos mais tarde, foram amplamente utilizados pela Al Qaeda e seus seguidores.

Nessa época, também se desenvolveu um bem elaborado sistema de fluxo financeiro por meio da atuação de dezenas de organizações não governamentais de caráter humanitário, das quais se destacavam a Organização Internacional de Ajuda Islâmica e a Agência de Ajuda Islâmica. Essas organizações voltaram às manchetes após os ataques de 11 de setembro, quando se descobriu que parte considerável do financiamento da Al Qaeda era proveniente desses grupos.

Com uma rede de escritórios espalhada por trinta e cinco países, o MAK estabeleceu uma estrutura humana inigualável, possuindo em suas mãos verdadeira massa de muçulmanos dispostos a lutar em nome de Alá. A fim de aproveitar essa massa, Azzam concebeu a Al Qaeda como uma vanguarda que iria canalizar as energias dos *Mujaheddin* para lutar em nome dos muçulmanos oprimidos ao redor do mundo. Estava surgindo uma verdadeira força de reação rápida islâmica pronta para se lançar à luta, onde quer que

fosse¹²⁶, estabelecendo então as oito diretrizes para o treinamento da Al Qaeda:

It must jump into the fire of the toughest tests and into the waves of fierce trials.

The training leadership shares with them the testing march, the sweat and the blood. The leadership must be like the moterly warmth of a hen whose chicks grow under its wings, throughout the long period of hatching and training.

This vanguard has to abstain from cheap wordly pleasures and must bear its distinct stamp of abstinence and frugality.

In like manner it must be endowed with firm belief and trust in the ideology, instilled with a lot of hope for its victory.

There must be a strong determination and insistence to continue the march no matter how long it takes.

Travel provisions is among the most important terms on this march. The provision consists meditation, patience and prayer.

Loyalty and devotion.

They must be aware of the existence of anti-islam machinations all over the world.¹²⁷

Nesse período surgiram diversas divergências entre Azzam e Bin Laden. Uma delas a respeito da vontade de Bin Laden de utilizar os combatentes egípcios para treinar os *Mujaheddin* em técnicas terroristas, idéia esta não compartilhada por Azzam. Além disso, essa mesma facção egípcia queria utilizar fundos do MAK para lançar sua campanha terrorista contra o governo local. Azzam também não concordava, achando que os fundos do MAK deveriam ser empregados exclusivamente no Afeganistão, inclusive lançando um *Fatwa* declarando que o uso de fundos da *Jihad* para o treinamento de terroristas violaria a lei islâmica¹²⁸. Ele ainda era contra a morte de civis inocentes. No final de 1989, Azzam foi morto em um atentado a bomba, supostamente perpetrado por seguidores de Ayman Al Zawahiri.

No final da Guerra do Afeganistão, a instável e frágil situação política no Oriente Médio e no Afeganistão facilitaram a internacionalização da Al Qaeda. A derrota que infringiram aos soviéticos fez com se considerassem invencíveis

¹²⁶ GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda: Global Network of Terror**. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 5.

¹²⁷ Ibid. p. 6.

¹²⁸ Ibid. p. 30

e capazes de derrotar qualquer inimigo. Guiados pelo ideal islâmico, a maioria dos salafistas-jihadistas, árabes que retornavam para suas casas vindos do Afeganistão, estavam impregnados com a idéia de promover radicais mudanças sociais e políticas nos seus países de origem. Esses ex-combatentes se incorporaram aos partidos políticos de oposição, facções religiosas e outros grupos nacionais que já vinham conduzindo campanhas contra os governos muçulmanos considerados ditatoriais e seus regimes corruptos, servindo como catalisador da radicalização do debate religioso, resultando em grande agitação política. Assim, campanhas pacíficas tornavam-se violentas. A “tsunami fundamentalista” se espalhava pelo mundo muçulmano. Em resposta, os governos, muitos deles fonte de apoio aos mujaheddins, começaram a prender esses ex-jihadistas ou impedir sua entrada em seus países. Com a situação política deteriorada no Afeganistão e a pressão internacional que obrigou o Paquistão a expulsar os últimos jihadistas, o MAK passou a ser a única solução segura para eles.

A estrutura política, sócio-econômica e militar da MAK, armazenada em um banco de dados extremamente complexo feito por Bin Laden, passou a ser incorporada pela Al Qaeda, que começou a utilizar esses recursos em qualquer lugar onde havia grupos islâmicos envolvidos em conflitos. O principal envolvimento desses guerreiros se deu na turbulenta Cachemira e na Chechênia. Também houve participação direta de membros da Al Qaeda em conflitos na Somália, Malásia, Iêmen, Egito, Argélia, entre outros países. A fim de escapar da repressão, a Al Qaeda utilizou-se da cobertura de instituições islâmicas de caridade. Acabou também fornecendo armas e treinamento militar, recrutando combatentes e se tornando parte dos conflitos em vários países.

Durante o período da guerra do Afeganistão, Osama Bin Laden permaneceu boa parte do tempo na região de fronteira, principalmente na cidade de Peshawar, Quartel General da *Jihad*, situado na fronteira do Afeganistão com o Paquistão. Durante esses anos, suas visões de mundo e convicções religiosas tornaram-se ainda mais radicais. Com a vitória no conflito, Bin Laden percebeu que o Islã era uma força suficientemente agregadora para enfrentar uma grande potência, criando-se assim o mito da invencibilidade islâmica.

Apesar de sua participação no conflito ter-se dado, fundamentalmente, no apoio logístico e financeiro, ele participou de algumas operações de combate, especialmente no final do conflito. O suporte fornecido por Bin Laden, por meio de sua fortuna, somado ao seu engajamento em suas questões políticas e a mística de invencibilidade em torno de seu nome o fizeram um líder natural dos *Mujaheddin*. É importante salientar que o fato de os guerreiros *Mujaheddin* serem muçulmanos de todas as partes viria a ser de extrema utilidade nas ações futuras da organização que Bin Laden agora liderava, a Al Qaeda.

4.2. OS PRIMEIROS ANOS DA ORGANIZAÇÃO

Após o final do conflito no Afeganistão, Osama Bin Laden retornou para a Arábia Saudita coberto de glórias, sendo venerado quase tanto quanto os membros da família real¹²⁹. Graças a sua experiência adquirida em mais de uma década de envolvimento no conflito armado, passou a colaborar com o Serviço Secreto da Arábia Saudita em algumas operações clandestinas realizadas por este país no Oriente Médio. Uma delas foi o projeto de lançar um movimento de guerrilha contra o governo marxista do Iêmen do Sul, que acabou não se concretizando em virtude da assinatura de um acordo de unificação entre o Iêmen do Sul e o do Norte. Mesmo com a união entre os dois países concretizada, Bin Laden fornecia apoio financeiro a alguns grupos islâmicos locais que se opunham à ordem estabelecida¹³⁰.

No início dos anos noventa, tropas iraquianas invadiram o pequeno principado do Kuwait com o objetivo de anexar o país, um dos maiores produtores de petróleo do planeta, ao seu território. Além disso, Saddam Hussein, Presidente do Iraque, buscava aumentar seu prestígio na região tornando-se líder do mundo árabe. Em resposta à invasão, a Organização das Nações Unidas determinou a saída imediata das tropas iraquianas estacionadas no país vizinho. Diante da recusa iraquiana, lançou-se uma das maiores operações militares desde a Segunda Guerra Mundial com o fim de

¹²⁹ WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres** A Al Qaeda e o caminho do 11/9. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.166.

¹³⁰ Ibid. p.174.

libertar o Kuwait. Para atingir tal objetivo, organizou-se uma poderosa força militar capitaneada pelos Estados Unidos e composta por nações do mundo inteiro, inclusive árabes.

Diante dessa situação, Bin Laden procurou a realeza saudita e ofereceu os serviços de sua legião de jihadistas para que estes lutassem pela libertação do Kuwait e não precisasse recorrer à ajuda Ocidental para tal fim. Tomado pela aura da invencibilidade islâmica, afirmava ser capaz de reunir uma força militar suficiente o bastante para derrotar o então quarto maior Exército do mundo. A fim de não entrar em rota de coalizão com os Estados Unidos, o governo saudita recusou os préstimos de Bin Laden, porém lhe fazendo a promessa de que no fim da guerra todas as tropas ocidentais deixariam o país. Buscando conferir legitimidade a tal decisão, o governo solicitou inclusive que clérigos islâmicos emitissem decretos religiosos amparando a presença de tropas ocidentais em solo sagrado. Com o rápido desfecho da guerra em favor da coalizão, os Estados Unidos mantiveram uma grande concentração de tropas na Arábia Saudita fazendo com que o governo saudita não atendesse as exigências de Bin Laden. Em face essa quebra de compromisso, Bin Laden iniciou uma série de declarações e publicações criticando o posicionamento da dinastia Saud, classificando-os como apóstatas e traidores do mundo islâmico. Bin Laden declarava assim guerra contra o governo da Arábia Saudita, passando a pregar sua derrubada e a substituição por um governo verdadeiramente islâmico.

Desde a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, a situação política no país encontrava-se caótica. As diversas facções que outrora se haviam agregado na luta contra o inimigo soviético agora se degladiavam numa luta fratricida pelo poder em um país devastado pela guerra e ainda sob o governo comunista de Muhammad Najibullah, que ainda mantinha o controle da capital Cabul. Nesse período, Bin Laden deslocou-se para a região, investido de seu passado como líder *Mujaheddin*, a fim de tentar mediar o conflito entre os grupos oponentes e chegar a um consenso. Porém, Bin Laden não obteve êxito em seu intento, ficando o país mergulhado em uma guerra civil que durou até 1996, com a tomada do poder pelo Talibã. Paralelo a esses acontecimentos, Bin Laden começou a ser cortejado por Hassan Al-Turabi,

líder da Frente Nacional Islâmica e Presidente do Sudão desde 1989, para que transferisse toda a sua estrutura jihadista para o país africano.

Após o envio de integrantes de sua organização para que realizassem contatos com as autoridades sudanesas e reconhecimentos de possíveis áreas para instalação e treinamento de suas forças, avaliando a real capacidade do país de servir às necessidades da Al Qaeda, Bin Laden iniciou a transferência de pessoal e material para a África em meados de 1991. No ano seguinte, após boa parte de sua organização já estar instalada em território sudanês, foi a vez de o próprio Bin Laden deslocar-se para lá.

A transferência e permanência da infra-estrutura da Al Qaeda para o Sudão, que durou até o ano de 1996, deu-se por algumas razões. Uma delas foi a necessidade visualizada pelos líderes da organização de buscar um local para a instalação do grupo, uma vez que os países que outrora foram favoráveis ao desenvolvimento de suas atividades haviam se tornado hostis, como se verificou no caso do Paquistão e da Arábia Saudita. Um segundo motivo foi a necessidade de realocar os jihadistas ainda próximos da região, visualizada por Bin Laden como a mais propensa para o lançamento de suas ações futuras, o Oriente Médio. Além disso, foi o aproveitamento da situação criada pelo governo sudanês de fornecer livre acesso para a organização, fornecendo-lhes áreas para treinamento, armamentos dos mais variados tipos e suporte das Forças Armadas e do Serviço de Inteligência do Sudão¹³¹.

Durante o tempo em que esteve no Sudão, Bin Laden desenvolveu não somente suas ações como terrorista, mas também como homem de negócios. Suas empresas na área de engenharia construíram milhares de quilômetros de rodovias ligando os principais pontos do país, bem como dezenas de pontes. Desenvolveu ainda atividades no ramo da agricultura tornando-se um dos maiores proprietários de terra do país¹³² e plantando produtos dos mais variados tipos como amendoim, frutas e milho. Os negócios do saudita incluíam

¹³¹ GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda**: Global Network of Terror. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 43.

¹³² WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres**: A Al Qaeda e o caminho do 11/9. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.190.

também indústrias de processamento de produtos agrícolas para exportação e empresas de transporte de carga.

No campo do terrorismo, Bin Laden aproveitou as amplas áreas a sua disposição para realizar o treinamento de militantes em técnicas especiais, armamentos, explosivos e destruição. Suas empresas de transporte serviam também para o carregamento de armas e de outros equipamentos militares. Uma considerável soma da renda obtida por meio de seus empreendimentos foi destinada à causa islâmica, sendo parte empregada pela própria Al Qaeda e o restante enviado para diversas organizações terroristas ao redor do mundo. Além disso, a Al Qaeda fez amplo uso de dados de inteligência fornecidos pelo Serviço Secreto Sudanês.

Foi durante o período de permanência no Sudão que Osama Bin Laden estreitou suas relações com o homem que se tornaria seu braço direito, o egípcio Ayman al-Zawahiri. Zawahiri nasceu em um subúrbio do Cairo em 1951, filho de uma influente família da região. Ainda na sua juventude aderiu ao islamismo radical, filiando-se à organização *Al Gamaa-al Islamyaa*, grupo fortemente influenciado pelas idéias de Sayyid Qutb. Formando-se em medicina no ano de 1974, Zawahiri continuou envolvido com atividades radicais, sendo preso em 1981 pelo envolvimento no assassinato do Presidente egípcio Anwar Sadat. Na prisão criou o grupo Jihad Islâmica. Solto em 1984, seguiu para o Afeganistão onde se aproximou de Bin Laden, tornando-se seu médico particular e comandando a facção egípcia dos *Mujaheddin*. Muitos consideram Zawahiri o responsável por convencer Osama Bin Laden em transformar seu exército jihadista em uma organização terrorista¹³³. Ajudou também a desenvolver em Bin Laden sua capacidade organizacional e o influenciou a dar alta prioridade à ala militar da Al Qaeda. Em sua biografia, intitulada “Knights on the Prophet’s Banner”¹³⁴, exibe sua idéia de que a nova Jihad é uma luta entre o Islã e as hostis forças globais. Para Zawahiri não há solução sem a *Jihad*. Em um trecho de sua obra declara o teor global da Al Qaeda:

¹³³ WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres** A Al Qaeda e o caminho do 11/9. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.148.

¹³⁴ ABOUL-ENEIN, Youssef H. **Ayman Al-Zawahiri’s Knights under the Prophet’s Banner: the Al-Qaeda Manifesto**. Military Review, January 2005. p.83.

*[...]Therefore, to adjust to this new reality we must prepare ourselves for a battle that is not confined to a single region, one that includes the apostate domestic enemy and the Jewish-Crusade external enemies[...] The need to inflict the maximum casualties against the opponent, for this is the language understood by the west, no matter how much and effort such operations take[...]we reiterate that focusing on the domestic enemy alone will not be feasible at this stage[...]*¹³⁵

Os anos de permanência no Sudão foram de extrema importância para a evolução da organização. Nesse período, a Al Qaeda começou a desenvolver seu sistema de células terroristas independentes, ligadas ao comando central da organização por um bem elaborado sistema de comunicações. Esse esquema seria uma das marcas registradas do grupo nos anos seguintes. Nessa época, também, Osama Bin Laden começou a arregimentar diversos grupos terroristas islâmicos de todas as partes do mundo em torno de seu comando central. Foi no Sudão que a Al Qaeda transformou-se na principal organização terrorista do planeta.

De sua base no Sudão, a Al Qaeda lançou um de seus primeiros ataques terroristas explodindo duas bombas em frente a hotéis na cidade de Aden no Iêmen. Os ataques tinham como objetivo provocar baixas entre os milhares de soldados americanos que se encontravam na região para participar da Operação Restaura Hope na Somália. Esse primeiro ataque não obteve sucesso pleno, pois não conseguiu atingir nenhum militar norte-americano. Porém, duas pessoas foram vítimas fatais da ação: um turista australiano e um funcionário de um dos hotéis atingidos. A Al Qaeda iniciava assim sua campanha de terror.

Em 1993, a Al Qaeda realizou sua primeira operação terrorista em território americano. No dia 26 de fevereiro, o terrorista Ramzi Youssef, sob a inspiração dos discursos do clérigo radical egípcio Omar Abdul Rahman, conhecido como o “Xeique cego”, estacionou um veículo carregado de explosivos no estacionamento subterrâneo do World Trade Center em Nova York. O plano inicial era, com a explosão, danificar de tal maneira os alicerces

¹³⁵ SAGEMAN, Marc. **Understanding Terror Networks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p.23.

do prédio que derrubasse uma das torres sobre a outra, destruindo todo o complexo. A expectativa dos terroristas era matar milhares de pessoas. Porém, o plano não saiu como o planejado: a explosão, apesar de poderosa, não abalou as estruturas do prédio. O saldo dessa ação foi de seis pessoas mortas e mais de mil feridas. A eficiente ação do FBI na época levou à prisão de dezenas de radicais, incluindo o xeique. Tal reação impediu uma suposta onda de ataques que estariam por ser executados em solo americano.

Nos anos de 1994 e 1995, a Al Qaeda esteve por trás de planos de assassinato do Presidente norte-americano Bill Clinton, do filipino Fidel Ramos e do egípcio Hosni Mubarak. Ainda em 1994, fracassou o plano da Al Qaeda de lançar a Operação *Bojinka*, audaciosa operação terrorista que previa o seqüestro de onze aeronaves comerciais norte-americanas e sua destruição por sobre o Oceano Pacífico. O plano falhou devido a um incidente ocorrido nas Filipinas, ainda durante a fase de preparação dos ataques.

Apesar de, inicialmente, a estadia da Al Qaeda no Sudão ter sido extremamente proveitosa, a situação começou a se deteriorar a partir de 1994. A deplorável condição econômica do Sudão, aliada ao congelamento dos bens pessoais de Bin Laden pelo governo saudita, tornaram a condição financeira da Al Qaeda desfavorável. Somou-se a isso a cada vez maior pressão por parte de países islâmicos, principalmente Argélia e Egito, sobre o governo do Sudão, que viam em Bin Laden o principal inspirador e apoiador dos movimentos radicais que realizavam diversos ataques terroristas em seus países. Outra nação a exercer forte pressão sobre Bin Laden foi a Arábia Saudita em virtude de sua importante influência sobre a dissidência saudita que por sua vez vinha realizando forte pressão sobre os Saud. O governo saudita chegou inclusive a planejar tentativas de assassinato e, devido ao insucesso delas, propôs a Bin Laden uma reconciliação em troca de seu abandono da *Jihad*¹³⁶, proposta esta recusada. Na seqüência desses acontecimentos, um atentado à bomba contra um prédio da Guarda Nacional em Riad matou 17 pessoas, apesar de todos os indícios levarem à participação da Al Qaeda na ação, Bin Laden negou sua participação no ataque.

¹³⁶ SAGEMAN, Marc. **Understanding Terror Networks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p.35.

4.3. A FASE AFEGÃ

No início de 1996, o Afeganistão ainda se encontrava mergulhado no caos provocado por anos de luta pelo poder, diversas facções de *Mujaheddins* enfrentavam-se em violentos combates pelas principais cidades do país. Foi no meio dessa caótica situação que Osama Bin Laden desembarcou no país. No mesmo mês de sua chegada, o Talibã, um dos grupos em conflito, lançou uma pesada ofensiva militar que resultou na captura de Cabul em 26 de setembro de 1996, dando assim ao Talibã o controle sobre dois terços do território afegão. Os primeiros e únicos regimes que reconheceram o novo governo do Afeganistão foram a Arábia Saudita, o Paquistão e os Emirados Árabes Unidos.

O Talibã, nome *pachtun*¹³⁷ para estudantes, surgiu no início dos anos 1990, quando um veterano da guerra do Afeganistão, o Mulá Omar começou a percorrer o país recrutando estudantes oriundos de diversas Madrassas, as escolas religiosas pregadoras do Islã radical, instaladas no Paquistão e no Afeganistão, a fim de se juntar a ele na luta pela implantação de um Estado estritamente islâmico na sua concepção mais radical. No período de sua formação e posteriormente na luta pelo poder no país, os Talibãs receberam pesado suporte financeiro e material oriundos da Arábia Saudita e do Paquistão, cujo Serviço de Inteligência desse mantinha um estreito relacionamento com a organização. Além disso, obtiveram grandes somas em dinheiro oriundas da cobrança de taxas dos traficantes de ópio. Ao chegar ao poder, os líderes Talibã puderam finalmente pôr em prática suas idéias de uma sociedade islâmica pura. Seus integrantes espalhavam o medo e o terror pelo país, estabelecendo regras sobre cortes de cabelo e barba, proibindo o acesso de seus cidadãos aos meios de comunicação, impedindo as mulheres de trabalhar e estudar, além de diversas outras restrições às liberdades individuais que quando desobedecidas resultavam em pesadas penas, na maioria dos casos capitais. O Afeganistão voltava à Idade Média.

¹³⁷ *Pachtun*: Um dos dialetos falados na região da fronteira do Paquistão com o Afeganistão.

Quando de sua chegada no país, Bin Laden não foi diretamente recebido pelo governo do Mulá Omar, ficando um período nas proximidades da cidade de Jalalabad. Após curto período isolado nas montanhas, Bin Laden começou a estabelecer links com a liderança Talibã, oferecendo-lhes suporte financeiro e colocando seus jihadistas à disposição do governo local. Em contrapartida, o líder Talibã forneceu à Al Qaeda livre acesso aos campos de treinamento, armamentos e outros equipamentos militares, chegando inclusive a permitir que Bin Laden utilizasse aeronaves do governo afegão para o transporte de pessoal e suprimento¹³⁸.

Os anos no Afeganistão foram de extrema importância para a organização. Bin Laden conseguiu instalar toda a infra-estrutura de treinamento e de operações em um país que lhe oferecia total cobertura para o desenvolvimento de suas atividades de planejamento, preparação e coordenação. Durante esse período, Bin Laden começou a formatar uma vasta aliança de organizações terroristas islâmicas do mundo todo. Seu status no país permitia-lhe receber a visita de líderes dessas organizações que o procuravam em busca de dinheiro e apoio para a declaração de suas *Jihad* em seus respectivos territórios. Osama também começou a publicar diversos decretos religiosos, a maior parte deles atacando os Estados Unidos e a Arábia Saudita. Segundo Bin Laden, a política americana no Oriente Médio era uma declaração de guerra aos muçulmanos. A adoção dessa postura explicitamente anti-americana aumentou ainda mais a filiação de grupos islâmicos à sua causa, além de atrair apoio de diversos países como o Irã, Iraque e Sudão. Finalmente, em 23 de fevereiro de 1998, Bin Laden anunciou a formação da Frente Islâmica Mundial para a Jihad contra os Judeus e os Cruzados. Na declaração de lançamento da Frente, a Al Qaeda enumera os motivos para o lançamento de sua Jihad contra o Ocidente:

First, for over seven years the United States has been occupying the lands of Islam in the holiest places, the Arabian Peninsula, plundering its riches, dictating to its rulers, humiliating its people, terrorizing its neighbours, and turning its

¹³⁸ GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda**: Global Network of Terror. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 54.

*bases in the peninsula into a spearhead through which to fight the neighboring Muslim peoples. Second, despite the great devastation inflicted on the Iraq people by the crusader-Zionist alliance, and despite the huge number of those killed, which has exceeded one million...despite all this, the americans are once again trying to repeat the horrific massacres, as though they are not content with the protracted blockade imposed after the ferocious war or the fragmentation and devastation. Third, if the Americans aims behind these wars are religious and economic, the aim is also to serve the jews petty state and divert attention from its occupation of Jerusalem and murder of Muslims there. The Best proof of this is their eagerness to destroy Iraq, the strongest neighboring Arab state, and their endeavor to fragment all the states of the region such as Iraq, Saudi Arabia, Egypt and Sudan into paper statelets and through their disunion and weakness to guarantee Israel survival and the continuation of the brytal crusade occupation of the peninsula.*¹³⁹

Nessas palavras, Bin Laden demonstra claramente sua oposição aos Estados Unidos e sua política para o Oriente Médio. Procura usar termos que reforçam o sentido religioso procurando dar uma conotação de que o inimigo dos Estados Unidos é o mundo muçulmano. Apela também para as citações de Israel, buscando amparo na causa palestina, uma unanimidade nos países islâmicos. Refere-se, pragmaticamente, ao Iraque, antigo inimigo, liderado por um tradicional inimigo da América e detentor ainda de uma das maiores forças militares do Oriente Médio. Tenta também uma inédita aproximação com o Irã xiita, a fim de aumentar ainda mais seu espectro de países simpatizantes. Em suma, Bin Laden emprega as palavras para unificar o mundo islâmico contra o inimigo comum. Termina seu discurso incitando a todos os muçulmanos que declarem guerra ao Ocidente:

The ruling to kill the americans and their allies-civil and military-is an individual duty for every Muslim Who can do it in

¹³⁹ LADEN, Osama Bin. **Jihad Against Jews and Crusaders**. Laqueur, In: Walter (Ed). *Voices of Terror: Manifestos, Writings and Manuals of Al Qaeda, Hamas, and Other Terrorists From Around The World and Throughout the Ages*. New York: Reed Press, 2004. p.411.

any country in which it is possible to do it, in order to liberate the AL-Aqsa Mosque and the holy mosque, Meca, from their grip, and in order for their armies to move out of all the lands of Islam, defeated and unable to threaten any Muslim. This is in accordance with the words of Almighty Allah, “and fight the pagans all together as they fight you all together,” and “fight them until there is no more tumult or oppression, and there prevail justice and faith in Allah”¹⁴⁰

Durante seu período afegão, a Al Qaeda operou por meio de uma estrutura hierárquica que tinha no topo seu Emir-general Osama Bin Laden. Diretamente abaixo dele, encontrava-se o *Shura Majlis* ou conselho consultivo, composto por membros mais experientes entre os quais o egípcio Ayman al-Zawahiri. Abaixo e subordinado ao conselho consultivo estavam os quatro comitês operacionais: o militar, responsável pelo recrutamento, treinamento, reconhecimentos, transporte e execução de operações bem como pelo gerenciamento das diversas células espalhadas pelo mundo; o para finanças e negócios, que cuidava do orçamento da organização proveniente de organismos não internacionais, doadores particulares, Estados patrocinadores e negócios gerenciados pelo grupo; o de estudos islâmicos responsável pela emissão dos decretos religiosos; e o de mídia e publicidade. Todos esses comitês eram chefiados por emires¹⁴¹.

Em 7 de agosto de 1998, data que marcava os oito anos da chegada das tropas norte-americanas na Arábia Saudita, a Al Qaeda lançou sua primeira grande ação terrorista contra alvos americanos: dois carros bombas explodiram quase que simultaneamente nas embaixadas norte-americanas em Nairóbi, no Quênia, e Dar el-Salan, na Tanzânia, causando um saldo total de 224 pessoas mortas. A sincronia, a sofisticação e a ousadia do ataque começaram a despertar o mundo para a grande ameaça que a Al Qaeda representava. Em resposta a esses ataques, o então Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, ordenou um ataque com mísseis de cruzeiro contra os

¹⁴⁰ LADEN, Osama Bin. **Jihad Against Jews and Crusaders**. Laqueur, In: Walter (Ed). *Voices of Terror: Manifestos, Writings and Manuals of Al Qaeda, Hamas, and Other Terrorists From Around The World and Throughout the Ages*. New York: Reed Press, 2004. p.412.

¹⁴¹ GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda: Global Network of Terror**. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p. 77.

campos de treinamento no Afeganistão e contra uma fábrica que, supostamente, fabricava armas químicas no Sudão, onde o regime era fortemente ligado à Al Qaeda. Apesar de ter causado algumas baixas nos quadros terroristas, os ataques não atingiram o objetivo de matar Osama Bin Laden e ainda fizeram aumentar o sentimento anti-americano por todo mundo muçulmano.

Nos anos seguintes, Bin Laden tornou-se um dos homens mais procurados do mundo com centenas de agentes de diversos órgãos de inteligência à sua caça. Porém, a estrutura da organização aliada à lealdade dos homens que o cercavam e a proteção fornecida pelo governo Talibã tornava praticamente impossível uma ação clandestina para tentar sua captura ou assassinato. Paralela a essa busca, era cada vez maior o número de militantes islâmicos que voavam para o Afeganistão a fim de receber treinamento terrorista nos diversos campos mantidos pela Al Qaeda, a organização vivia um de seus períodos mais produtivos.

No ano 2000, a Al Qaeda voltou a mostrar sua força. Após uma tentativa frustrada de atingir um navio americano no Golfo do Lêmen no início do ano, o grupo repetiu a mesma estratégia e lançou um bote repleto de explosivos contra o navio americano USS Cole. O impacto, apesar de não ter afundado a embarcação, provocou severos danos e causou a morte de dezessete marinheiros norte-americanos. Era uma demonstração de que um pequeno bote repleto de explosivos era capaz de oferecer grande ameaça à poderosa máquina de guerra dos Estados Unidos.

Em 11 de setembro de 2001, a Al Qaeda lançou aquele que seria o mais impressionante e mortal ataque terrorista de todos os tempos. Vinte terroristas islâmicos, das mais diversas origens, seqüestraram quatro aeronaves comerciais americanas. Duas delas foram lançadas contra as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, a terceira atingiu o Pentágono em Washington, e a quarta caiu na Pensilvânia após os passageiros se confrontarem com os seqüestradores. As imagens de horror das torres em chamas, transmitidas ao vivo para o mundo todo, deixaram perplexas os milhares de pessoas que acompanhavam incrédulas o que estava acontecendo. Alguns minutos depois, a tragédia se ampliou quando as torres

colapsaram causando a morte de mais de duas mil pessoas. Somam-se a esses números as 125 mortes no pentágono e as 40 da Pensilvânia.

Os ataques de 11 de setembro demonstraram claramente o grau de refinamento atingido pela Al Qaeda nos anos de sua evolução. A operação foi meticulosamente planejada, as células independentes envolvidas no atentado eram compostas por militantes radicais treinados no Afeganistão e foram previamente infiltradas nos Estados Unidos. Depois disso, os terroristas realizaram treinamentos específicos em simuladores de vôo e executaram reconhecimentos detalhados dos alvos, previamente escolhidos por serem símbolos do poderio norte-americano. Todo esse processo foi patrocinado por consideráveis quantias de dinheiro que passavam por diversos países até chegarem a seus destinos finais, tornando praticamente impossível a sua detecção. Esse meticuloso procedimento, somado à determinação dos terroristas em concretizar o atentado e a natureza suicida da ação foram fundamentais para o sucesso da operação terrorista mais letal de todos os tempos.

4.4. O PÓS-11 DE SETEMBRO

Poucos dias após os ataques terroristas de 11 de setembro, os Estados Unidos lançaram a Operação “Enduring Freedom” com o objetivo de invadir o Afeganistão, derrubar o regime Talibã e capturar Osama Bin Laden. A operação constituiu-se, basicamente, de um maciço ataque aéreo contra as posições Talibãs e da Al Qaeda aliado ao emprego de tropas das Forças Especiais americanas treinadas para a guerra irregular, além da ampla utilização de ações de inteligência e apoio às forças da Aliança do Norte, históricos rivais do Talibã.

Após algumas semanas de combate, a Aliança do Norte tomava a cidade de Kandahar, último bastião do regime Talibã. Estava assim decretado o fim dos anos de ditadura religiosa no Afeganistão. A Al Qaeda também foi pesadamente atingida, tendo sido destruídos diversos campos de treinamento e instalações que davam suporte ao grupo. A ação norte-americana provocou pesadas baixas nos quadros da organização, incluindo a morte de alguns

elementos-chave. Foram feitas diversas prisões de integrantes do grupo que aliadas à obtenção de vários arquivos e documentos, proveu os Estados Unidos de dados de inteligência que até então permaneciam inacessíveis. Porém, o principal objetivo da operação não foi concretizado: Osama Bin Laden continuava solto, e agora se refugiava na região montanhosa da fronteira do Afeganistão com o Paquistão.

A invasão norte-americana do Afeganistão debilitou consideravelmente a capacidade operacional da Al Qaeda. O grupo perdia seu Estado-hospedeiro e agora suas lideranças estavam mortas, presas ou se escondendo em regiões inóspitas, quebrando assim a estrutura hierárquica desenvolvida anteriormente. A intensa guerra ao terrorismo capitaneada pelo governo americano atingiu também as diversas fontes de renda que abasteciam a Al Qaeda: organizações não governamentais, entidades de caridade, governos e doadores particulares passaram a ser monitorados constantemente pelos serviços de inteligência ocidentais. Os órgãos de segurança dos Estados Unidos e seus aliados passaram a exercer acompanhamento mais rigoroso das comunidades islâmicas locais. Além disso, diversos governos de países muçulmanos passaram a exercer forte pressão sobre os grupos islâmicos radicais atuantes em seus países, impedindo-os assim de atuar livremente.

Porém, apesar da ofensiva lançada contra o terrorismo, a Al Qaeda ainda continuava a manter parte de sua capacidade operacional e continuava a estar direta ou indiretamente ligada a diversas ações terroristas. Inúmeras células criadas antes do 11 de setembro continuavam adormecidas em todas as partes do mundo. Os vários grupos islâmicos ligados a Al Qaeda continuavam operativos e recrutando novos integrantes, além disso a imagem de Osama Bin Laden e da Al Qaeda ligadas a luta do mundo islâmico contra o agressor ocidental possuía apelo cada vez maior sobre as comunidades muçulmanas por todo o planeta. A Al Qaeda tornou-se quase que um símbolo pop, uma marca registrada que significativo número de muçulmanos gostaria de ostentar na luta contra o Ocidente.

A força que a organização ainda possuía foi demonstrada em 12 de outubro de 2002, quando terroristas ligados à Al Qaeda, pertencentes ao grupo radical indonésio *Jemaah Islamiyyah*, realizaram uma série de ataques suicidas

contra diversos pontos turísticos na ilha de Bali e que eram freqüentados em sua maioria por turistas ocidentais. A ação na Indonésia, a mais violenta de toda sua história, causou a morte de quase duzentas pessoas e deixou mais de trezentas feridas.

A Al Qaeda voltou à ação no dia 11 de março de 2004, véspera das eleições presidenciais na Espanha. Na ocasião, uma série de explosões, quase que simultâneas, atingiu quatro importantes estações ferroviárias na capital espanhola, Madri. O ataque provocou a morte de 191 pessoas e deixou cerca de 1.400 feridas.¹⁴² Os ataques na Espanha serviram para mostrar ao mundo a nova face da Al Qaeda. Os terroristas envolvidos na ação, a maioria marroquinos, não possuíam subordinação direta com o grupo, porém, à semelhança da Al Qaeda, atuavam em células terroristas independentes. A motivação era atingir um país que era íntimo aliado dos Estados Unidos e participava do conflito do Iraque com tropas. Escolheram alvos de valor simbólico e que causariam alto índice de letalidade. A particularidade é que não foi uma ação suicida e contou com a colaboração de cidadãos espanhóis. Claramente os terroristas utilizaram a Al Qaeda como fonte de inspiração para sua ação. Era a utilização da marca registrada do terrorismo.

Em 7 de julho de 2005, o mundo viu-se diante de mais uma ação terrorista de grandes proporções: uma seqüência de explosões atingiu a rede de transporte público de Londres, deixando cerca de 50 mortos e mais de 700 pessoas feridas. O ataque foi perpetrado por integrantes de uma célula terrorista composta por ingleses descendentes de paquistaneses. As características do ataque revelam a nova era do terrorismo fundamentalista: o objetivo da ação foi atingir o governo britânico, principal aliado dos Estados Unidos na Guerra contra o terrorismo. O atentado foi executado buscando atingir o maior número de baixas possíveis. O planejamento foi meticuloso e a execução muito bem coordenada, obtendo sincronismo na ação. Os autores da ação eram jovens, filhos de imigrantes e que tiveram seu primeiro contato com o radicalismo na Inglaterra, um componente novo no terror islâmico. Mais uma vez o nome da Al Qaeda era utilizado, obtendo-se assim mais visibilidade e publicidade junto à população islâmica espalhada pelo globo.

¹⁴² Disponível em: <http://www.state.gov/r/pa/ho/pubs/fs/5902.htm>. Acesso em: 11 julho 2006.

Em resumo, a Al Qaeda, desde seu surgimento no final dos anos 1980, foi uma organização em constante evolução. Nos seus primeiros anos, focou sua ação contra a monarquia saudita evoluindo depois para uma luta contra os Estados Unidos e o mundo Ocidental. No período sudanês, o grupo associou-se a um Estado obtendo assim as condições para adquirir recursos financeiros e materiais, necessários para o seu crescimento. Durante sua estada no Afeganistão, estruturou-se internamente, fez alianças com organizações terroristas do mundo inteiro e lançou uma campanha terrorista que culminou com os atentados de 11 de setembro de 2001. Após os ataques, a reação americana atingiu seriamente o funcionamento da rede que adquiriu novo caráter. Nessa nova fase, Osama Bin Laden tornou-se um verdadeiro herói no mundo muçulmano e sua organização passou a servir de fonte de inspiração para ataques terroristas no mundo todo. Além disso, a marca Al Qaeda passou a ser utilizada por vários grupos em busca de suporte financeiro e apelo junto à comunidade islâmica.

4.5. O *Modus Operandi* da Al Qaeda e seu Alcance Global

A organização terrorista Al Qaeda possui algumas características e particularidades que lhe conferem caráter ímpar e a coloca em posição diferenciada em relação aos demais grupos terroristas que atuaram e atuam ao redor do mundo. Após o estudo da evolução da organização ao longo dos anos, passaremos a uma análise dos diversos aspectos que compõem o âmago do funcionamento e operação da Al Qaeda, identificando aqueles que lhe conferem sua posição diferenciada no cenário do terror. Será objeto de estudo também o caráter que a organização passou a ter depois dos ataques de 11 de setembro e a conseqüente campanha antiterrorista lançada pelos Estados Unidos e seus aliados.

4.5.1. Funcionamento Global

Uma das características mais importantes da Al Qaeda é o seu funcionamento e alcance global, atuando como verdadeira entidade de caráter multinacional. Ao longo dos anos, o comando da organização buscou aproximação com diversos grupos islâmicos de todas as partes do mundo, por meio de reuniões e contatos pessoais costurou uma ampla aliança do terror. A busca por essa integração visava, sobretudo, a criar uma rede de entidades terroristas ligadas, ideologicamente, ao comando do grupo, permitindo assim que a Al Qaeda estabelecesse e lançasse sua campanha terrorista nos quatro cantos do planeta. Por meio do treinamento dos militantes desses grupos, aliado ao fornecimento de suporte financeiro e material, a Al Qaeda conquistava a lealdade dessas organizações, permitindo assim atingir alvos por toda a parte e aumentando a audiência para a sua causa. A manutenção de boa parte desse sistema de alianças após o 11 de setembro foi uma das principais maneiras encontradas pela Al Qaeda de continuar sua campanha contra os Estados Unidos.

Outro aspecto observado na Al Qaeda, no que tange à sua dimensão global, é o emprego extensivo de células terroristas localizadas em diferentes locais do mundo. Os componentes desses núcleos do terror são em grande parte imigrantes muçulmanos ou filhos deles que, uma vez em seus países hospedeiros, normalmente ocidentais, são expostos às pregações radicais de clérigos muçulmanos atuantes em suas cidades. Uma vez doutrinados, esses indivíduos são treinados por elementos ligados ao grupo em campos de treinamento e, posteriormente, são recolocados em seus países de origem a fim de aguardarem a hora de serem lançados em prol da causa islâmica. Dessa maneira, a Al Qaeda consegue lançar seus tentáculos no seio da sociedade ocidental. Essa forma de atuação, dificilmente detectada pelos serviços de inteligência, é de grande valia para a Al Qaeda continuar lutando sua *Jihad* contra o Ocidente, após ter perdido considerável parte de sua estrutura organizacional.

A Al Qaeda busca ainda aumentar sua infiltração na comunidade muçulmana, por meio do estabelecimento ou da cooptação de organizações

não-governamentais (ONGs), principalmente de origens muçulmanas e que desenvolvem trabalhos de assistência social. A propaganda islâmica disseminada pelas diversas associações islâmicas espalhadas pelo Ocidente explora a condição de inferioridade e humilhação vivida pelos imigrantes em seus países de origem, oferecendo-lhes a adoção aos preceitos básicos do islã como a única forma de salvação. Criam-se, assim, as condições ideais para o trabalho de doutrinação da Al Qaeda. Por todo o mundo cresce a quantidade de jovens muçulmanos que simpatizam com a ideologia, a missão e os sucessos da Al Qaeda e vêem Osama Bin Laden como um herói do mundo muçulmano contra a tirania exercida pelo Ocidente. Quando esses jovens não se tornam combatentes, fornecem apoio político, financeiro e logístico. E mais, nos últimos anos, é cada vez maior o número de jovens ocidentais não-muçulmanos recrutados para a causa islâmica. Esse fato é comprovado pela prisão de cidadãos britânicos, franceses, holandeses e norte-americanos lutando junto às fileiras terroristas no Afeganistão. Fazendo seu trabalho no meio das miseráveis comunidades muçulmanas das Américas e da Europa, a Al Qaeda vem conseguindo nos últimos anos uma considerável penetração nas sociedades ocidentais.

4.5.2. Caráter Religioso

"I am telling you, and God is my witness, whether América escalates or de-escalates this conflict, we will reply to it in kind, God willing. God is my witness, the youth of Islam are preparing things that will fill your hearts with tears. They will target the key sectors of your economy until you stop your injustice and aggression or until the more short-lived of the US die."¹⁴³

A Al Qaeda é uma organização guiada pelos princípios básicos do pensamento radical islâmico. Como visto anteriormente, os ensinamentos doutrinários de pensadores islâmicos como o egípcio Sayyid Qutb e o paquistanês Mawdudi, bem como da doutrina Wahabita, originária da

¹⁴³ LADEN, Osama Bin. Transmissão em vídeo de um pronunciamento na Rede de TV Al Jazeera, Qatar. 2002.

Península Árabe, compuseram a base doutrinária de caráter ortodoxo que fundamentou o lançamento de uma guerra santa contra a civilização ocidental.

O caráter religioso do grupo fica evidenciado em todos os comunicados e declarações da organização, continuamente embebidos com diversas citações dos versos do Alcorão. A Al Qaeda sempre deixou claro que sua guerra contra o Ocidente era uma guerra santa¹⁴⁴, em que todos os muçulmanos do planeta deveriam se engajar direta ou indiretamente na luta contra os infiéis. O termo *Jihad* no sentido literal da palavra significa luta, sendo qualquer conflito importante se lutado em nome de Alá, podendo ser lutado pela defesa da comunidade islâmica ou em uma guerra justa para proteger o povo muçulmano do mal, da opressão e da tirania¹⁴⁵. As seis regras da *Jihad* são: a *Jihad* deve ser lutada em proveito de Alá, não em proveito de riqueza, bens, fama, glória ou poder; em obediência ao Ímã; evitar saques; respeitar pedidos de proteção; manifestar resistência sob ataque; e evitar corrupção¹⁴⁶.

Esse forte teor religioso presente na essência da organização confere à Al Qaeda uma leitura extremamente ortodoxa do Islã. Declara seus objetivos, a destruição da monarquia saudita, dos regimes muçulmanos de caráter secular e dos infiéis cristãos e judeus que vivem na *Dar al-Islam*, em nome do Islã. Tal apelo tem objetivo bem nítido de conferir um apelo civilizacional à causa do grupo buscando assim obter uma adesão e uma penetração mais profunda na comunidade muçulmana espalhada pelo mundo.

Apesar de não possuir nenhuma formação teológica, Osama Bin Laden emite decretos religiosos condenando ações dos países ocidentais e incitando a população islâmica a pegar em armas contra seus governos e contra o Ocidente. Tal tipo de autoridade auto-investida por Bin Laden gera diversas declarações de condenação por parte dos clérigos muçulmanos, considerando tais discursos como blasfêmias e interpretações completamente equivocadas do Corão.

¹⁴⁴ HENZEL, Christopher. **The Origins of Al Qaeda Ideology**: Implications for US Strategy. Washington DC: National Defense University, p.15.

¹⁴⁵ **Glossary of Islamic Terms**. Disponível em: <http://www.islamfortoday.com/glossary> .

¹⁴⁶ **The Jihad Fixation**: Agenda, Strategy and Portents. Delhi: Wordsmiths, 2001. p.31.

4.5.3. Estrutura Funcional e Operacional

Como vimos previamente, a Al Qaeda possuiu entre 1998 e 2001 uma estrutura organizacional hierarquizada que conduzia a vida funcional do grupo. Porém, a essência do funcionamento da organização é o emprego de células terroristas espalhadas nos mais diversos locais do mundo. Essas células constituem a espinha dorsal da conduta operacional da Al Qaeda, fornecendo-lhe caráter diferenciado dos demais grupos terroristas em atuação. Outra peça-chave da estrutura da Al Qaeda é a ênfase dada ao planejamento de suas ações terroristas, ao treinamento de seus quadros operacionais e às comunicações.

As células terroristas são pequenos grupos de homens, previamente treinados em técnicas terroristas pela organização, vivendo e trabalhando normalmente, misturados à sociedade-alvo previamente estabelecida, não levantando suspeição sobre as suas reais identidades. Tais células terroristas são independentes e incomunicáveis entre si. Essa compartimentação torna extremamente difícil sua detecção pelas agências de inteligência ocidentais. Normalmente, somente o líder do grupo mantém contato com o comando da organização por meio de comunicações sigilosas, recebem apoio financeiro e são responsáveis pelo reconhecimento detalhado dos alvos, compras de materiais que vão ser utilizados na operação e, mediante sua ativação pelo comando da Al Qaeda, pela execução do ataque terrorista. O amplo emprego dessas células foi observado nos ataques de 11 de setembro quando diversas células, oriundas de diversos locais do mundo, chegaram independentemente nos Estados Unidos, realizaram reconhecimentos e treinamentos específicos e seqüestraram os aviões que posteriormente foram lançados contra Nova York e Washington.

A Al Qaeda dedica particular atenção ao treinamento e formação de seus quadros terroristas. Durante vários anos, o grupo operou e manteve dezenas de campos de treinamento que iam desde o Sudão, passando pelo Afeganistão, até as Filipinas. Nesses campos, chegavam centenas de recrutas de todas as partes do mundo dispostos a aderir à causa islâmica. O funcionamento de um campo da Al Qaeda era muito semelhante ao de uma

organização militar. Ao chegar, o recruta ia para o treinamento básico, em que recebia instrução individual que o capacitava a operar como membro de uma força de guerrilha. Paralelo a isso, assistia a aulas sobre leis islâmicas. Aqueles que se destacavam na primeira fase seguiam para o treinamento avançado, em que eram ministradas lições sobre utilização de armamentos pesados e emprego de explosivos. Mais uma seleção era feita e os escolhidos eram enviados para o treinamento específico, em que aprendiam sobre condução de operações suicidas e operações de inteligência, assunto considerado de extrema relevância pela organização. A guerra contra o terrorismo desestruturou de forma significativa a condução do treinamento de novos terroristas, apesar disso, a ampla gama de entidades afiliadas à Al Qaeda permite que o grupo continue tendo acesso a campos de treinamento nos locais mais remotos do mundo.

Por mais que represente um paradoxo em virtude do seu caráter fundamentalista, o grupo faz ampla utilização dos recursos tecnológicos ocidentais em sua luta terrorista. A organização emprega modernos meios de comunicação via satélite a fim de coordenar e controlar suas ramificações e a execução de suas operações terroristas. Emprega também a internet para o envio de mensagens criptografadas para seus elementos operacionais. Suspeita-se que diversos sites islâmicos sirvam como disfarce para a transmissão dessas mensagens. Além disso, a Al Qaeda aproveita-se do amplo alcance que os meios de telecomunicação possuem nos dias atuais, realizando ataques de alto impacto, cientes de que essas ações terão ampla cobertura da mídia internacional, servindo assim como forma de ampliação e propagação de sua causa. Também por meio da provocação do medo nas sociedades, pressiona os governos por ela considerados inimigos, e enviam mensagens para os seus integrantes por meio de pronunciamentos de seus líderes, divulgados pela rede de TV Al Jazeera, do Qatar, que são retransmitidos ao mundo todo¹⁴⁷.

¹⁴⁷ BLANCHARD, Christopher. Al Qaeda: Statements and Envolving Ideology. **CRS Report of Congress**. Washington DC: The Library of Congress. Disponível em: <http://www.fas.org/irp/crs/RL32759.pdf>.

4.5.4.Táticas Terroristas

A Al Qaeda emprega os mais diversos tipos de ataques terroristas em suas ações contra alvos de alto valor simbólico escolhidos de forma meticulosa. O objetivo é causar o maior impacto possível no adversário e provocar o máximo de baixas. Uma marca importante observada nos atentados do grupo é o emprego de terroristas suicidas em missões classificadas de “operações de martírio”. O emprego desse tipo de técnica gera muita controvérsia em virtude da proibição que o Corão impõe ao suicídio, porém o próprio livro afirma que o muçulmano deve dar sua vida em prol da *Jihad*. Como vimos anteriormente, Zawahiri afirma que as operações de martírio são o método mais eficiente de infringir danos no oponente com baixos custos de baixas nos quadros terroristas.

A escolha detalhada dos alvos é outra parte integrante de sua tática terrorista. A organização executa detalhado planejamento a fim de levantar alvos que irão causar alto impacto, seja pelo simbolismo que representam, como no caso das torres gêmeas, ou pelo impacto causado na vida cotidiana da população, como no caso dos ataques em Londres. Também são considerados os prováveis impactos econômicos que um atentado produzirá, visando a afetar diretamente as economias nacionais, refletindo assim, diretamente, no funcionamento normal das sociedades. Os ataques não separam combatentes de não-combatentes, atingindo assim civis, militares e militantes indiscriminadamente. O objetivo disso é despertar um sentimento de medo na população, afetando a normalidade de um país e atingindo a popularidade dos governos.

Outra característica da organização é o emprego de métodos inovadores para atingir alvos de alto grau de dificuldade. O grupo empregou botes infláveis para atingir um navio de guerra e aviões comerciais como mísseis teleguiados para derrubar prédios. Entre diversos documentos apreendidos nos últimos anos, existem planos até de emprego de aviões guiados por controle remoto para lançar agentes químicos sobre grandes cidades bem como o emprego de mísseis antiaéreos portáteis para derrubar aviões comerciais. Especial preocupação é a possibilidade de a organização ter acesso a armas químicas,

biológicas e nucleares. O desmantelamento da União Soviética, somado aos diversos cientistas convertidos ao radicalismo, torna factível esse temor.

4.5.5. Financiamento

Na maior parte do tempo, a Al Qaeda sempre contou com vultosas quantidades de recursos financeiros disponíveis, para serem empregados em sua campanha terrorista contra o Ocidente. Seu orçamento é alimentado pelas mais diversas fontes, que vão desde a fortuna pessoal herdada por Osama Bin Laden, passando pelo patrocínio oferecido por colaboradores particulares do movimento e por governos simpatizantes, até os lucros obtidos pelos negócios conduzidos pela organização e fundos provenientes de organizações islâmicas de caridade. A importância dada pela liderança do grupo ao assunto reflete-se na existência de um comitê de finanças e negócios em sua estrutura anterior ao 11 de setembro.

Osama Bin Laden herdou cerca de 30 milhões de dólares de seu pai Mohammed Bin Laden, um dos maiores empreiteiros da Arábia Saudita. Uma parte dessa fortuna foi aplicada diretamente em ações terroristas, enquanto a outra foi aplicada em diversos negócios e investimentos, tais como indústrias, empresas de comércio, entre outros, cujos lucros sempre foram revertidos para os cofres da Al Qaeda.

A Al Qaeda também recebeu consideráveis somas em dinheiro de ricos simpatizantes do movimento na Arábia Saudita, Kuwait, Catar e outros países do Oriente Médio. Essas transferências eram realizadas por meio da rede islâmica de bancos, aproveitando-se do sigilo bancário oferecido por alguns países ocidentais, passando assim despercebido os reais fins dessas quantias. Há fortes indícios de que alguns países como o Sudão e o Irã forneceram ajuda financeira ao grupo. Após o 11 de setembro, a intensificação das medidas de vigilância adotadas pelos órgãos de segurança atingiu de forma considerável esse fluxo financeiro que até então se dava livremente.

Outra forma de obtenção de dinheiro adotada pela Al Qaeda é por meio da infiltração e cooptação de entidades islâmicas de caridade e de

organizações não governamentais. Essas organizações recebem fundos das mais diversas origens que, em virtude de seu caráter filantrópico, encobrem o real destino desses montantes. Tal procedimento tornou-se bastante utilizado pela Al Qaeda após o governo saudita congelar os bens pessoais de Bin Laden¹⁴⁸ em 1994.

4.5.6. Evolução Recente

Osama Bin Laden, provavelmente, sabia que os Estados Unidos responderiam militarmente ao ataque contra seu próprio território, é difícil saber, no entanto, se ele imaginava que essa resposta não se daria por meio de um ataque de mísseis, como na reação aos ataques às embaixadas americanas na África em 1998, mas sim por meio de uma ação militar bem planejada e preparada, executada com maciço emprego de meios aéreos e terrestres. Mesmo diante dessa vultosa operação, Bin Laden, possivelmente investido do mito da invencibilidade islâmica, pode ter suposto que poderia derrotar a poderosa máquina de guerra norte-americana, a exemplo do que fez com as tropas soviéticas alguns anos antes. Erro de cálculo ou não, o fato é que a Guerra contra o terrorismo desencadeada pelos Estados Unidos e seus aliados atingiu de forma considerável a Al Qaeda. A derrubada do Talibã retirou a liberdade que o grupo possuía de ter um Estado a sua disposição, restringindo sua capacidade de comando e controle drasticamente. Também, a ação conjunta de vários países, em um esforço de proporções globais contra o terror, bloqueou boa parte dos recursos financeiros disponíveis para o grupo: a ofensiva lançada por todo o planeta destruiu diversos campos de treinamento e desbaratou dezenas de células terroristas.

A invasão do Iraque, no início de 2003, para derrubar a ditadura de Saddam Hussein sob a alegada acusação de que seu regime desenvolvia e dispunha de armas de destruição em massa, foi militarmente um sucesso. Em menos de dois meses de operações militares, as tropas norte-americanas

¹⁴⁸ WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres** A Al Qaeda e o caminho do 11/9. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.220.

invadiram o país e tomaram sua capital Bagdá, esmagando o Exército iraquiano e retirando Hussein do poder. Porém, em pouco tempo, essa rápida vitória deu lugar a uma guerra irregular, lançada por radicais islâmicos sob a bandeira da *Jihad* contra os infiéis que violavam a Casa do Islã. Os Estados Unidos viram-se diante de uma insurgência forte e disposta a morrer em nome de Deus. O sucesso aparente deu lugar a uma prolongada insurgência que se desenvolve até os dias de hoje e já matou mais de 4.000 soldados norte-americanos e quase 100.000 iraquianos.

O lançamento da campanha insurgente em solo iraquiano marcou o ressurgimento da Al Qaeda após ter sido severamente debilitada na reação pós-11 de setembro. Surgia oportunidade única para o movimento jihadista retomar sua luta contra o Ocidente. O próprio Osama Bin Laden declarou em um de seus pronunciamentos que o mundo estava presenciando uma guerra entre a comunidade muçulmana e os Estados Unidos e seus aliados ocidentais¹⁴⁹.

Essa segunda fase da guerra do Iraque foi iniciada pelo grupo *al-Tawhid wa al-Jihad* liderado pelo terrorista jordaniano Abu Mussab al-Zarqawi. Zarqawi não era oficialmente um membro efetivo da Al Qaeda, mas compartilhava dos mesmos ideais e princípios salafistas da luta de uma jihad contra o Ocidente. Após a invasão norte-americana, Zarqawi retornou para o Iraque depois de um período internado no Irã, iniciando, assim, sua luta contra as tropas invasoras. Apesar de dispor de poucos recursos, Zarqawi foi rapidamente capaz de montar uma estrutura operacional forte o suficiente para enfrentar o Exército estadunidense.

No final de 2004, Osama Bin Laden entrou em contato com Zarqawi propondo e posteriormente estabelecendo uma aliança entre os dois. Fechado o acordo, Zarqawi mudou o nome de seu grupo para “Al Qaeda na terra dos Dois Rios” e declarou sua lealdade a Bin Laden, classificando-o como o melhor líder para os exércitos islâmicos contra todos os infiéis e apóstatas. Alguns meses depois, Bin Laden, por meio de uma gravação de áudio, declarou que estava nomeando Zarqawi Emir da Al Qaeda no Iraque. Na mesma declaração,

¹⁴⁹ FAWAS, Gerges A. **The Far Enemy**: Why Jihad Went Global. New York: Cambridge University Press, 2005. p.252.

aproveitou também para saldar a aliança e reforçar sua disposição em lutar contra o ocidente¹⁵⁰.

A aliança entre os dois grupos foi bastante proveitosa para ambas as partes. Para a Al Qaeda, representava a oportunidade de ter novamente seu nome protagonizando uma luta contra os Estados Unidos, reforçando seu caráter de liderança da *Jihad* contra o Ocidente, seriamente enfraquecido desde o 11 de setembro. Para Zarqawi, era a oportunidade de obter notoriedade internacional recebendo legitimidade revolucionária, tornando-se assim um jihadista global. Além disso, a aliança permitiu ao seu grupo ser um divulgador da causa islâmica, a propaganda gerada em torno de seu nome e suas ações obtiveram penetração em todas as partes fazendo com que a organização recebesse um número cada vez maior de voluntários oriundos das mais diversas partes do mundo muçulmano e dispostos a se engajar na luta contra os Estados Unidos. Também, ostentando o nome da Al Qaeda, o grupo passou a atrair quantidade cada vez maior de recursos financeiros provenientes de diversas fontes, que à semelhança do Afeganistão, foram de fundamental importância para o incremento de sua capacidade operacional diante do poderoso Exército dos Estados Unidos.

A ação da Al Qaeda no Iraque se deu por meio do amplo emprego de atentados à bomba contra as tropas norte-americanas, forças policiais iraquianas e a população civil. Além disso, o grupo emprega largamente o uso de atiradores de elite posicionados em pontos estratégicos das cidades iraquianas e dispositivos explosivos improvisados que, instalados nas principais rodovias iraquianas, atingem comboios militares e civis que transitam por elas. Outra característica do grupo de Zarqawi foi o lançamento de diversos assassinatos e atentados à bomba contra a população xiita, maioria no Iraque, dando caráter sectário e de guerra civil em sua campanha insurgente.

Em virtude de o teatro de operações ser predominantemente urbano, o grupo emprega judiciosamente uma combinação de táticas terroristas com ações de guerrilha. Sua eficiência, demonstrada pelo grande número de baixas causadas às tropas da coalizão e pela cada vez maior instabilidade provocada

¹⁵⁰ ¹⁵⁰ FAWAS, Gerges A. **The Far Enemy**: Why Jihad Went Global. New York: Cambridge University Press, 2005. p.258.

no Iraque, fez com que os Estados Unidos lançassem verdadeira caçada humana para capturar Zarqawi. Seu objetivo foi alcançado em 7 de junho de 2006, quando um ataque aéreo norte-americano provocou a sua morte. Apesar dessa morte, a Al Qaeda no Iraque continuou sua campanha terrorista, porém sua eficiência tem diminuído bastante nos últimos meses. Essa desescalada do conflito tem-se dado em virtude de alguns motivos: o aumento do efetivo das tropas dos Estados Unidos estacionadas no Iraque; o cada vez melhor treinamento e eficiência das forças policiais iraquianas; e uma cada vez menor aceitação, inclusive da camada sunita, pela população iraquiana, das práticas terroristas praticadas pela Al Qaeda no Iraque.

A modificação da face da Al Qaeda nos últimos anos foi consequência direta da diminuição de sua capacidade operacional. Essa mudança de rumos foi necessária a fim de permitir a continuidade de sua luta contra o Ocidente. Em vez daquela organização dotada de uma estrutura de comando, com acesso irrestrito a campos de treinamento, materiais, recrutas e recursos financeiros, vemo-nos diante de uma nova situação, em que a Al Qaeda se transformou mais em marca registrada do que em um grupo propriamente dito. Nos últimos anos, seu nome vem sendo utilizado por diversos grupos ao redor do mundo a fim de obter simpatizantes para a causa, recrutas e recursos financeiros, bem como buscar uma legitimidade jihadista, tornando-se assim uma franquia do terror. Seja atuando por meio de suas células previamente estabelecidas, motivando jovens radicais islâmicos ao redor do mundo ou associando-se a outros grupos dispostos a lançar uma Jihad contra o Ocidente, a Al Qaeda continua representando séria ameaça à segurança mundial.

CONCLUSÃO

Desde os primórdios do terrorismo, nunca havia surgido uma organização como a Al Qaeda. Um grupo multinacional¹⁵¹, embebido de forte caráter religioso, com estrutura funcional extremamente organizada e composta por homens muito adestrados e dispostos a morrer pela *Jihad*. Empregando as mais diversas técnicas e táticas e com orçamento comparável ao de algumas nações, pela primeira vez uma rede terrorista lançou uma campanha de terror sistemático em dimensão global. Sua causa não é uma luta de um grupo contra outro, ou um governo contra outro, é uma guerra entre o Ocidente e o Islã.

Como foi visto, o terrorismo não é um fenômeno novo. Pela análise de suas manifestações ao longo das décadas, observam-se variadas motivações, objetivos, características e formas de atuação que se modificavam de acordo com a época e com os fins que buscavam atingir. Enxergam-se ações inspiradas pelos ideais anarquistas do fim do Século XIX, passando pelo terrorismo nacionalista das décadas de 60 e 70 até o terror religioso do Hamas. As estruturas desses grupos adaptavam-se ao teor da luta e suas técnicas de ação variavam desde seqüestros, como os da Organização pela Libertação da Palestina e seus grupos *ad hoc*, até os mortíferos ataques à bomba empregando terroristas suicidas como os do Hezbollah. Entende-se que o terrorismo nunca apresentou padrão bem definido que fosse emulado sistematicamente por outras organizações.

A Al Qaeda, por sua vez, representa algo inédito. Ao estudarmos as origens de sua ideologia radical, remontando a pensadores como Qutb, Mawdudi e Azzam, pode-se observar nitidamente o enfoque do ódio ao inimigo ocidental: do “nós” contra “eles”. Esse ponto de vista vem desde a sua origem, quando milhares de muçulmanos se agruparam em torno de um verdadeiro exército para lutar, em nome de Deus, uma *Jihad* contra os soviéticos que haviam invadido o Afeganistão. Na segunda fase, ao se opor aos governantes locais, por eles considerados apóstatas, continuaram ressaltando o chamamento ao Islã a fim de adquirir um suporte cada vez maior no mundo

¹⁵¹ GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda**: Global Network of Terror. New York: The Berkley Publishing Group, 2002, p.1.

muçulmano. Por fim, ao declarar guerra contra o Ocidente, Bin Laden apresentou ao mundo a idéias de uma luta em nome de Deus contra os infiéis inimigos do Islã. Tal apelo civilizacional sempre se mostrou útil aos propósitos da organização em virtude da capacidade agregadora que o Islã possui.

Deve se ressaltar também que outros grupos se caracterizaram pelo forte teor religioso, como no caso do Hamas e do Hezbollah. Porém, o que os diferencia da Al Qaeda é que a regra fundamental desses sempre foi política, sendo a religião apenas uma das motivações. O Hezbollah, por exemplo, vem lutando pelo poder no Líbano, não com um caráter de *Jihad*, sendo o terrorismo um dos meios escolhidos pela organização para atingir seu fim político com objetivos claramente pontuais e bem definidos. A Al Qaeda, em contraste, declara a guerra santa, seu objetivo é a concretização de uma comunidade muçulmana, fim este só possível pelo ataque e destruição do poderio ocidental, sendo o emprego do terror não um dos meios, mas sim o único. Nas palavras de Huntington, é uma forma de guerra declarada, eminentemente religiosa e civilizacional, empregada em virtude da esmagadora diferença de forças entre os contendores. A análise do pensamento doutrinário da Al Qaeda mostra que a religião é um elemento claramente presente e preponderante na ação da mesma. Porém, é difícil ver com clareza até que ponto a religião se transforma em uma ideologia capaz de agregar indivíduos em torno de uma causa comum.

Nota-se que a quase totalidade das organizações terroristas sempre desencadeou suas lutas em seus territórios de origem e contra seus próprios governos e políticas ou contra governos vizinhos. Em conformidade, desde o seu surgimento, a Al Qaeda instituiu a idéia inicial de travar uma luta contra alguns governos locais, considerados infiéis e apóstatas visando à unificação do mundo muçulmano. Assim, surgiriam Estados islâmicos que uma vez fortalecidos se expandiriam, estabelecendo-se a unidade do Islã. Entretanto, Bin Laden e seus seguidores perceberam que tal objetivo não seria atingido enquanto o principal obstáculo não fosse retirado, ou seja, o devastador domínio político e cultural que o Ocidente exercia. O futuro dependeria do ataque e da destruição dos Estados Unidos e seus aliados, que, se incapacitados de exercer sua liderança global e a conseqüente influência sobre os regimes locais, as portas se abririam para a ascensão do Islã na sua visão

mais estrita. A fim de concretizar a Comunidade islâmica era necessário lutar uma guerra civilizacional, em que o campo de batalha seria o mundo inteiro.

Vislumbra-se que como nenhuma a Al Qaeda globalizou o terrorismo, tanto em seu funcionamento como em sua atuação. Primeiramente, a Al Qaeda montou uma verdadeira coalizão do terror. O grupo costurou alianças com diversas organizações terroristas mundiais aumentando seu alcance operacional e a propagação da causa. Em segundo lugar, a liderança da organização optou por atingir seu inimigo Ocidental dentro do território hostil. Aproveitando-se das quebras de barreiras conseqüentes ao processo de globalização, o grupo penetrou a fim de atingir mais profundamente o Ocidente. Bin Laden sempre soube que ao atacar o coração das nações ocidentais traria conseqüências políticas e econômicas graves, desestabilizando assim a condução das autoridades governamentais.

Ressalta-se a singularidade da Al Qaeda em sua estratégia terrorista. Enquanto as demais organizações atacavam alvos diretamente relacionados com seu inimigo, como forças de segurança, líderes e órgãos governamentais, sendo comedidas quanto às baixas civis, a organização de Bin Laden sempre deixou claro que seu inimigo era o Ocidente. Independentemente de quem fosse, seus ataques sempre atingiram, indiscriminadamente, militares e civis, vítimas de todas as nacionalidades, inclusive muçulmanas. Quanto ao número de baixas provocadas por essas ações, cada vez mais a Al Qaeda buscou aumentar seu *body count* provocando atentados de conseqüências catastróficas com centenas e até milhares de vítimas visando a espalhar o medo entre seus inimigos e influenciar no processo decisório dos países atingidos.

Segue-se que nos anos posteriores ao 11 de setembro, a Al Qaeda apresentou mais uma novidade ao caráter do terrorismo moderno. Ao ter sua capacidade operacional seriamente afetada, passou a funcionar como uma marca registrada, uma franquía do terror, utilizada como uma maneira de outros grupos radicais islâmicos obterem legitimidade, recrutas e financiamento para as suas lutas, em grande parte nacionais. Essa forma de atuação foi a opção disponível para o grupo em virtude da, cada vez mais intensa, campanha antiterrorista conduzida pelos Estados Unidos. Além disso, Osama

Bin Laden e seus aliados demonstram que ainda estão fielmente comprometidos com sua Jihad contra o Ocidente, isso se dá em virtude das constantes declarações gravadas em áudio que são postas à disposição do mundo inteiro pelas redes de televisão e pela internet.

Por fim, quase duas décadas se passaram desde o surgimento da Al Qaeda, nos escombros da Guerra do Afeganistão. Ao longo desse tempo, o grupo mostrou-se firme diante da sociedade internacional, no propósito de lutar contra a posição dominante da civilização ocidental. Apesar dos reveses e da forte pressão que vem recebendo, podemos concluir que a Al Qaeda é a primeira organização terrorista de caráter multinacional, protagonista de uma guerra civilizacional sem precedentes que mudou o cenário mundial. Hoje, a Al Qaeda ainda representa uma das maiores ameaças à estabilidade do planeta, sendo a mais bem organizada e eficiente organização terrorista de todos os tempos.

BIBLIOGRAFIA

1. ABOUL-ENEIN, Youssef H. **Ayman Al-Zawahiri's Knights under the Prophet's Banner: the Al-Qaeda Manifesto**. *Military Review*, January 2005. p.83.

Al-Ikhawn Al-Muslimeen: a Irmandade Muçulmana, *Military Review*, 2º trimestre 2004, Kansas, p. 45-49.

2. AJAMI, Fouad. The Summoning. **Foreign Affairs**, September/October 1993.
3. AL-BANNA, Hasan. **Five Tracts**, Tradução de Charles Wendell. Califórnia: Berkeley. 1978 (http://www.nmschool.org/tthornton/hasan_al.htm).

On Jihad. (http://nmhschool.org/tthornton/hassan_al.htm).

4. ALLEN, Charles. **God's Terrorists: The Wahhabi Cult and the Hidden Roots of Modern Jihad**. London: First Da Capo Press, 2006. p.347.
5. BLANCHARD, Christopher M. Islamic Religious School, Madrasas: Background. **CRS Report for Congress**. Washington DC: The Library of Congress. (<http://www.fas.org/irp/crs/RS21654.pdf>).
6. The Islamic Traditions of Wahabism and Salafiyya. **CRS Report of Congress**. Washington DC: The Library of Congress. Cf. <http://www.fas.org/irp/crs/RS21695.pdf>.
7. Al Qaeda: Statements and Evolving Ideology. **CRS Report of Congress**. Washington DC: The Library of Congress. Cf. <http://www.fas.org/irp/crs/RL32759.pdf>.
8. CRENSHAW, Martha. **The Logic of Terrorism: Terrorist Behaviour as a product of strategic choice**. Washington. In: REICH, Walter (Ed.). *Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of mind*. Washington.: The Woodrow Wilson Center Press, 1990. p.8.
9. DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. 428 p.
10. DEPARTMENT OF DEFENSE. **DOD USS Cole Comission Report**: January 2001. Disponível em: <http://www.dod.gov> .
11. FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. London: Penguim, 1992. 426 p.

12. GEISS, Imanuel (ed). **The Outbreak of First World War**. New York: W.W.Norton, 1967.
13. GERGES, Fawaz A. **The Far Enemy: Why Jihad Went Global**. New York: Cambridge University Press, 2005. 343 p.
14. Glossary of Islamic Terms. Disponível em: <http://www.islamfortoday.com/glossary>.
15. GUNARTNA, Rohan. **Inside Al Qaeda: Global Network of Terror**. New York: The Berkley Publishing Group, 2002. 362 p.
16. HADDAD, Yvonne. **Islamists and the Challenge of Pluralism**. Washington DC: Center for Contemporary Arab Studies at Georgetown University, 1995, p. 10
17. HENZEL, Christopher. **The Origins of Al Qaeda: Implications for U.S. Strategy**. National Defense University, 2004.
18. HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 1999. 288 p.
19. **Al Qaeda, Trends in Terrorism and Future potentialities: An Assessment**. Rand Group, 2003. Disponível em: <http://www.rand.org>.
20. The Myth of Grass-Roots Terrorism: Why Osama Bin Laden Still Matters. **Foreign Affairs**, May/June 2008.
21. HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. 455 p.
22. **The Clash of Civilization?** Foreign Affairs, Summer 1993.
23. **A Cultura Importa**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 460p.
24. KEPEL, Gilles. **Jihad: Expansão e Declínio do Islã**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2003. 576 p.
25. LADEN, Osama Bin. Transmissão em vídeo de um pronunciamento na Rede de TV Al Jazeera, Qatar. 2002.
26. LAQUEUR, Walter. **A History of Terrorism**. New Jersey: Transaction Publishers, 2002. 277 p.

27. **No End to War: Terrorism in The Twenty First Century.** New York: Continuum International Publishing Group, 2004. 228 p.
28. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction.** New York: Oxford University Press, 2000. 320 p.
29. **Voices of Terror: Manifestos, Writings and Manuals of Al Qaeda, Hamas, and Other Terrorists From Around the World and Throughout the Ages.** New York: Reed Press, 2004. 520 p.
30. LEWIS, Bernard. **A Crise do Islã: Guerra Santa e Terror Profano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004. 159 p.
31. **O Oriente Médio: Do Advento do Cristianismo aos Dias de Hoje.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor LTDA, 1996. 389 p.
32. LUCE, Edward. Teachers of Taliban. **Financial Times**, Londres, 17/11/2001.
33. MAWDUDI, Sayyid Abul A'la. **Jihad in Islam.** Lahore: Islamic Publications Ltd.
34. Disponível em: <http://www.islamonline.net/surah/english/quran2.shtml>.
35. NORTON, Augustus Richard. **Hezbollah.** New Jersey: Princeton University Press, 2007. 187 p.
36. **OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY.** New York: Oxford University Press, 2005. p.373
37. QUTB, Sayyid. **Milestones.** Beirute: The Holy Koran Publishing House, 1980. Disponível em: http://www.nmschool.org/tthornton/sayyid_qutb.htm.
38. POST, Jerrold M. **Terrorism psycho-logic:** Terrorist behaviour as a product of psychological forces. In: REICH, Walter (Ed.). **Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of mind.** Washington: The Woodrow Wilson Center Press, 1990. p.31.
39. REICH, Walter (Ed.). **Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind.** Washington: The John Hopkins University Press, 1998. 289 p.
40. ROY, Olivier. **Globalized Islam: The Search for a New Ummah.** Columbia University Press, 2004. 320 p.

41. SAGEMAN, Marc. **Understanding Terror Networks**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. 2004. 220 p.
42. **Leaderless Jihad: Terrorism Networks in the Twenty-First Century**. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 2008. P.187.
43. **Site do Grupo Hamas**. Disponível em: http://www.hamasonline.com/index.php?page=hamas_profile.
44. **Site do Grupo Hezbollah**. Disponível em: <http://www.hizbullah.org>.
45. STERN, Jessica. **Terror em Nome de Deus**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. 344 p.
46. U.S. DEPARTMENT OF STATE. **Country Report on Terrorism 2005**. April 2006. Disponível em: <http://www.state.gov>.
47. WOODCOCK, George (ed). **The Anarchist Reader**. Glasgow: Fontana, 1977. p.43.
48. WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres: A Al Qaeda e o caminho do 11/9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 453 p.

SITES CONSULTADOS

1. <http://www.askoxford.com>.
2. <http://www.merriam-webster.com>
3. <http://eretzyisroel.org/nsamuel/lebanon.html>.
4. <http://www.state.gov/documents/organization/us323.pdf>.
5. http://www.nmhschool.org/tthornton/hassan_al.htm.
6. <http://www.salaam.com.uk/knowledge/biography/viewentry.php?id=115>
7. <http://www.state.gov/r/pa/ho/pubs/fs/5902.htm>

